

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DANIELA CARINE DOHS MACHADO

**COMPREENDENDO A REGIÃO DE FRONTEIRA POR MEIO DA LITERATURA:
UMA PROPOSTA INTERVENCIONISTA COM ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE BAGÉ/RS**

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

JAGUARÃO

2017

DANIELA CARINE DOHS MACHADO

**COMPREENDENDO A REGIÃO DE FRONTEIRA POR MEIO DA LITERATURA:
UMA PROPOSTA INTERVENCIONISTA COM ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE BAGÉ/RS**

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado ao Curso Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dr^a Cristina Pureza Duarte Boéssio

Jaguarão

2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

D655 Dohs, Daniela Carine Machado

Compreendendo a Região de Fronteira por meio da
Literatura: uma proposta intervencionista com alunos do
ensino fundamental de uma escola do município de Bagé/RS
/ Daniela Carine Machado Dohs.

146 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Pampa, MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2017.

"Orientação: Cristina Pureza Duarte Boéssio".

1. Região de Fronteira. 2. Literatura. 3.
Afetividade. 4. Memória. I. Título.

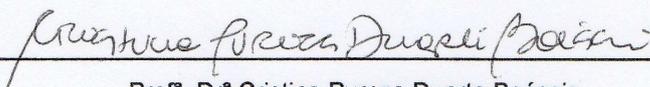
DANIELA CARINE DOHS MACHADO

**COMPREENDENDO A REGIÃO DE FRONTEIRA POR MEIO DA
LITERATURA: UMA PROPOSTA INTERVENCIONISTA COM ALUNOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE BAGÉ/RS**

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado
ao Curso Mestrado Profissional em
Educação da Universidade Federal
do Pampa, como requisito parcial
para obtenção do Título de Mestre
em Educação.

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado em: 30 de agosto de 2017.

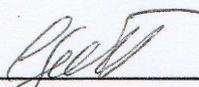
Banca examinadora:



Prof.ª. Dr.ª Cristina Pureza Duarte Boéssio

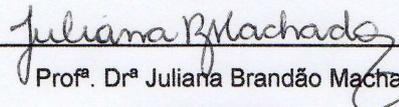
Orientadora

UNIPAMPA



Prof.ª. Dr.ª Cátia Rosana Dias Goulart

UNIPAMPA



Prof.ª. Dr.ª Juliana Brandão Machado

UNIPAMPA



Prof.ª. Dr.ª Beatriz Maria Boéssio Atrib Zanchet

UFPEL

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dirigido até este mestrado, me concedido saúde e força para superar as dificuldades;

À minha orientadora Cristina Pureza Duarte Boéssio pela confiança, orientações, correções e oportunidades de aprendizado;

À Universidade Federal do Pampa pela oportunidade de cursar um mestrado;

Aos professores que encontrei no decorrer do curso, pelo aprendizado e por ter me embasado teoricamente;

Aos membros da banca examinadora que se propuseram a ler meu trabalho e indicar melhores alternativas para o seu bom andamento, tanto no momento da qualificação, como agora, no relatório final;

À minha mãe Edith Dohs e meu esposo Luís Roberto Brudna Hölzle pelos momentos de apoio, carinho e incentivo;

Às minhas amigas Maria Eugênia Fontoura e Silene Comin, por todo o incentivo a auxílio na seleção do mestrado;

À minha querida e doce colega Lilia Monteiro Masson pela companhia, amizade, incentivo, reflexões e momentos de descontração;

Às minhas alegrias em forma de cachorrinhas, Nina e Olívia, pelo companheirismo, por me ensinar diariamente que a alegria de viver encontra-se nas pequenas coisas e pelo amor incondicional dedicado a mim;

À Escola Estadual de Ensino Fundamental Félix Contreiras Rodrigues e em especial à diretora Maria Francisca Colares Thompson Flores, que oportunizou a realização da Intervenção na referida escola;

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação e estiveram presentes na minha trajetória.

Muito obrigada!

A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.

Arthur Schopenhauer

RESUMO

Este Relatório Crítico-Reflexivo descreve e analisa uma Intervenção realizada com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual do município de Bagé/RS, que teve por objetivo incentivar o reconhecimento das características culturais e históricas do lugar em que os educandos vivem, despertando o interesse sobre a História, Geografia e Memória da extensão de Fronteira entre Brasil e Uruguai. A proposta metodológica está alicerçada no método da Intervenção, que buscou melhorar o ambiente em questão por meio de um projeto e a posterior avaliação dos seus efeitos. Neste trabalho, parti de alguns conceitos que considero importantes para a sua compreensão, como a utilização da Literatura Infantojuvenil, a formação do leitor, a Literatura como ferramenta para a compreensão da Região de Fronteira e o Turismo Pedagógico. Como instrumentos para coleta de dados, utilizei o questionário - sendo um aplicado antes da Intervenção, para diagnóstico dos saberes prévios dos educandos e outro após a sua conclusão - a observação participante e a análise do conteúdo escrito pelos alunos, que ocorreu por meio da reflexão e registro do processo da aprendizagem por parte dos sujeitos da pesquisa em uma caderneta de metacognição e, por fim, a análise das histórias ficcionais produzidas ao final da pesquisa pelos próprios educandos. Com base nestes instrumentos, foi possível observar que a compreensão acerca dos lugares em que os educandos vivem foi elucidada, as Memórias de infância vieram à tona com as ações interventivas, bem como, com a atividade do Turismo Pedagógico, eles puderam vivenciar na prática as características da Região de Fronteira e assim, criar as suas próprias concepções do lugar em que vivem. Também foi possível perceber que a caderneta de metacognição teve funções além do seu propósito inicial, que era oportunizar a reflexão e registro sobre os processos de aprendizagem dos educandos, pois também serviu como uma abertura para os alunos expressarem os seus sentimentos e opiniões, imprimindo assim, uma nova função, diferente daquela pensada inicialmente. Por fim, acredito que este relatório servirá para futuras pesquisas interventivas, sendo que este assunto referente às relações fronteiriças entre o Brasil e o Uruguai ainda tem muito campo para ser explorado.

Palavras-Chave: Região de Fronteira; Literatura; Afetividade; Memória.

RESUMEN

Este informe crítico-reflexivo describe y analiza una intervención con alumnos del 6º curso de educación primaria en una escuela pública en la ciudad de Bagé / RS, con el objetivo de fomentar el reconocimiento de las características culturales e históricos del lugar donde viven los estudiantes, a despertándoles interés por la Historia, la Geografía y la Memoria de la extensión de divisa entre Brasil y Uruguay. La metodología se basa en el Método de Intervención que busca mejorar el medio en que se esté insertado, por medio de un proyecto y la posterior evaluación de sus efectos. En este trabajo he tratado algunos conceptos que considero importantes para la comprensión de la intervención, el uso de la literatura infantil-juvenil, la formación del lector, la literatura como una herramienta para la comprensión de la región fronteriza y el Turismo Pedagógico. Para la recolección de los datos, adopté el cuestionario - uno, lo apliqué antes de la intervención para el diagnóstico de los conocimientos previos de los alumnos y el otro después de la finalización - la observación participante, en la cual fueron grabadas todas las acciones de la intervención y análisis de documentos, que se produjo a través de la reflexión y El registro de La parte Del proceso de aprendizaje de los sujetos de investigación en un cuaderno de metacognición y, finalmente, el análisis de historias de ficción producidas al final, por los propios alumnos. Sobre la base de estos instrumentos, observé que los puntos de vista de la Frontera, Historia y Geografía del lugar donde viven los estudiantes han sido aclarados, y también el recuerdo de la infancia, a partir de las acciones intervencionistas así como, con la actividad del Turismo Pedagógico, en que pudieron vivir en la práctica las características de la Región de Frontera y así crear sus propias concepciones del lugar en que viven. También fue posible ver que el cuaderno de metacognición tuvo funciones que fueron más allá de su propósito original, que era crear espacios de reflexión y el registro de los alumnos del proceso de aprendizaje, también sirvió como una apertura para que los estudiantes expresaran sus sentimientos y opiniones, y sus como la impresiones, dando así, un nuevo carácter al método. Por último, creo que este informe sirva para la investigación futura intervencionista, y este tema relativo a las relaciones fronterizas entre Brasil y Uruguay todavía tiene mucho terreno por explotar.

Palabras clave: Región Fronteriza; Literatura; Afectividad; Memoria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização geográfica do município de Bagé/RS.....	44
Figura 2 – Imagem da Escola E. E. F. Félix Contreiras Rodrigues.....	46
Figura 3 – Gráfico da relação dos alunos com uruguaiois	49
Figura 4 – Fotografia da socialização das caixas de tesouros	62
Figura 5 – Fotografia do conteúdo de uma das caixas de tesouros	63
Figura 6 - Fotografia do percurso geográfico narrado no livro Lata de Tesouros.....	64
Figura 7 – Fotografia dos temas para pesquisa	66
Figura 8 – Fotografia da votação do nome do blog	67
Figura 9 – Fotografia da visita cultural para Aceguá.....	70
Figura 10 – Fotografia do lanche coletivo em Aceguá.....	71

SUMÁRIO

1	MEMORIAL	11
2	INTRODUÇÃO	15
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
3.1	Compreendendo a Região de Fronteira	19
3.2	Percurso da Literatura Infantojuvenil no Brasil	22
3.3	A Literatura Infantojuvenil e a formação do leitor	25
3.4	Lata de Tesouros: Literatura e memórias pessoais	33
3.5	Turismo Pedagógico: o que é e como fazer?	37
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	40
4.1	Mestrado profissional e Intervenção Pedagógica	40
4.2	O Método da Intervenção	41
4.3	Contexto da Intervenção.....	43
4.4	Sujeitos da Intervenção	48
4.5	Descrição das ações que foram desenvolvidas na Intervenção	51
4.6	Método de Avaliação da Intervenção	56
4.7	Descrição de cada aula interventiva	57
5	ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES COLETADAS	74
5.1	Consciência da aprendizagem: interesse pela Fronteira	76
5.2	Onde a Literatura visita a Cultura	85
5.3	O trajeto do afeto	92
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
7	REFERÊNCIAS	106
8	APÊNDICES	111

1 MEMORIAL

Sou filha de professores e minha infância foi marcada pelo meio escolar, rodeada por livros, jogos, brincadeiras e aprendizado. A opção pelo magistério esteve desde muito cedo presente em minha vida, sendo a minha mãe, meu grande exemplo e inspiração.

Minha formação profissional e pedagógica iniciou no ano de 2000, com o meu ingresso no Curso de Magistério, no Instituto Estadual de Educação Érico Veríssimo, no município de Três Passos/RS. Esse curso serviu de base para a minha prática pedagógica, sendo também uma introdução à sala de aula e à pesquisa, uma vez que, durante todo o desenvolvimento do curso, estive em contato com os alunos em forma de estágios e atividades ligadas a diversos órgãos educacionais como Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE, Educação Infantil, Educação de Jovens e Adultos – EJA ou atividades ligadas à Terceira Idade, por meio de intervenções em Asilos e Casas de Repouso.

Como não poderia deixar de ser, ao concluir o curso de Magistério, influenciada positivamente por um professor da área, que expressava a paixão pela História e pela Educação, a minha escolha universitária foi a Licenciatura em História, na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. A minha prática pedagógica diária, é inspirada na mesma vontade de ensinar e o amor pelo que faço, que via no meu professor de História.

Com o curso de Graduação, pude aliar a prática pedagógica à pesquisa histórica e a reflexão sobre os diversos aspectos que formam uma sociedade, o nosso aluno e o meio em que ele está inserido. Percebi que a História tem papel importante na formação de um sujeito ativo e crítico na sociedade e a educação tem papel fundamental nesse processo de formação e transformação social.

Durante o curso desfrutei do contato com a pesquisa, a conservação e a preservação de documentos e memória da sociedade, bem como, compreendi os processos de ensino e de aprendizagem e metodologia da pesquisa. Assim, o espírito crítico, reflexivo, histórico e educativo está impresso na minha prática pedagógica, buscando uma educação de qualidade e uma sociedade mais justa e igualitária.

No trabalho de conclusão de curso, pesquisei o tema “Imigração Alemã na Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul”, visto que residia no município de Três Passos/RS que é uma região de colonização alemã e italiana, expressando muito dessa cultura e costumes ainda na contemporaneidade.

Após a conclusão da graduação, no ano de 2008, mudei-me de cidade, vindo a residir no município de Bagé/RS, no qual me deparei com uma cultura nova para mim, que se mescla com a cultura uruguaia, o que despertou minha vontade de conhecer e pesquisar mais sobre a Região de Fronteira, suas características, tradições, costumes, língua e história. A partir de então, iniciei uma pequena coleção literária sobre a região do pampa gaúcho e da Fronteira entre o Brasil e o Uruguai, com autores bageense e regionais, como Luiz Coronel e Alcy Cheuiche.

No primeiro ano residindo no município de Bagé/RS, recebi o convite para ministrar aulas como voluntária no curso preparatório para o vestibular da Universidade Federal do Pampa – Unipampa, organizado por educadores da mesma instituição. Essa experiência foi muito gratificante, pois o público alvo era uma parcela carente da sociedade, o que possibilitou que eu os auxiliasse não somente nos processos de ensino e de aprendizagem, mas na busca de um sonho que era o ingresso em uma Universidade Federal. Práticas como essa, é que me fizeram ter vontade de prosseguir com os meus estudos e aperfeiçoar-me em uma pós-graduação.

Em agosto do mesmo ano, ingressei no curso de Pós-Graduação Lato Sensu em “Formação Docente para o Ensino Superior”, na área de Educação, pela Anhanguera – UNIDERP (Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal). Por meio dessa especialização, compreendi os processos sobre as tecnologias da comunicação e informação na atuação docente, formação pedagógica, pesquisa educacional e a prática docente.

O curso na UNIDERP foi de extrema relevância para a minha prática, pois me conferiu ainda mais conhecimento sobre o sistema de Educação a Distância – EAD, sendo que ele está associado à ideia do indivíduo como protagonista de seu próprio processo de aprendizagem, entretanto, de uma forma orientada.

O tema de pesquisa foi “Educação a Distância e Aprendizagem Independente”, por meio do qual, pude constatar que o compromisso da Educação a Distância não é substituir a educação presencial e o professor. Seu objetivo é integrar as áreas da educação, da informática e comunicação para aprimorar e transformar os alunos em

uma comunidade de investigação e aprendizagem, sem a objeção que a distância impõe entre o educando e o local de estudo, de forma que possa transitar entre estes espaços de forma livre e autônoma.

No ano de 2009 recebi uma proposta de trabalho como regente de classe, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Monteiro Lobato, no município de Hulha Negra/RS, a cerca de 30 km de Bagé/RS. Essa por sua vez, foi uma experiência satisfatória, em razão de trabalhar com educandos do meio rural e assentados, pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST.

Essa prática pedagógica foi marcante, uma vez que conheci um pouco mais sobre o modo de vida e o pensamento dos educandos e suas dificuldades em acessar o ambiente escolar, visto que em épocas de chuva, a estrada que os levava à escola, que era de terra, ficava intransitável. Ou, quando relatavam suas atividades no campo em concomitância com os estudos, em que era necessário levantar muito cedo da manhã para realizar as tarefas domésticas, para então viajar até à escola, o que muitas vezes, gerava sonolência e cansaço quando iniciavam seus estudos no ambiente escolar.

Questões de ensino como essas, necessitaram um planejamento pedagógico diferenciado, levando em conta o meio social, cultural e econômico que cercava os educandos, a fim de suprir suas necessidades, o que foi uma experiência extremamente satisfatória.

Nesse mesmo ano de 2009, recebi outra proposta de trabalho, desta vez, no município de Bagé/RS, para trabalhar em uma escola privada, no turno da tarde, o Colégio Franciscano Espírito Santo, no qual sou professora até o presente momento.

Esta experiência, por sua vez, exigiu outro olhar sobre o fazer pedagógico, sendo que o público-alvo era de outra classe econômica, social e cultural, necessitando uma readequação a este ambiente.

No ano seguinte, 2010, a diretora dessa instituição de ensino, convidou-me para trabalhar também no turno da manhã, com as 7^o e 8^a séries (na época), e, apesar de gostar de trabalhar no município de Hulha Negra/RS, pela dificuldade de deslocamento, decidi-me por trabalhar apenas na cidade de Bagé/RS.

Neste mesmo ano, dei início à Especialização em História, na Universidade da Região da Campanha – URCAMP, campus Dom Pedrito/RS. Por meio desta, aprofundei meus conhecimentos acerca da metodologia do ensino e da pesquisa, bem como da História estadual, regional e local, o que aguçou a minha vontade em

conhecer mais sobre a História da Região de Fronteira e na identificação dos seus habitantes, bem como nas concepções que eles fazem de si mesmos.

No final do ano de 2013, fui aprovada no concurso do Magistério Estadual do Rio Grande do Sul e iniciei meu trabalho na Escola Estadual de Ensino Fundamental Félix Contreiras Rodrigues, no município de Bagé/RS, com o 6º ano, nas disciplinas de História, Geografia e Ensino Religioso. Escolhi essa, na qual realizei a Intervenção.

Minhas experiências profissionais e vivências expressaram a vontade em conhecer as relações que se estabelecem com os alunos da Região de Fronteira entre Brasil e Uruguai, como eles valorizam as combinações de tradições, línguas, costumes e história do lugar, que somente uma região que interliga dois países pode proporcionar.

A educação tem papel fundamental em despertar o sentimento de valorização e preservação desta fusão cultural, sendo que a minha proposta de Intervenção Pedagógica veio ao encontro deste pensamento, a partir da Literatura regional, aliando educação e historicidade, a fim de proporcionar o estudo e a reflexão sobre as relações fronteiriças, preservando sua identidade, memória e aprofundando o estudo das características históricas e geográficas da região. A seguir apresento a introdução do trabalho, com os objetivos e a justificativa.

2 INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado a partir de uma Intervenção Pedagógica com alunos da Região de Fronteira entre o Brasil e o Uruguai, com o objetivo de incentivar o reconhecimento das características culturais e históricas do lugar em que vivem, despertando o interesse nos educandos sobre a História, a Geografia e a Memória da extensão de divisa entre Brasil e Uruguai.

Penso que a educação na região, tem também como objetivo integrar e valorizar a fusão cultural dos dois países. Assim, a prática docente deve destacar, trabalhar e valorizar a diversidade cultural dos educandos, ressaltando os costumes comuns que uma Região de Fronteira apresenta.

Isto não ocorre no contexto escolar atual, sendo que a cultura e costumes da Região de Fronteira, inúmeras vezes, são negadas e silenciadas, fazendo com que, em alguns casos, as características históricas e geográficas do lugar no qual os educandos vivem, bem como a memória dos habitantes fronteiriços, não sejam trabalhadas no ambiente escolar.

Segundo Santomé (2002), para a real construção de uma sociedade crítica, em que sejam valorizados o aluno e sua cultura, é necessário repensar a educação atual, incluindo nas práticas docentes não somente os conteúdos escolares, como também os conteúdos culturais, objetivando assim, trazer à sala de aula os grupos sociais em que o educando está inserido e dar voz e notoriedade às vozes ausentes.

O papel exercido pelos educadores no fazer pedagógico poderia ser de agentes de transformação social, de desconstruir verdades impostas no contexto escolar e dar voz às culturas negadas e silenciadas. Paulo Freire (1990) afirma que os educadores precisam utilizar o universo cultural de seus alunos como ponto de partida, fazendo com que eles sejam capazes de reconhecer-se como possuidores de uma identidade cultural específica e importante. Por isso, podemos partir do cotidiano e das vivências dos educandos, para assim, alcançar uma aprendizagem significativa, sendo que

uma das finalidades fundamentais de toda intervenção é a de preparar os/as alunos/as para serem cidadãos ativos/as e críticos/as, membros solidários e democráticos de uma sociedade solidária e democrática. Uma meta desse tipo exige, por conseguinte, que a seleção dos conteúdos

curriculares, os recursos e as experiências cotidianas de ensino e aprendizagem que caracterizam a vida nas salas de aula, as formas de avaliação e os modelos organizativos promovam a construção dos conhecimentos, destrezas, atitudes, normas e valores necessários para ser bom/boa cidadão/ã. (SANTOMÉ, 2002, p. 159)

Para que isso aconteça, é essencial buscar uma prática em que a cultura é trabalhada e os conhecimentos dos educandos são considerados. O planejamento pedagógico deve ultrapassar o conteúdo escolar, perpassando pelos conteúdos culturais. Sendo assim, a prática docente não pode ficar restrita às unidades didáticas isoladas e descontextualizadas, é preciso uma reflexão diária e permanente do fazer pedagógico, a fim de incluir e não excluir, de agregar e não de separar.

Ao se estudar a Região de Fronteira, compreendemos as características de um modo de vida cercado por uma mistura cultural e histórica. Tais marcas são representada pelos habitantes do lugar; esses por sua vez, formam laços de amizade ou de parentesco entre os dois países vizinhos, que ultrapassam a demarcação oficial estabelecida pelos estados fronteiriços. Esta ligação está tão enraizada na cultura local, que muitos dos moradores do lugar não se veem como cidadãos de uma Região de Fronteira, não refletem sobre ela, porque já estão habituados.

Ao observar e constatar a inexistência de práticas docentes que privilegiem esta cultura fronteiriça e o desconhecimento sobre a história do seu local de estudo, é que se justifica a necessidade de identificar e incentivar a reflexão sobre esta situação, na construção de cidadãos integrados ao meio em que vivem, conhecedores da História do lugar onde estudam, incluindo o estudo das relações entre o Brasil e o Uruguai.

Nesta perspectiva, inicialmente o projeto de Intervenção Pedagógica estava alicerçado em contos literários regionais e na autoimagem dos alunos fronteiriços, no entanto, após a qualificação do projeto, fui incentivada pela banca a procurar uma Literatura mais voltada à faixa etária dos alunos, visto que, o projeto estava direcionado para o Ensino Fundamental.

Foi então, que me dediquei a procurar na Literatura Infantil e Infantojuvenil bases para fundamentar a minha vontade e necessidade em trabalhar sobre fronteira, História, Geografia e Memória da Região de Fronteira entre o Brasil e o

Uruguai, mobilizando a que os alunos conhecessem o lugar onde vivem e as características do país que faz divisa com o seu. Assim, me deparei com o livro “Lata de Tesouros” do autor Carlos Urbim, que veio ao encontro da proposta da Intervenção.

A partir dos textos da Literatura Infantojuvenil se justifica pelo desconhecimento dos educandos sobre os autores regionais e a necessidade por mim observada, em trabalhar as relações e os conhecimentos das raízes da nossa História.

Assim, cabe a nós, professores, trabalharmos em sala de aula essas semelhanças culturais, linguísticas, geográficas, históricas e a memória dos habitantes do lugar, levando a refletir sobre a relação que os dois países mantêm. Salientar a Literatura que explora estas relações, utilizando-a não apenas de maneira isolada, mas sim de forma interdisciplinar e colaborativa, de modo que o aluno possa perceber-se como parte integrante e importante desta região tão diversa culturalmente.

Diante do exposto, na sequência apresento o referencial teórico, que é composto por cinco seções, sendo que na primeira seção, discuto as especificidades de uma Região de Fronteira, focando na divisa entre o Brasil e o Uruguai, que é a realidade apresentada neste relatório.

Na segunda seção, traço um breve percurso da Literatura Infantojuvenil, desde a tradição europeia, até o Brasil, destacando também a trajetória e importância dos livros escolares para este público, aliada com a prática pedagógica.

Na terceira seção, discuto a relação entre a Literatura Infantojuvenil e a formação do leitor, salientando a sua importância na prática docente e as possibilidades para compreender melhor o meio em que se vive.

Na quarta seção, transcorri sobre a obra utilizada na Intervenção, o livro “Lata de Tesouros”, do autor Carlos Urbim, reiterando como a obra resgata as memórias de infância e as relações fronteiriças na infância, isto, a partir da ficção como meio para compreender a região.

Na quinta seção, discuto sobre o Turismo Pedagógico, aqui denominado de Visita Cultural, com as suas características essenciais e o modo para se estabelecer uma prática pedagógica significativa com ele, bem como, a sua importância para a construção dos conhecimentos geográfico, histórico e da realidade vivida por parte dos educandos.

Na sequência, sigo com os procedimentos metodológicos, em que, explicito as características de um mestrado profissional, da Intervenção pedagógica e da abordagem qualitativa, sendo que, os instrumentos de coleta de dados utilizados foram o questionário, a observação participante, o registro realizado pelos educandos em uma caderneta de metacognição e as suas produções literárias.

A seguir, abordo o contexto e os sujeitos da Intervenção, sendo que ela ocorreu em uma escola estadual, de ensino fundamental, com uma turma de alunos do 6º ano.

Sigo com a descrição das ações que foram desenvolvidas, exponho a partir do contato inicial com a diretora da escola, solicitando a autorização para a realização da pesquisa, até as atividades que foram realizadas, incluindo leitura literária, mapas, pesquisa bibliográfica, produção literária realizada pelos educandos e visita cultural, bem como, apresento um cronograma das atividades que foram desenvolvidas, com objetivos e recursos utilizados.

No capítulo sobre o método de avaliação do trabalho, discuto sobre a importância em se realizar a avaliação da pesquisa, como eu categorizei as pautas de observação, as análises dos questionários e como fragmentei os assuntos nas cadernetas de metacognição. Fracionei por seções, onde também, descrevi as doze ações interventivas, destacando a observação por mim realizada, com alegrias e desafios, reflexões e adaptações que ocorreram nos encontros.

Segui com as três categorias da Intervenção, sendo a primeira delas, intitulada de - Consciência pela aprendizagem: interesse pela Fronteira – que foi previamente definida, onde discuto sobre os processos de aprendizagens que os alunos estavam passando e o crescente interesse pela Fronteira entre o Brasil e o Uruguai.

As duas categorias seguintes, que emergiram da pesquisa interventiva, foram intituladas: “Onde a Literatura visita a Cultura” e “O trajeto do afeto”. Na primeira categoria emergente, abordo a importância demonstrada pelos educandos sobre a Literatura em consonância com o Turismo Pedagógico, o que neste trabalho foi denominado de Visita Cultural. E, na última categoria abordo a ligação entre a Visita Cultural, com os relatos de afeto expressados pelos educandos nas cadernetas.

Por fim, trago as considerações finais do trabalho, seguida pelas referências e apêndices, neste último, entre outras passagens, estão os materiais utilizados na Intervenção e os registros das cadernetas de metacognição. A seguir, trago a fundamentação teórica, com as cinco seções que fundamentam esta pesquisa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo abordo a fundamentação teórico-conceitual que considero pertinente para o desenvolvimento e a compreensão do relatório, discutindo sobre a Região de Fronteira; o percurso da Literatura Infantojuvenil, da tradição europeia até o Brasil; a Literatura Infantojuvenil e a Formação do Leitor; abordo também o livro *Lata de Tesouros*, entrelaçando a Literatura, as Memórias pessoais e de infância; e, por fim, o Turismo Pedagógico, com as suas principais características e como melhor planejar e implementar a sua realização. Assim, a seguir apresento a primeira seção da fundamentação teórica.

3.1 Compreendendo a Região de Fronteira

A legislação brasileira (Lei de Fronteira, nº 6.634 / 79), define como Região de Fronteira a faixa de território que corresponde a 150 km (cento e cinquenta quilômetros) para além dos limites internacionais com quaisquer países. O município de Bagé/RS faz fronteira com o Uruguai, sendo este, composto de campos e propriedades privadas e também se localiza a 60 km (sessenta quilômetros) da fronteira com o município de Aceguá/RS, que possui uma cidade gêmea¹ com a cidade do Uruguai.

A Região de Fronteira compreendida entre estes dois países configura-se como uma fronteira seca, ou seja, onde não existe um rio, lago, ou oceano separando, apenas uma delimitação simbólica de que ali acaba um país e começa o outro. É livre e pacífica a circulação das pessoas por entre elas, sendo o fator militar empregado em sua maioria nas atividades de controle de mercadorias, tráfico de armas, drogas e contrabando.

Segundo Raffestin (1993), a fronteira é uma linha imaginária que cristalizada se torna ideológica e que carrega consigo relações de poder e integração entre os atores sociais. E, como afirma Pereira (2009), por estarmos inseridos em uma

¹ Segundo o Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira, caracterizou as cidades gêmeas como adensamentos populacionais cortados por linhas de fronteiras, sejam secas ou fluviais, articuladas, com ou sem obras de infraestrutura. Disponível em <http://www.mi.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=e5ba704f-5000-43df-bc8e-01df0055e632&groupId=10157>. Acesso em: 10 fev. 2016.

Região de Fronteira, nossa cultura, costumes e tradições se interligam e pulverizam umas nas outras, gerando assim, uma construção cultural dos povos de Fronteira, com características e peculiaridades próprias. Como aponta Silva, “cultura é o conjunto de práticas, de técnicas, de símbolos e de valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a convivência social” (2005, p. 85).

Nessa perspectiva, a cultura abrange a totalidade de informações e costumes que as gerações passam para os seus descendentes, não apenas para garantir a sua sobrevivência, mas para guardar a sua Memória e História, sendo que esta ocorre, muitas vezes, de forma natural, sem pretensões conscientes.

Segundo Sarquis (1996), a Região de Fronteira integra grandes áreas, em que, de um lado temos grandes franjas territoriais e do outro, linhas de demarcação geográfico-político, na qual, as populações convivem com as particularidades próprias da região, que as diferenciam de outros lugares dos territórios nacionais. Sturza (2010, p. 86) afirma que “essas fronteiras têm histórias locais distintas embora apresentem uma série de traços culturais, códigos sociais comuns”, como no caso da fronteira do Brasil com o Uruguai.

A proximidade entre estes dois países fez com que eles não compartilhem somente o território geográfico, mas toda a construção cultural fronteiriça, como as línguas dos dois países, o portunhol, a culinária, os costumes, a vestimenta, entre outras características próprias do lugar que foram recriadas e modificadas ao longo dos anos.

As especificidades desta região contribuem para a formação de uma identidade regional, em que os territórios são separados por uma linha imaginária, porém são integrados em torno da cultura e costumes recriados pelos dois países. Assim, segundo Santos (1994, p. 49) “em tal zona, são imensas as possibilidades de identificação e de criação cultural”, a região fronteiriça é uma região de entrecruzamentos, onde os contatos entre os diferentes povos se espalham e se ordenam, como afirma Santos,

o contexto global do regresso das identidades, do multiculturalismo, da transnacionalização e da localização parece oferecer oportunidades únicas a uma forma cultural de fronteira precisamente porque esta se alimenta dos fluxos constantes que a atravessam. A leveza da zona fronteiriça torna-a muito sensível aos ventos. É uma porta de vai-e-vem, e como tal nunca está escancarada, nem nunca está fechada (SANTOS, 1994, p. 50)

Segundo Sturza (2010) a identidade do povo fronteiriço também se evidencia nas línguas da fronteira, em um processo de identidade particular da região, transitando entre o habitar e o viver. Na qual, muitos moradores da região circulam entre uma língua e outra, entre o português e o espanhol, recriando um dialeto próprio.

Assim, ainda segundo Sturza (2005), designar a língua da fronteira é também dizer o seu lugar político nas relações históricas, pois tudo o que foi recriado pelos habitantes do lugar, está carregado de acontecimentos e vivências históricas, que aos poucos formaram a sua identidade fronteiriça, assim como nas

construções sociais, as representações que os sujeitos deixam na língua relacionam-se com aquilo que eles constroem como significativo de suas marcas identitárias, assim como a memória e o imaginário que fazem parte da fronteira concebida como um terceiro território, alargando nos seus limites cartográficos. (STURZA, 2010, p. 89)

Nas palavras de Farias-Marques (2014, p. 43), “as regiões e cidades de fronteira, delimitadas ou não por obstáculos geográficos, são marcadas por uma formação linguística diferenciada, pois nelas se estabelecem relações sociais entre sujeitos brasileiros e uruguaios”. Estas relações sociais se devem em grande parte, também, ao fato de que as políticas de avizinhamento que os cidadãos de fronteira estão expostos, os predispõe a entrar em contato por diferentes formas.

Uma destas formas de contato fronteiriço é por meio dos freeshops, ou seja, dos comércios livres de impostos, o que faz com que a mobilidade de brasileiros ocorra com maior intensidade nas cidades que contam com estes estabelecimentos comerciais. No entanto, os uruguaios não podem realizar compras lá, sendo que o governo uruguaio não permite a venda dos produtos aos seus cidadãos, visto que a criação deste tipo de comércio tem a intenção de captar recursos externos e atrair turistas para as cidades uruguaias.

No caso da fronteira de Bagé e Uruguai, isto não ocorre porque o limite geográfico não contempla a zona urbana, por outro lado, há o estabelecimento destes estabelecimentos comerciais livres de impostos na cidade vizinha, Aceguá, em que o número de pessoas, bageenses inclusive, que passaram a transitar na fronteira, aumentou consideravelmente após a sua instalação. Assim como afirma Sturza (2010, p. 45) “o comércio, ao longo da história, beneficiou-se das situações

econômicas favoráveis para impulsionar os negócios locais”, sendo que, em torno destes comércios, estabelecem-se restaurantes, lancherias, venda de produtos locais e tudo para beneficiar-se com o intenso tráfego de pessoas pela região.

Por ser um local de movimentação de pessoas, que carregam consigo uma bagagem cultural, a educação tem importante papel nesta região com o objetivo de agregar as especificidades da cultura que se apresenta no lugar, juntamente com as características e conhecimentos pessoais dos educandos, recriando-as e valorizando-as no ambiente escolar. Assim como defende Sturza, em que

no desafio de compreender como se organiza esta zona tão periférica dos Estados nacionais e, ao mesmo tempo, tão necessária a uma política que se define pelo arranjo dos blocos, dos grupos e das comunidades, traz para discussão, não a geografia como determinante das relações, mas os sujeitos políticos e históricos que habitam as fronteiras que divide territórios. Linha esta que lhes permite mover-se e volver. (STURZA, 2010, p. 83 e 84)

Assim, conciliei as relações entre História, Geografia, Memória e Literatura, pois segundo Ferreira (1996), estas relações estão no centro do debate sobre a disciplina histórica e a educação na atualidade, constituindo o seu estudo, uma reflexão que já se acumula durante várias décadas e envolve diferentes áreas do conhecimento, na construção de uma identidade nacional.

A seguir apresento um breve relato da trajetória histórica da Literatura Infantojuvenil, pois neste trabalho, utilizei dela e considero pertinente contextualizar a trajetória da Literatura no Brasil, para assim, compreender melhor as suas especificidades no contexto escolar.

3.2 Percurso da Literatura Infantojuvenil: da tradição europeia para o Brasil

A Literatura Infantil e Infantojuvenil teve sua origem com a tradição oral, nas camadas mais humildes da sociedade europeia, em que os antigos povos que, muitas vezes, por não saberem ler, contavam histórias irreais ou verdadeiras, geralmente à frente da lareira, para distrair-se. Estas narrativas históricas, por meio da própria experiência da humanidade, foram passando de geração para geração e recriadas na Literatura,

a experiência humana por meio do material literário ganha forma pelo menos desde a antiguidade clássica. A narrativa, como se sabe, não tem uma origem exata, consistindo em dimensão estruturante da condição humana. Herdamos o mito, a poesia, o drama, as narrativas heroicas que foram se multiplicando em gêneros identificáveis porque recorrentemente narrados e escritos, constituindo-se em matéria da memória (DALVI et al., 2013, p. 53)

Posteriormente, no século XIX, estas histórias foram transformadas em livros para crianças, em que contavam fábulas e recriavam o imaginário popular. Primeiramente foram traduzidas da literatura europeia e depois agregaram a tradição popular regional brasileira.

Arroyo (2011) destaca que as primeiras histórias ficcionais infantis eram terríveis, assustavam as crianças e carregavam uma missão de educar por meio da repressão. Contavam histórias de tradição e sobrevivência e que eram exibidas por qualquer pessoa, sem formação ou instrução adequada para reproduzir uma história infantil, com a emoção, entonação e técnica necessária para atrair e impressionar o ouvinte.

Com a popularização da Literatura entre as camadas mais elevadas da sociedade, em final do século XIX e início do século XX, os livros escolares tiveram destaque, entretanto, a leitura sobrecarregava o leitor e tinha o claro objetivo de memorizar fatos. Assim como

não são poucos os depoimentos de nossos mais ilustres intelectuais do século passado sobre o que liam na infância e na adolescência, que indicam o forte trânsito da influência europeia no Brasil por meio de Portugal e livros portugueses. Tais leituras eram quase sempre pesadas, de um espírito moralista acentuado na sua falsidade ou precariedade, obrigacionais, sem o menor interesse pelo entretenimento, como o compreendemos hoje. O objetivo de tais leituras era armazenar na cabeça da criança conhecimentos, fatos e conceitos dos padrões sociais e educacionais então vigentes (ARROYO, 2011, p. 106)

Desta forma, a oferta de livros no Brasil, no início do século XX, ficava limitada a temas religiosos, que segundo Arroyo (2011), havia em grande número, ou aqueles com funções educativas e instrutivas. A grande maioria deles vinha de Portugal, ou da França, quando em língua estrangeira.

Mesmo estes livros possuindo as características de suprir as necessidades e obrigações escolares, acabaram por oportunizar às crianças e adolescentes da época, o gosto pela leitura e o desenvolvimento da curiosidade, porque

tais livros não traduziam apenas o processo do aprendizado da história, das ciências naturais, da gramática, da retórica. Traziam também aquele necessário condimento que é o sal da curiosidade, muitos deles tecnicamente enriquecidos por ilustrações e desenhos, a que não eram estranhas as preocupações estéticas (ARROYO, 2011, p. 130).

Posteriormente, as traduções dos livros escolares começaram a dar espaço para a criação literária brasileira no campo da ficção, no entanto com raízes na realidade. Deste período temos famosas obras como *Através do Brasil*, de Manuel Bonfim e Olavo Bilac e *Saudade*, de Tales de Andrade.

A Literatura Infantil e Infantojuvenil teve crescimento e destaque com uma nova orientação, a popular. Deixou de exclusivamente publicar livros pensando no público escolar, mas se voltou ao caráter geral, com o objetivo de entreter o leitor, assim surgem os Contos de Fadas no Brasil, com traduções de Perrault, de Grimm e outros títulos que traziam inclusive ilustrações em suas páginas.

Segundo Arroyo (2011, p. 268), “por volta de 1914, a leitura escolar já se caracterizava por uma temática nacional” e neste período o escritor brasileiro Olavo Bilac dedicou a sua poesia ao público infantil, entretanto, ainda com caráter educativo. Foi seguido por escritores que se tornaram referência no assunto de Literatura Infantil e Infantojuvenil, como Monteiro Lobato.

Atualmente, dispomos de inúmeras obras literárias para os públicos infantis e infantojuvenis, entretanto as suas principais características, segundo Arroyo são

tradicional (folclore), educativa (no sentido de insistir em temas didáticos), ficcional (pura criação de estória com invenção de tema). A primeira área vem sendo largamente explorada entre os autores brasileiros que valorizam dessa forma os elementos da cultura popular resultantes da confluência das culturas europeia, africana e indígena. A segunda área, reconheça-se, embora não ideal, a rigor dentro do conceito puro da literatura infantil, faz-se necessária em um país como o nosso, em franco desenvolvimento, em que é preciso insistir na difusão de conhecimentos, de educação, de valores cotidianos, de história, de higiene, de ciência, etc. A terceira área, porventura a mais legítima na conceituação da literatura infantil – e por isso mesmo a mais difícil pelas qualidades que exige do escritor – já nos tem dado obras de real importância a partir de Monteiro Lobato (ARROYO, 2011, p. 307)

No entanto, segundo Paiva e Oliveira (2013), não podemos esquecer que os livros dirigidos às crianças são escritos por adulto, sendo assim, eles possuem a intenção de transmitir através de seus textos, ensinamentos que julgam pertinentes, conforme sua visão adulta, que seriam interessantes para criança. Todavia, o livro infantil e Infantojuvenil só será considerado Literatura infantil legítima mediante a aprovação natural da criança leitora, sendo que, para isso, o livro precisa atender as suas necessidades, que segundo as autoras, estas seriam: povoar a imaginação, estimular a curiosidade, divertir, educar e instruir, assim como

formar leitores que leiam com gosto, com sensibilidade, com “conhecimento de causa” e com discernimento, na escola, fora da escola e para além da escola. O objetivo é formar leitores para a vida, no sentido plural desta expressão: leitores para toda a vida e leitores que buscam nos textos literários conhecimento, sabedoria, prazer, crítica e – porque não? – consolação indispensáveis à vida (DALVI et al., 2013, p. 79).

Assim, compreendendo as concepções de Literatura Infantil, ou Infantojuvenil e a sua relação com a prática pedagógica, a leitura pode contribuir de forma significativa numa sociedade letrada, no exercício da cidadania e no desenvolvimento intelectual. Na sequência, abordo a relação entre a Literatura Infantojuvenil em uma perspectiva de formação do leitor.

3.3 A Literatura Infantojuvenil e a formação do leitor

Recorrer à literatura Infantojuvenil na prática pedagógica interventiva me possibilita promover a recriação de um universo de seres, acontecimentos e uma trama que une História e ficção, reproduzindo situações que ocorreram com o imaginário de uma sociedade, em um determinado local. Ao optar por trabalhar com História, Geografia e Memória, aliado com a Literatura, estou diversificando o fazer pedagógico, inserindo os meus educandos em um mundo de possibilidades, no qual eles possam refletir sobre a sua condição, no meio em que vivem.

Bem como, entendo que a Literatura possa ser vista também como produção de conhecimento, não apenas como os padrões pré-estabelecidos de um mundo universal, ou seja, daquilo que conhecemos. Mas sim, um ambiente em que tudo

possa ser visto como Literatura, como arte, em uma determinada sociedade, assim como os seus costumes e cultura, proporcionando um ambiente que o leitor possa perceber a sua presença viva e participante no mundo, tendo acesso também ao imaginário de diferentes épocas.

Assim como defendeu a historiadora e escritora Pesavento (2006), em que, a interlocução entre a História e Literatura, tomam um caminho que se desenvolve nos rastros do tempo, intrincados no cotidiano e que auxiliam a compreensão da realidade. Afirma ainda que,

história e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música (PESAVENTO, 2006, p. 02)

Neste meio literário, expressado pela linguagem das sociedades de diferentes épocas, em que o imaginário comporta o envolvimento do real, a linguagem trouxe fatos da vida cotidiana dos sujeitos para a Literatura. Desta forma, por apoderar-se deste meio, “o homem é capaz de inventar para além dos usos cotidianos da língua, imaginar situações jamais vivenciadas, transferir-se para os papéis representados pelos personagens, além de outras dimensões próprias do fazer literário e de sua recepção” (DALVI et al., 2013, p. 54).

Por isso, optei pela Literatura Infantojuvenil, sendo que ela implica inúmeras possibilidades no ambiente escolar, permite que o leitor seja parte da História, que suas vivências sejam impressas ao texto literário, que ideias sejam confrontadas e que o conhecimento seja construído. Assim,

a literatura infantojuvenil oferece uma mina de obras de qualidade para esse aprendizado da leitura literária. Há um grande número de obras nesse domínio – álbuns, romances, peças de teatro – cujas feições correspondem às grandes obras da literatura contemporânea. A leitura dessas obras tende a criar um novo horizonte de expectativas nos alunos (DALVI et al., 2013, p. 27).

No entanto, ao optar pela Literatura no ensino fundamental, deve-se ter o cuidado de atender a linguagem e interesse dos educandos, procurando sempre instruir o aluno como sujeito leitor e “partir da recepção do aluno, de convidá-lo à aventura interpretativa com seus riscos, reforçando suas competências pela aquisição de saberes e de técnicas” (DALVI et al., 2013, p. 20).

Por isso, o gênero ficção é uma pertinente opção para despertar a curiosidade e a imaginação do leitor, pois, “é por meio do imaginário que a criança reconhece suas próprias dificuldades e aprende a lidar com elas, podendo assim, se reconhecer melhor e se conhecer como parte integrante do mundo que a cerca” (PAIVA; OLIVEIRA, 2013, p. 05).

Deste modo, por meio deste trabalho de Intervenção, os educandos se perceberam como participantes de uma região rica em cultura e características diversificadas, que se entrelaçam, se misturam e que, por meio da Literatura, eles puderam vivenciá-la e recriá-la. Assim, a partir da Literatura no processo de identificação da condição dos educandos fronteiriços e sua cultura, tive que repensar o modo como esta deveria ser utilizada, de forma que servisse como instrumento pedagógico e social, em que

é necessário que o ensino da literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno (COSSON, 2014, p. 47).

Desta forma, haverá um aproveitamento maior de todas as implicações sociais e éticas que a Literatura abrange e o educando será incentivado a refletir sobre o seu meio, porque ela “produz um fenômeno próprio da leitura literária: a alteração da obra pelo leitor e a alteração do leitor pela obra. O leitor se expõe ao ler, se desapropria de si mesmo para se confrontar com a alteridade e descobrir a alteridade que está nele” (DALVI et al., 2013, p. 28).

Assim, trabalhar com Literatura em sala de aula, contribui para a conscientização e reflexão das concepções pessoais dos alunos, sendo que o ato da leitura explora a experiência e a sua imaginação, bem como,

convida também a explorar a experiência humana, a extrair dela proveitos simbólicos que o professor não consegue avaliar, pois decorrem da esfera íntima. Enriquecimento do imaginário, enriquecimento da sensibilidade por meio da experiência fictícia, construção de um pensamento, todos esses elementos que participam da transformação identitária estão no ato da leitura (DALVI et al., 2013, p. 24)

Segundo Nascimento (2011, p. 01), “na ação de ler, condições sociais, culturais, históricas, afetivas e ideológicas entram na construção de sentidos”, bem como, modifica e ou acrescenta algo ao educando leitor e ele também acrescenta às suas leituras bagagens, vivências e memórias pessoais. Assim como,

cada um traz pra o ato de ler sua bagagem existencial e social e, a partir de seu horizonte de experiências, atribui significados às indicações oferecidas pelo texto, privilegiando alguns dados e desprezando outros, montando entre eles uma rede de conexões possíveis, de modo a obter um resultado significativo para o seu universo compreensivo (DALVI et al., 2013, p. 154).

Do mesmo modo, Cosson afirma que estas relações formam o Letramento Literário, em que

a história de leitor do aluno, as relações familiares e tudo mais que constitui o contexto da leitura são fatores que vão contribuir de forma favorável ou desfavorável para esse momento interno. A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Para isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social (COSSON, 2014, p. 65)

Segundo Travaglia (2004), a Literatura instaura um modo de interação do objeto com o leitor, no tempo e no espaço inseridos no texto e que Cosson (2014), afirma que para o Letramento Literário, os textos devem ser preferencialmente curtos, contemporâneos e divertidos, sendo que

no ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com ficção ou poesia. O limite não é dado por esse parentesco, mas sim pela temática e pela linguagem: ambas devem ser compatíveis com os interesses da criança, do professor e da escola (COSSON, 2014, p. 21).

Cosson (2014, p. 17), afirma que “a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar esta experiência”, assim, a Literatura tem um papel importante na sociedade, que é de humanizar o aluno e seu meio. Porque, por meio dela, ele terá a oportunidade de conhecer melhor o seu mundo e aquele que o cerca e desta forma, a Literatura transforma-se em um processo de formação humana, tanto da escola, como do aluno, que possibilita o educando vivenciar experiências novas, refletir sobre o seu meio e, porque não, sonhar com um mundo diferente e melhor. Assim como,

é por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra o seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização (COSSON, 2014, p. 17)

Segundo Nascimento (2011, p. 147), “durante a ação de ler, o leitor faz emergir a biblioteca vivida, isto é, aciona tanto as experiências pessoais, quanto os dados culturais”. Por isso, a Literatura deve ser vivenciada pelos alunos, ela se faz na prática, no ato da leitura,

Do mesmo modo que “o aluno seja efetivamente um leitor com identidade própria, isto é, um leitor que leia com a sua memória, sua imaginação, sua experiência vital, suas expectativas e seus conhecimentos linguísticos e literários” (DALVI et al., 2013, p. 80).

Em sala de aula, cada interpretação ou acréscimo ao texto estudado pode variar de acordo com as experiências vividas por cada indivíduo, por isso, é que a utilização da Literatura se torna uma atividade tão rica e prazerosa, pois faz com que o aluno possa vivenciar outros mundos, porém, acrescentando as suas experiências a eles.

Para Paiva e Oliveira (2013), O bom leitor é aquele que se envolve numa relação de interação com a obra literária, sendo que para isso, o aluno lê, encontra significado no que leu e relaciona com o mundo a sua volta. Para isso, “é preciso que o livro infantil seja agradável aos olhos e possua um texto encantador, estimulando o imaginário infantil” (PAIVA; OLIVEIRA, 2013, p. 01).

Assim, o estudo literário em sala de aula, necessita fazer sentido para o aluno. Este precisa visualizar-se naquele contexto, assim como afirma Lajolo (2006, p. 16), “a inscrição de e no texto, no e do cotidiano do aluno, entendendo que este cotidiano abrange desde o mundo contemporâneo, até os impasses individuais vividos por cada um, nos arredores da leitura de cada texto”. Para isto, o Letramento Literário se faz necessário no ambiente escolar e nos processos de ensino e aprendizagem, porque

na escola a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito pela linguagem. (COSSON, 2014, p. 30)

Mundo este, que Travaglia (2004, p. 153), define “por seu produtor se colocar na perspectiva do fazer/acontecer inserido no tempo, com o objetivo de contar, de dizer fatos”. Assim, por meio da Literatura, é que o leitor será inserido na trama e na História narrada na obra literária, em que,

cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história da sua vida. Leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu (LAJOLO, 2006, p. 106-107).

Nesta mesma perspectiva, Cosson (2014), também reflete sobre a função da escola no processo de formação do leitor, afirmando que o processo de Letramento Literário é também uma prática social e por isso, responsabilidade da escola e dos educadores. E, segundo Paro (2011), os conteúdos escolares devem incluir valores, arte, cultura para a formação plena de personalidades humano-históricas, em uma perspectiva das políticas públicas em educação.

As políticas públicas atuais preocupam-se mais com os resultados das avaliações em massa do que com os conhecimentos desenvolvidos e com a qualidade do ensino. No entanto, Paro (2011) afirma que o desenvolvimento dos conteúdos culturais leva os educandos a adotarem uma postura crítica-reflexiva

diante de situações cotidianas, fazendo com que as demais matérias se tornem mais interessantes se forem inter-relacionadas.

Neste sentido, o mundo da Literatura, inserido nos espaços escolares, pode contribuir para que o aluno se situe no seu tempo e espaço, “a literatura ajudaria as crianças a pensarem e a enfrentarem os seus dilemas subjetivos, psíquicos, identitários, sociais” (DALVI et al., 2013, p. 71). E, desta forma, se sentiriam mais encorajadas a enfrentarem os dilemas diários que o mundo impõe. Assim como ocorreu na Intervenção, que uniu História, Geografia, Memória e Literatura, afim de oportunizar a melhor compreensão do meio do educando.

Para uma educação completa, a escola poderia acolher o aluno, transformar o espaço escolar em um espaço de convivência, para que ali ele sinta-se parte importante e integrado ao seu meio. E, para que as mudanças no currículo ocorram de forma efetiva, são necessárias transformações na estrutura administrativa, na estrutura didática, no trabalho docente, na atividade discente e na participação da comunidade. A escola precisa modificar os espaços que garantam a realização de uma prática democrática e cultural, para a formação de personalidades cidadãs.

Ainda, de acordo com Paro (2011), o direito à cultura significa o direito a própria humanização do aluno e para que isso ocorra, a atividade literária não pode ficar somente na prática de ler, na atividade em si, mas ela deve ir além, ser uma atividade de formação humanística para o coletivo, fazendo com que o educando possa conhecer e vivenciar o seu mundo, refletindo sobre ele, porque

ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço. Ao ler, estou abrindo uma porta entre o meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro (COSSON, 2014, p. 27).

Sendo que para isso, é fundamental o “papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura” (COSSON, 2014, p. 35).

No entanto, não devemos conceituar a Literatura e a leitura apenas como instrumentos de representação, como estratégias de produção de significados, mas sim para o apontamento da necessidade de uma reflexão mais profunda da sociedade, considerando as práticas sociais e as implicações éticas envolvidas, até porque a leitura não se faz somente com livros, devemos aprender e ensinar a ler o mundo, pois “a leitura não está restrita às letras impressas em uma página de papel. Os astrólogos leem as estrelas para prever o futuro dos homens. O músico lê as partituras para executar a sonata. A mãe lê no rosto do bebê a dor ou o prazer” (COSSON, 2014, p. 38).

Assim, é necessário que o educando compreenda que o mundo ao seu redor precisa ser conhecido, analisado e que isto é um processo de leitura, também literária. Com isso, a compreensão por parte do aluno, de quem é, e de como se opera o mundo a que pertences tornam-se mais fácil. “Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas” (COSSON, 2014, p. 40).

Em outras palavras, o professor deve procurar incentivar o aluno e refletir sobre o mundo a sua volta, como afirma DALVI et al., (2013, p. 45), ele deve “estimular o jovem leitor ou a criança e se pronunciar sobre o texto, a dizer o seu ponto de vista, a dialogar com o texto e com os colegas”, desta forma a Literatura cumprirá o seu papel de também intermediar as relações sociais e humanas.

Para Cechinel (2013), o ensino da Literatura, para cumprir seu objetivo, não deve sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, estilos, características das escolas literárias, mas sim, surpreender o leitor literário, causando um estranhamento com o que é apresentado no texto, gerando curiosidade e despertando-o para a busca de mais informações referentes à época ali apresentada. Desta forma, o aluno será incentivado a buscar mais informações sobre o conteúdo do texto literário, aguçando a sua curiosidade e incentivando a pesquisa.

O texto literário apresenta lacunas cujo preenchimento depende diretamente da atividade do leitor, que ali cumprirá a sua liberdade, interpretando-o e acrescentando a sua bagagem pessoal ao texto, porque

a criança é um sujeito de memória, criatividade e intuição, um ser consciente, capaz de interpretar e compreender o mundo a partir de elementos elaborados por ela própria, brincando e reinventando interações e linguagens. É um sujeito criativo que traz nas suas brincadeiras cotidianas elementos do mundo adulto, ressignificando-os a partir de uma cultura infantil. Por isso, se faz necessário valorizar a criança como sujeito criador de uma aprendizagem própria, capaz de discutir e construir novos “sentidos e significados” na sua constante relação com o mundo e com os outros (PORTO, 2014, p. 139)

Ainda neste pensamento, Santos (2002), afirma que é necessário romper com as formas tradicionais de leitura do objeto literário, passando para a simples vontade de conhecer novas formas de imaginar, interpretar e conhecer a experiência humana.

Nesta perspectiva, de unir educação escolar e Literatura, faz-se necessário reiterar a afirmação de Leahy (2000)², em que alega,

a educação literária requer mudanças nas macroestruturas do poder educacional e, simultaneamente, que três pontos parecem relevantes para a transformação das práticas de educação literária: 1) garantir a (ou se esforçar pela) apropriação das ferramentas críticas para o fortalecimento do leitor; 2) democratizar as salas de aula de literatura; e 3) reconhecer o poder político-pedagógico da literatura (DALVI et al., 2013, p. 76).

Desta forma, a educação literária reafirma a sua relevância para com a educação escolar, fazendo com que o aluno realmente compreenda que o seu meio é rodeado de Literatura e assim, ele possa desenvolver o gosto pela leitura, pois ela fará sentido para ele.

Na próxima seção, discuto como a Literatura Infantojuvenil pode auxiliar na compreensão das características da Região de Fronteira.

3.4 Lata de Tesouros: literatura e memórias pessoais

Na Intervenção, a partir da Literatura Infantojuvenil, optei pelo conteúdo que tenha formas recreativas ou didáticas, ou ambas, e que sejam destinados ao público

² LEAHY, Cyana. Educação literária como metáfora social. Niterói: EdUFF, 2000.

infantil e que, o aluno possa soltar a imaginação, questionar-se ou questionar o mundo ao seu redor, uma vez que,

o livro interessante para criança deve recorrer ao caráter imaginoso: traduzidos em mitos, aparições da antiguidade, monstros ou realidades dos tempos modernos; exposto numa forma expressiva qualquer: lenda, conto, fábula, quadrinhos, etc.; descritos com beleza poética e ilustrações que mais sugerem do que dizem (SOSA, 1978, p. 37).

Para que isso ocorra, é necessário observar alguns elementos que servem de base de sustentação da Literatura Infantil e Infantojuvenil, como o caráter imaginoso, o dramatismo, a linguagem, que deve ser adequada a faixa etária dos alunos e a técnica de desenvolvimento do texto, que deve procurar prender a atenção do leitor.

Nesta perspectiva, na Intervenção optei pela Literatura ficcional, pois ela tem o potencial de unir a imaginação, as memórias pessoais e o letramento literário. Assim,

ler ficção é, portanto, duplamente gratificante. Quando entramos em contato com o conhecido, temos a satisfação de encontrar a nós mesmos no próprio texto, num processo rápido de identificação que facilita a acomodação. Na experiência com o desconhecido, acontece a descoberta de modos alternativos de se ver e de viver. A tensão entre estes dois polos, o agradável conhecido e o estranho desconhecido, patrocina a forma mais efetiva e gratificante de leitura (DALVI et al., 2013, p. 160).

Por isso, a escolha literária ficcional para a Intervenção, foi o livro *Lata de Tesouros* do autor Carlos Urbim, que contribuiu para a compreensão da História e da Geografia de Fronteira, bem como, a Memória de infância, possibilitando com que os educandos pudessem refletir sobre elas.

Como o autor da obra literária é um gaúcho, nascido no ano de 1948 e que viveu sua infância entre o Brasil e o Uruguai, no município de Santana do Livramento, que faz divisa com a cidade de Rivera, ele vivenciou esta cultura fronteiriça e a incorporou em suas criações ficcionais. Dedicou-se ao público infantil e infantojuvenil e fez da fantasia uma aliada para atrair o público jovem para o mundo da Literatura, o que fez do livro *Lata de Tesouros* uma obra sobre infância, memórias, cultura fronteiriça e Literatura.

A obra de Urbim foi escolhida porque veio ao encontro com a proposta interventiva, afinal como bem sinaliza a apresentadora do livro “ao ambientar o relato na fronteira entre países, no limite entre cidades, capta vozes que nos vêm da margem, lá onde Brasil e Uruguai se mesclam em convivência transcultural³”.

No livro *Lata de Tesouros*, o autor retrata um ambiente que perpassa os países do Brasil e do Uruguai, delimitando geograficamente cidades e regiões abrangidas pelos dois países. Neste cenário, um narrador já adulto relata as suas memórias de infância de um garoto que desenvolveu o gosto pela leitura e a escrita, principalmente porque teve contato com as poesias de Juana de Ibarbourou, que era uma escritora Uruguaia.

Ibarbourou nasceu na cidade de Melo, no Uruguai, no ano de 1892. Entre outras obras famosas, a de maior destaque foi *Chico Carlo*⁴, um livro de contos de infância, em que descreve a amizade que desenvolveu com um menino brasileiro, da cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, na Região de Fronteira, divisa entre os países do Brasil e do Uruguai. Suas obras são marcadas por “poemas, crônicas e contos infantis – Juana revela uma visão de mundo sutil, delicada, feminina, enraizada na cultura popular pampiana. Por isso, foi consagrada, com justiça, como Juana da América” (URBIM, 2005, p. 52). Ela faleceu em Montevideu, na capital Uruguaia, no ano de 1979.

Inicialmente, a referida obra literária de Urbim chamava-se *Dona Juana*⁵, fora a oitava obra lançada por Carlos Urbim e no ano de 2005 reeditada com o título de *Lata de Tesouros*. Na qual, ele faz uma referência de como conheceu a obra da escritora Juana de Ibarbourou e como se encantou com o seu jeito leve de escrever.

Não conheci Juana de Ibarbourou, mulher bonita, de vaidosa elegância, sempre tão amável, atenta aos detalhes e às pequenas gentilezas. Foi em 1986 que, na cidade de Rivera, descobri o livro *Él cántaro fresco*, escrito por ela em 1920. Apaixonado pelo que lia, embarquei na aventura literária de reinventar os dias em que Juana escreveu as prosas poéticas sobre jarras de barro, grilos, flores, árvores, a chuva ou o calor de janeiro no tórrido verão do pampa. A primeira versão lançada pela Editora Projeto em 1993 teve o título *Dona Juana*. Em 2005, passa a ser *lata de tesouros*, por

³ Trecho de Ligia Cademartori, retirado da orelha do livro *Lata de Tesouros*, de Carlos Urbim.

⁴ IBARBOUROU, Juana de. **Chico Carlo in – Obras completas**, Madrid: Aguilar, 1953.

⁵ URBIM, Carlos; GUAZZELLI FILHO, Eloar. **Dona Juana**. Projeto, 1993.

sugestão de Annete Baldi. É uma referência direta às preciosidades guardadas pelo menino Chico Carlos. (URBIM, 2005, epígrafe)

Desta forma, como a narração do livro de Carlos Urbim, que foi inspirado e de certo modo, é uma homenagem à poeta e escritora Ibarbourou e das memórias de infância do autor, o livro expressa por meio da voz de um menino, o protagonista da história chamado Chico Carlo, a fantasia do autor, entrelaçada com o seu fascínio pelos livros. A obra literária acaba por ganhar uma conotação mais mágica e fantasiosa, o que pode resultar por atrair e encantar o público Infantojuvenil.

O título da obra se deu pelo fato de que no desenrolar da História, o personagem principal guarda as suas Memórias de infância, como objetos valiosos para ele, entre cartas e brinquedos, em uma lata, a qual denominava de lata de tesouros.

Desta forma, a obra concilia História, Geografia, Memória e Literatura, estabelecendo uma ligação entre a imaginação sobre os acontecimentos passados e as relações com o presente, totalmente em concordância com a faixa etária dos educandos, pois eles estão na transição entre a infância e a adolescência⁶.

E, utilizar esta obra nas ações interventivas, faz com que os educandos pudessem enxergar-se como integrantes e participantes da História da região em que vivem. Assim, Dalvi, nesta mesma perspectiva, também defende que é imprescindível fazer com que o leitor vivencie a Literatura, em que

as emoções e os afetos são indissociáveis do conhecimento do mundo, da vida e de si próprio que o texto literário possibilita e ajuda a desenvolver no leitor. As opiniões, as crenças e os valores do leitor são interpelados pelo texto literário – e vice-versa. (DALVI et al., 2013, p. 80)

Assim, os educandos tiveram a oportunidade de construir as suas concepções sobre a características do lugar onde vivem e assim, aos poucos, imprimir os seus conhecimentos sobre a sua localização e História.

A seguir abordo o assunto sobre o Turismo Pedagógico, elucidando as suas características e melhores formas de realização.

⁶ Segundo a Lei Federal 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Art. 2º Considera-se criança, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

3.5 Turismo Pedagógico: o que é e como fazer

Neste trabalho utilizei o Turismo Pedagógico como meio para os educandos conhecerem mais sobre a fronteira e a Região de Fronteira, sendo esta questão já abordada anteriormente. Assim, considero pertinente descrever as suas características e ações que se fazem necessárias à sua compreensão. Deste modo, na Intervenção intitulei a ação de Visita Cultural, no entanto, é importante destacar que usualmente é encontrada em outras fontes teóricas, apenas como Turismo Pedagógico.

A Visita Cultural pode ser vista como algo a complementar o estudo formal de determinado assunto, no entanto, ela pode também ser o agente principal para o desenvolvimento de conhecimento e aprendizagem de um tema. Segundo Oliveira e Souza (2009), que se utiliza do termo Turismo Pedagógico, este deve iniciar em sala de aula, contando com o envolvimento dos alunos, com leituras e reflexões acerca do lugar, da História e da Geografia a ser explorada, assim

a aula em campo é uma atividade extra sala/extra escola que envolve, concomitantemente, conteúdos escolares, científicos (ou não) e sociais com a mobilidade espacial; realidade social e seu complexo amalgamado material e imaterial de tradições/novidades. É um movimento que tende elucidar sensações de estranheza, identidade, feiura, beleza, sentimento e até rebeldia do que é observado, entrevistado, fotografado e percorrido (OLIVEIRA; SOUZA, 2009, p. 198).

Oliveira e Souza (2009) defendem ainda, que ele possibilita vivenciar as paisagens do imaginário do aluno, ou mesmo as paisagens impressas em livros ou folhas exploradas antes do passeio. Ela oportuniza a reflexão sobre outros elementos no espaço visitado, pois amplia o seu campo de visão e com isso, a sua curiosidade sobre outros elementos, fatos ou História do lugar podem ser explorados.

No entanto, assim como qualquer outra aula, ela exige planejamento e objetivos, deve ser encarado com seriedade e compromisso pedagógico, porque “a aula em campo não é um simples passeio, um dia de ócio fora da escola, o

momento de alívio e brincadeiras, um caminhar para relaxar as mentes ‘bagunçadas’ das crianças e jovens do mundo moderno” (OLIVEIRA; SOUZA, 2009, p. 198). Caso contrário, pode gerar estranhamento no aluno, pois não haverá a compreensão dos objetivos da saída da sala de aula, sendo que

a complexidade de uma excursão pedagógica envolve o planejamento anterior, durante a excursão e a sua avaliação no retorno é imprescindível. A programação deve estar relacionada aos conteúdos das disciplinas, após consolidação de estudos, elaboração de roteiros agradáveis e metodologia adequada para cada nível educacional. (GOMES; MOTA; PERINOTTO, 2012, p. 89)

Além disso, as Visitas Culturais bem planejadas e com objetivos claros, possibilitam a aproximação entre alunos e professores, pois oportunizam, além da aprendizagem, um momento de descontração e lazer. Assim como afirmam Oliveira e Sousa (2009), em que as saídas da sala de aula oportunizam o professor avaliar a participação do aluno na leitura da realidade, desenvolvendo o senso crítico, atitudes de responsabilidades ambientais e consciência com o mundo em que habitam, bem como,

na atividade de turismo pedagógico, o importante é despertar o interesse do aluno para o novo conhecimento, pelo local, pelos usos e costumes da população. Afinal, é por intermédio do querer saber mais, da percepção, que o ser humano desenvolve seu senso analítico crítico e a vontade de conhecer mais a respeito de determinado assunto, enfim de pesquisar. Trata-se de uma atividade extraclasse, organizada pelas escolas com colaboração de empresas especializadas, e vivenciadas pelos alunos como forma de complemento de um conhecimento abordado em sala de aula, envolvendo deslocamentos e/ou viagens de maneira prazerosa. (ANSARAH, 2001, p. 294)

Com este tipo de atividade, em que o aluno passa a vivenciar outras paisagens, culturas e histórias, é necessário ser muito bem preparado. Para (THRALLS, 1967, p. 127 *apud* OLIVEIRA; SOUZA, 2009), uma série de atitudes devem ser tomadas para que o turismo pedagógico realmente aconteça. Como metodologia do Turismo Pedagógico, trago alguns exemplos: 1 - O professor estar preparado para a saída, conhecendo o seu aluno e a sua maturidade para aquele tipo de atividade; 2 – Preparação com objetivos claros do professor com a atividade, com roteiros, aspectos naturais e culturais a serem observado, se haverá alguém

para receber o grupo, material necessário para ser levado pelos alunos e tempo da excursão; 3 – Instrução dos alunos para a saída, com discussão do objetivo que a atividade pode gerar; 4 – Controle e direção do grupo, mantendo contato constante com ele, para que não percam o foco dos objetivos traçados; 5 – Discussão e reflexão após o passeio pedagógico, com elaboração de atividades que possibilitem os processos de aprendizagem e avaliação dos objetivos traçados previamente. Assim,

a atividade de retorno à sala de aula completa aquilo que no campo escapou, ficou subentendido ou mal entendido. Ela ultrapassa o momento de reunião das entrevistas, fotografias e a narração das melhores vivências. Não se esgota com a simples 'avaliação', na qual uma turma afirma ter sido ótimo 'ver' a 'realidade' (OLIVEIRA; SOUZA, 2009, p. 204).

Para Thralls (1967), que se utiliza do termo - passeios pedagógicos -, estes também podem contribuir para que os alunos desenvolvam novos hábitos, aprendendo a se comportarem em diferentes ambientes e ampliando as suas experiências sociais. Este tipo de atividade promove o contato com a comunidade local ou com comunidades diferentes da sua o que oportuniza o conhecimento de diversas formas de cultura e costumes, enriquecendo a sua bagagem cultural e pessoal.

Deste modo, utilizando a saída da sala de aula, os educandos tiveram a oportunidade de conhecerem mais e melhor a fronteira, as suas características e peculiaridades, o que talvez não fosse possível apenas com o estudo em sala de aula, apenas com textos, livros ou mesmo pesquisas. Sair da sala de aula, realizar uma Visita Cultural é algo trabalhoso, pois envolve uma série de trâmites legais, como autorizações de pais, escola e planejamentos de atividades e levantamento financeiro. No entanto, é algo que enriquece o aluno com vivências e experiências que ele provavelmente não esquecerá mais.

Na sequência trago os procedimentos metodológicos, seguido pelas características de um mestrado profissional e da Intervenção pedagógica.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Mestrado Profissional e Intervenção pedagógica

Para a melhor compreensão deste Relatório, considero pertinente explicitar as características e o funcionamento do Mestrado Profissional e da pesquisa do tipo Intervenção Pedagógica.

Mestrado profissional é uma modalidade de Pós-Graduação *stricto sensu*, que segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, é direcionada para a formação de profissionais nas mais diferentes áreas do conhecimento, em que comumente, o profissional já atuante tem a oportunidade de se qualificar e atender alguma demanda do mercado de trabalho. Esta modalidade foi regulamentada por uma portaria da CAPES, nº 080, de 16 de dezembro de 1998, que dispõe sobre o reconhecimento dos mestrados profissionais e dá outras providências.

Mais especificamente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unipampa, Campus Jaguarão, é exigido que o ingressante seja um profissional atuante, para que assim, ele possa elaborar a sua Intervenção com mais solidez. Em conformidade com os seus pressupostos, fundamenta-se em Damiani et al (2003), afirmando que este tipo de pesquisa tem por objetivo a Intervenção no fazer pedagógico, para a melhoria da aprendizagem, seguido de uma avaliação dos seus efeitos. O termo Intervenção remete a inovação, mudança, sendo comumente empregado em outras áreas, como exemplo na Psicologia, Medicina e Administração.

Assim, o método intervencionista faz a ligação entre a teoria e a prática, como defendem Rufino e Miranda (2007), em que por meio da proposta, da Intervenção e da análise dos resultados, possamos transformar a realidade. “De acordo com esses princípios busca-se não apenas compreender o fenômeno, mas, também, identificar alternativas intervencionistas para sua superação” (RUFINO; MIRANDA, 2007, p. 08).

Outra característica deste método é a valorização da coleta de dados no cotidiano, pois com o diagnóstico aplicado antes da Intervenção, é possível

conhecer a realidade e a partir desse ponto, elaborar uma proposta coesa com as necessidades para aquele espaço, e ainda

valorizando e respeitando as diferenças, reconhecendo a individualidade no processo de aprendizagem, para possibilitar uma intervenção, por meio de práticas pedagógicas coerentes com as necessidades e que respeitam as singularidades diante dos contextos social e escolar apresentados (RUFINO; MIRANDA, 2007, p. 08)

Após as ações interventivas e a sua avaliação, se faz necessário a produção do Relatório Crítico-Reflexivo, que deve ser elaborado de forma que os leitores possam reconhecer as características investigativas presentes na Intervenção e não confundam com experiências pedagógicas. Segundo Damiani et al (2003, p. 60), nas experiências pedagógicas “embora possa, por vezes, ser incluído algum tipo de avaliação, tal inclusão não implica que a avaliação tenha sido realizada de maneira sistemática, baseada em métodos consagrados de coleta e análise de dados, como a avaliação realizada em uma pesquisa aplicada”.

Assim, ainda segundo Damiani et al (2003), ele deve contemplar tanto a metodologia escolhida para a Intervenção, que deve ser descrita com detalhes, como a metodologia para a sua avaliação, sempre alicerçadas na teoria, para que assim, seja reconhecido o seu caráter de produção de conhecimento.

Nesta perspectiva, na sequência descrevo o método da Intervenção escolhida por mim, para este trabalho, seguido pelo contexto, os sujeitos, a descrição das ações que foram desenvolvidas e por fim, o método de avaliação.

4.2 O método da Intervenção

A abordagem metodológica para o desenvolvimento deste trabalho foi a Intervenção Pedagógica e também utilizei a abordagem qualitativa que segundo Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa apresenta como objetivo a compreensão do comportamento e das experiências humanas, proporcionando, assim, detalhes minuciosos do meio no qual está sendo investigado.

Para a coleta de dados e diagnóstico dos saberes prévios dos alunos, utilizei o questionário, que segundo Marconi e Lakatos (2003), é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito. Por ser um conjunto de perguntas agrupadas sobre um

determinado assunto, não testa a habilidade do questionado, mas averigua a sua opinião, seus interesses e traços de sua personalidade. Segundo Gil (2002) a utilização do questionário, de forma anônima, ainda preserva o questionado.

No processo interventivo, foram realizados dois questionários individuais com os educandos. O primeiro⁷ para investigar o conhecimento prévio sobre a sua identificação, concepções de cidadãos fronteiriços, sobre a cultura e costumes dos dois países e sobre a Literatura regional. Questionei os alunos também, sobre o conhecimento de Bagé fazer fronteira com o Uruguai e localizar-se em uma Região de Fronteira; se conheciam ou possuíam parentes lá; se possuíam conhecimento sobre a Literatura que trata da região onde moram; sobre as lendas de Bagé e região; sobre a cultura, os costumes, as diferenças e semelhanças entre o nosso país e o país vizinho.

O questionário que foi realizado ao final da Intervenção⁸ serviu para conhecer as aprendizagens desenvolvidas durante o processo e perceber se as concepções dos alunos em relação a cidadãos fronteiriços, cultura fronteiriça e a Literatura regional foram alteradas.

Outro instrumento de coleta de dados utilizado foi a observação, mais especificamente, como participante observador, que segundo Neto e Triviños (1999), o observador participa ativamente dos acontecimentos, em um procedimento de coleta, organização e registro das informações após o acontecimento,

essa tarefa requer que se utilize processos mentais superiores como: a atenção, a percepção, a memória e o pensamento, para observar fatos e realidades sociais presentes. Nesse caso, é fundamental que a observação das pessoas se realize num contexto real no qual desenvolvem normalmente suas atividades. (NETO; TRIVIÑOS, 1999, p. 67)

Com a minha observação, foi possível analisar fatos que não seriam possíveis somente por meio da análise das escritas deles, pois, os educandos estavam no seu meio escolar, no entanto com uma proposta nova, de repensar a sua condição de cidadãos. Assim, foram desafiados a refletirem sobre as suas condições de fronteiriços, sendo que a observação proporcionou um diferente olhar sobre a

⁷ APÊNDICE B – questionário que foi aplicado com os alunos a fim de selecionar uma turma para a intervenção.

⁸ APÊNDICE H – questionário que foi aplicado ao final da intervenção.

Intervenção, com a possibilidade de analisar fatos novos, que não seriam possíveis somente pelo registro escrito deles.

Ao final de cada ação interventiva os alunos escreveram as suas percepções sobre a decorrida aula em uma caderneta de metacognição, na qual eles refletiram sobre o seu processo pessoal de aprendizagem, sendo esta atividade já realizada em outros anos, com alunos do mesmo nível escolar, o que na minha percepção de pesquisadora, viabilizaria a sua realização. Segundo Damiani (2006), este é um processo de autoconhecimento e regulação de seus processos cognitivos, em que

compreendemos a metacognição e, mais especificamente, o controle cognitivo como a capacidade do indivíduo de deliberadamente controlar e planejar seus próprios processos cognitivos com o fim de alcançar uma determinada meta ou objetivo. (DAMIANI, 2006, p. 03)

Na caderneta, que foi adaptada para a sua faixa etária, os educandos tiveram a oportunidade de expressarem os seus desejos e curiosidades. Assim, eles responderam três perguntas sobre a decorrida aula. O que aprenderam? Como aprenderam? O que gostariam de aprender? Como é costumeiro em atividades metacognitivas, sendo que desta forma, eles foram incentivados a refletirem sobre o seu processo de aprendizagem e construção de concepções relacionadas à Fronteira e cidadãos fronteiriços.

Os nomes citados nas cadernetas foram trocados por nomes fictícios, a fim de preservar a identidade dos alunos participantes da pesquisa. Sendo que, na Intervenção foram desenvolvidas 12 aulas, com a turma do 6º ano A, do Ensino Fundamental, cada aula com duração de 50 minutos.

A seguir, apresento o contexto em que ocorreu a Intervenção, tanto do município, quanto da escola.

4.3 Contexto da Intervenção

A Intervenção foi desenvolvida na cidade de Bagé/RS. O município de Bagé localiza-se no sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. Segundo o

censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2016⁹, O município de Bagé possui uma população total de 121.986 habitantes, faz divisa ao norte com os municípios de Lavras do Sul e Caçapava do Sul, ao sul, com o município de Aceguá, ao leste, com Hulha Negra e Candiota e ao oeste com Dom Pedrito e República Oriental do Uruguai. O mapa abaixo mostra a localização do município de Bagé no Rio Grande do Sul.



Figura 1: Localização geográfica do município de Bagé/RS. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bag%C3%A9>>. Acesso em: 08 fev. 2016.

A situação educacional do município, referente ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ideb, ano de 2015, nos anos finais da rede pública, não atingiu a meta e não alcançou 6,0, ficando com 3,7¹⁰. Assim sendo, tem o desafio de garantir mais alunos aprendendo e com um fluxo escolar adequado.

Referente às condições sociais do município, o último Atlas da Vulnerabilidade Social – IVS, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, referente ao ano de 2015¹¹, indicou uma redução nos índices de 0,362 para 0,265, sendo considerado um município de muito baixo risco de Vulnerabilidade Social. Importante salientar que esta pesquisa não só indica exclusão e identificação da pobreza, mas analisa

⁹ Dados sobre a cidade disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=430160>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

¹⁰ Dados disponíveis em: <<http://www.qedu.org.br/cidade/812-bage/ideb>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

¹¹ Dados disponíveis em: <http://ivs.ipea.gov.br/ivs/data/rawData/publicacao_atlas_ivs.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2017.

também a infraestrutura urbana, capital humano, renda e trabalho. O que, de acordo com a metodologia do IPEA, resulta no conceito de que o município de Bagé está no rumo da prosperidade social, no entanto, isto não significa que toda a população se encontra fora dos limites de pobreza ou que não sofra com carência de renda e moradia.

Sobre o significado do nome do município de Bagé, não há um consenso, mas a explicação mais aceita é a de que o nome faça referência à Geografia da região, sendo que Bagé, na língua dos índios charruas que aqui viviam, significaria cerros.

Por ser uma cidade de Fronteira, a presença do exército é marcante no local, sendo sede da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada¹² e, atualmente, conta com quatro quartéis, um hospital militar, o Hospital de Guarnição de Bagé, que atende toda a região e uma unidade da Justiça Militar.

A economia do município é baseada na agricultura, na pecuária e no comércio local. Caracterizado por grandes leilões de cavalos da raça puro sangue inglês, sendo responsável por quase metade do plantel brasileiro¹³ e criados nos vários haras da região. Reconhecido também, pela boa qualidade da carne produzida no município e por celebrar o tradicional costume dos gaúchos de comer o churrasco, contando para isso, com a Festa Internacional do Churrasco, a maior festa deste tipo no Brasil.

Neste contexto, a escola em que realizei a Intervenção, é a Escola Estadual de Ensino Fundamental Félix Contreiras Rodrigues, que está localizada na Avenida Espanha, nº 750, Bairro Tarumã, no município de Bagé/RS e foi fundada em 17 de outubro de 1977.

¹² A 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada (3ª Bda C. Mec), também conhecido como Brigada Patrício Corrêa da Câmara, é uma das Brigadas do Exército Brasileiro. É subordinada à 3ª Divisão de Exército/Comando Militar do Sul, com sede em Porto Alegre/RS.

¹³ Segundo o Jornal Zero Hora de 16 dez. 2011. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/economia/noticia/2011/12/com-quase-metade-do-plantel-brasileiro-bage-se-destaca-na-criacao-de-cavalos-puro-sangue-3598525.html>>. Acesso em: 14 fev. 2016.



Figura 2: Imagem da Escola E. E. F. Félix Contreiras Rodrigues.

Fonte: Acervo da escola.

Seu nome foi escolhido pela comunidade escolar a fim de homenagear o advogado, escritor e professor Félix Contreiras Rodrigues. Bageense, nasceu em 14 de janeiro de 1884, filho de um uruguaio com uma brasileira, radicada neste município. Viveu sua infância na cidade de Rivera, no Uruguai, em uma propriedade rural e ao iniciar a vida escolar, passou a residir em Bagé/RS, sendo posteriormente transferido para Porto Alegre/RS, onde estudou direito e passou a advogar em várias Comarcas do Estado, fixando-se, posteriormente, em Bagé.

Exerceu atividades políticas no Partido Federalista e foi intenso colaborador na fundação do jornal local “Correio do Sul”, tendo este funcionado, inicialmente, em sua residência. No setor pedagógico, desenvolveu inúmeras atividades lecionando no Curso Pré-Jurídico, na Escola de Comércio e na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre – PUCRS. Foi ainda, membro e presidente da Academia Riograndense de Letras.

Em suas obras literárias escreveu sobre política, economia e memórias do campo, em que se destacam: “Velhos rumos políticos”, de 1921 “Farrapo - memórias de um cavalo”, de 1958 e “Amores do Capitão Paulo Centeno”, de 1937. Morreu em 8 de maio de 1960, na cidade onde nasceu – Bagé.

A escola Félix Contreiras Rodrigues, funciona em três turnos, manhã, com um total de 09 turmas, tarde, com 11 turmas e noite, com 05 turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), totalizando 573 alunos.

A escola é equipada com salas – ambiente: laboratório de ciências; línguas; matemática; informática, com um total de 20 computadores; telessala, equipada com aparelho de data show e lousa digital; sala de educação física; sala de educação artística; biblioteca; sala do Programa Mais Educação; sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE); refeitório; saguão coberto; sala dos professores com banheiro e cozinha independentes; secretaria; sala da direção e seis salas de aula estão equipadas com condicionador de ar, sendo que o objetivo é progressivamente, instalar os aparelhos em todas as salas de aula.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) vigente na escola, a comunidade escolar é parcialmente participativa e presente ao chamamento da Escola. É composta por uma quantidade expressiva de famílias com dificuldades financeiras, carência de moradia, vestuário e alimentação.

Percebe-se também, em muitos casos, certa independência precoce dos alunos, necessária frente a condição social e econômica, visto que os pais saem todo o dia para trabalhar e os filhos permanecem sozinhos e com a responsabilidade de cuidarem da casa e dos irmãos, o que dificulta o momento para estudo.

A escola está localizada em um bairro residencial, assim, não há muitas ofertas de emprego, sendo necessário procurar vagas e oportunidades no centro da cidade ou em outros bairros.

Nesta escola, sou professora das três turmas de 6º anos, no turno da tarde, nas disciplinas de História, Geografia e Ensino Religioso. Os 6º anos da escola estão divididos em três turmas, A, B e C e possuem 91 alunos, sendo que 33 deles recebem a Bolsa Família¹⁴, o que demonstra a situação econômica e social dos educandos e de suas famílias, pois o programa busca garantir a essas famílias o direito à alimentação, o acesso à educação e à saúde. Na sequência apresento os sujeitos que fizeram parte da Intervenção.

¹⁴ É um programa de transferência direta de renda, direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País, de modo que consigam superar a situação de vulnerabilidade e pobreza. Disponível em: <<http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

4.4 Sujeitos da Intervenção

Desde que comecei a trabalhar no município de Bagé/RS, intrigou-me a questão de ser uma cidade fronteiriça com o Uruguai; porém, percebia a necessidade de ser um assunto mais refletido, ponderado e pensado pela comunidade. A carência de interação sobre a questão fronteiriça, o fato de o currículo escolar não contemplar a questão dos limites territoriais, da cultura fronteiriça e o trabalho com os autores regionais intrigou-me profundamente.

Ao iniciar meu trabalho na escola Félix Contreiras Rodrigues e também com os alunos do 6º ano, identifiquei uma oportunidade em destacar e trabalhar com o fato de que eles são alunos fronteiriços, valorizando a cultura intrínseca em seu cotidiano, visto que a proposta do mestrado profissional é realizar uma Intervenção Pedagógica no próprio local de trabalho.

No decorrer dos anos de magistério nesta escola, observei que uma característica marcante, principalmente os alunos dos 6º anos, que são as turmas em que eu trabalho, é que eles são curiosos e receptivos aos novos conhecimentos e atividades, sendo que, a proposta de Intervenção vem ao encontro disto, de forma a tornar a aprendizagem significativa e dinâmica.

Ao optar por desenvolver um trabalho de Intervenção Pedagógica com os meus alunos e tentar proporcionar o estudo e reflexão sobre o seu meio tive duas preocupações: uma, relativa ao como e a outra a delimitação do grupo de estudantes. Para o primeiro aspecto defini que deveria partir de estudos de características da Fronteira entre o Brasil e o Uruguai, considerando questões Históricas e Geográficas e também das Memórias de Infância. Atenta ao segundo, selecionei apenas uma turma, visto que, ao total das três turmas sob minha responsabilidade seriam mais de noventa alunos.

No mês de junho do ano letivo de 2016, após a autorização¹⁵ dos pais para a realização da pesquisa, apliquei um questionário nas três turmas e este serviu para a seleção de apenas uma turma para a realização da Intervenção, sendo que a turma que mais demonstrou interesse ou contato com o assunto do projeto foi a turma selecionada, no caso, a turma A.

¹⁵ Apêndice H - Termo de autorização para a visita cultural.

Dentre outras perguntas que integraram o questionário, a questão referente ao “que mais gostariam de aprender em relação à História e Geografia da região na qual moram”, foi a área em que mais demonstraram interesse. Seja porque desejavam aprofundar os seus conhecimentos sobre as relações fronteiriças estabelecidas na região em que vivem, ou simplesmente porque expressaram mais interesse com a proposta interventiva.

Nesta turma, obtive respostas como “gostaria de aprender sobre a localização geográfica de Bagé e do Uruguai; costumes do Uruguai; povos antigos que viviam em Bagé; cultura; fronteira ou outras línguas”.

Assim, a minha Intervenção Pedagógica contou com trinta alunos da turma do 6º ano A do ensino fundamental, nas disciplinas de História e Geografia, sendo a sua faixa etária em torno de 11 a 13 anos de idade. A turma era composta de treze meninas e dezessete meninos.

No questionário, em relação à pergunta referente ao conhecimento de alguém que vive ou viveu no Uruguai, seis alunos responderam que tinham uma relação de amizade com uruguaios, seis alunos responderam que tinham um conhecido (a), cinco alunos responderam que tinham um familiar que vivia ou viveu no Uruguai, dez alunos não conheciam ninguém que vive ou viveu no país vizinho e três alunos não responderam. Como pode ser observado no gráfico abaixo.

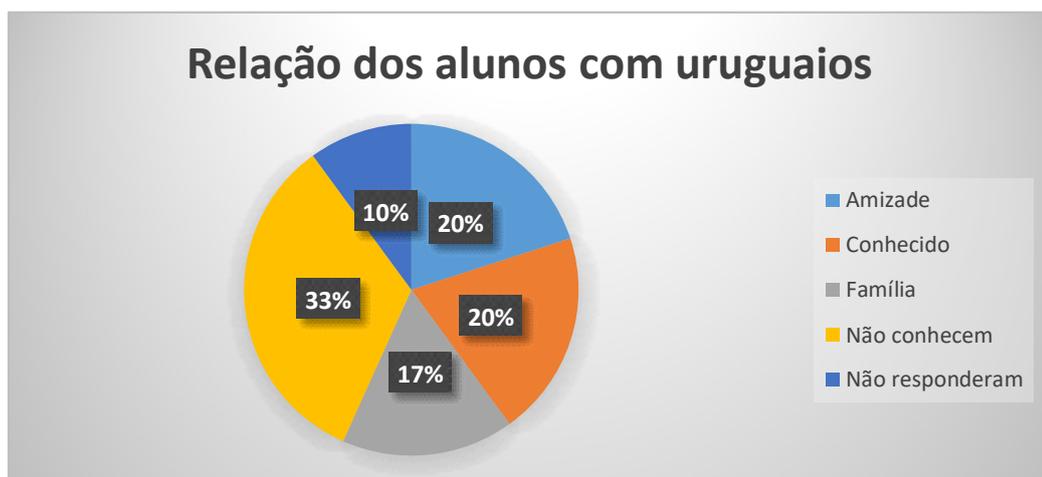


Figura 3 – Relação dos alunos com os uruguaios.

O resultado desta pergunta do questionário demonstra que apesar do município de Bagé fazer fronteira com o Uruguai, a relação dos educandos com o

país vizinho não se dá de forma tão intensa a ponto de todos os alunos conhecerem alguém que vive ou viveu ali. Possivelmente por esta divisa se dar em zona rural, o que acaba por gerar um distanciamento e reforça a importância de conhecer melhor o meio em que se vive e as relações Culturais, Histórias e Geográficas que se estabelecem.

Questionados sobre o que significaria Fronteira, alguns alunos demonstraram não saber do que se tratava, com respostas como “um lugar legal, campo ou bairro”. Doze alunos responderam que seria uma “divisa com outro país” e três alunos responderam que seria “onde dois países se encontram”. Sendo que dois alunos responderam “países que são vizinhos”, o que demonstra o conhecimento da palavra. Também obtive respostas como “é o começo de um país” e três alunos responderam que não sabiam.

Em relação à pergunta sobre se considerar um morador da fronteira, vinte e um alunos responderam que sim, que se consideravam fronteiriços, seis alunos responderam que não se consideravam moradores da fronteira e três alunos não responderam.

No entanto, na questão sobre o conhecimento da cultura ou dos costumes dos uruguaios, catorze alunos responderam que uma tradição deles seria tomar mate; cinco alunos responderam andar a cavalo e somente três alunos responderam a linguagem, sendo que, nove alunos responderam não saber nada sobre a cultura uruguaia.

Estes dois itens me chamaram bastante a atenção, pois demonstram claramente que os educandos têm a noção de que vivemos em uma região de divisa com outro país, no entanto, a questão cultural fronteiriça não é trabalhada por eles e na maioria dos casos, eles não se dão conta das diferenças ou semelhanças do país vizinho ao nosso, pois não conseguiram expressar elementos mais consistentes sobre a cultura ou costumes uruguaios.

É importante destacar que, após a seleção da turma A para a Intervenção, as outras duas turmas realizaram alguns exercícios relacionados à mesma proposta, entretanto, foram voltadas para as suas necessidades de aprendizado, em que desenvolvi as atividades em conformidade com as suas respostas dos questionários, sobre o que gostariam de aprender.

Desta forma, nenhuma turma ficou aquém das atividades realizadas com o grupo selecionado para a realização da pesquisa, visto que há um bom

relacionamento entre os alunos de todos os sextos anos e eles conversam sobre o que estão aprendendo, sendo inevitável uma comparação de atividades e conteúdos desenvolvidos, evitando assim, adversidades entre os alunos de todas as turmas.

Todos os nomes nos registros de coleta de informações e dados foram trocados por nomes fictícios, a fim de preservar as identidades dos alunos participantes da pesquisa. A seguir apresento a forma que ocorreram as ações desenvolvidas no processo interventivo.

4.5 Descrição das ações que foram desenvolvidas na Intervenção

Primeiramente, realizei contato com a equipe diretiva da escola, apresentei a minha proposta de Intervenção e solicitei a autorização para a realização na correspondente instituição. Após a concessão da licença, fiz contato com os alunos das três turmas de 6º anos, apresentando-me como mestrande, além de sua professora.

No segundo contato com os educandos das três turmas, realizei a explicação sobre o funcionamento da Intervenção e a entrega do pedido de autorização para os pais, para a participação no projeto e para o uso das produções dos seus filhos. Após a autorização, apliquei um questionário, a fim de selecionar uma turma para a Intervenção.

Como já citado anteriormente, a Intervenção incluiu o trabalho com Literatura, utilizando o livro ficcional *Lata de Tesouros*, de Carlos Urbim, o que contribui para os estudos da História e da Geografia de Fronteira, bem como para fomentar a Memória de infância, possibilitando com que os educandos pudessem refletir sobre elas e fazendo com que eles fossem capazes de perceber o espaço ao seu redor e a sua inserção neste meio.

A proposta de atividades elaborada por mim buscou incluir recursos visuais, juntamente com o literário, como vídeo, mapas e imagens que retratam o local onde os educandos moram - sempre ressaltando que é uma Região de Fronteira, bem como o incentivo à autonomia e criatividade deles, por meio da Literatura ficcional, em que puderam empregar a sua identidade aos conteúdos trabalhados.

Realizamos o Turismo Pedagógico ao município de Aceguá, que também faz divisa com o país do Uruguai e com o município de Bagé, divisa esta, enquanto espaço físico geográfico demarcado, para que assim, eles pudessem desfrutar de um momento de descontração, conhecendo a Geografia do lugar, refletindo sobre sua condição de habitantes da Região de Fronteira e toda a carga cultural que isto implica.

A escolha pelo local se deve pelo fato do município de Aceguá abranger a zona urbana, o que possibilitou aos alunos conhecerem a cultura, a população e terem contato direto com a língua local¹⁶, o portunhol, já que na divisa do município de Bagé com o Uruguai, a geografia é composta somente de campo e propriedades privadas.

O recurso financeiro para a realização do Turismo, foi arrecadado por meio da venda e sorteio de uma ação entre amigos, em que foram sorteadas duas bolas, uma de vôlei e outra de futebol. Sendo que os ganhadores foram dois alunos da turma participante da Intervenção.

Como o limite geográfico da cidade de Bagé com o Uruguai ocorre na zona rural e a estrada que dá acesso para o local não é pavimentada, o que dificulta a visita, a alternativa proposta para conhecer a região foi por meio de acesso virtual, por intermédio do site www.googlemaps.com.br¹⁷, em que foi possível visualizar a região e os limites do território fronteiriço.

O vídeo de Curta Metragem proposto para a ilustração do povo fronteiriço, é uma narrativa ficcional, baseado na memória e patrimônio regional da Fronteira, sendo este, produzido por alunos da mesma escola proposta para a Intervenção, no ano de 2014, com o projeto Inventar com a Diferença, a nível nacional¹⁸.

O vídeo retrata a cultura da Região de Fronteira, conta a história dos índios charruas que habitaram a região dos pampas, a colonização portuguesa e espanhola, além da herança cultural deixada por estes povos, em que vivenciamos no nosso cotidiano.

¹⁶ A língua oficial do Uruguai é o Espanhol, no entanto, na Fronteira entre o Brasil e o Uruguai é praticado o portunhol, que mistura o português com o espanhol.

¹⁷ Disponível em <https://www.google.com.br/maps/@-31.5667056,-54.4156811,11.75z?hl=pt-BR> Acesso em 12 out. 2016.

¹⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_MS89bEgsh4>. Acesso em 18 fev. 2016.

Apesar do no currículo escolar não prever ações com essa temática, por meio do projeto Inventar com a Diferença, é possível perceber que já houve uma iniciativa da professora de português em retratar e trabalhar sobre a Fronteira, no entanto, ficou apenas nisto, com um grupo de cerca de seis alunos e não houve continuidade das atividades, sendo que serviu apenas para participar do projeto.

Na minha proposta, procurei conciliar as atividades até então desenvolvidas na escola e envolver mais alunos, com um caráter de vivenciar realmente a região dos educandos, sendo que eles foram motivados a criar as suas próprias concepções sobre o lugar.

A seguir apresento o cronograma detalhado com os objetivos das aulas e toda a preparação necessária para o seu desenvolvimento na Intervenção. Elas estão agrupadas em duas horas-aula sequenciais, sendo cada aula composta de 50 minutos, pois assim é que são organizadas as aulas na grade curricular da escola, nas disciplinas de História e Geografia.

CRONOGRAMA DAS AULAS QUE FORAM DESENVOLVIDAS NA INTERVENÇÃO					
Aula/ Data	Local	O quê?	Para quê?	Por quê?	Como?
1 e 2 Dia 06/06	Sala de aula	Fronteira e cidadãos fronteiriç os.	- Identificar os sujeitos da Intervenção; - Problematizar o conceito de fronteira;	- Conhecimento sobre a definição de fronteira, Região de Fronteira e cidadãos fronteiriços; - Discussão acerca da sua visão e posição de cidadãos fronteiriços.	- Expliquei como seria o desenvolvimento do trabalho e como seria a escrita na caderneta ao final de cada ação interventiva; - Fixei um painel de cartolina na parede, com as perguntas: Quem sou eu? Onde se localiza o lugar onde moro? O meu país faz fronteira com o Uruguai? O que tu sabes sobre este país? Neste painel, os alunos fixaram suas respostas; - Realizamos a leitura e a posterior reflexão sobre um texto com o tema fronteira; - Escrita nas cadernetas.
3 e 4 Dia 13/06	Biblioteca ou telesala	Livro “ <i>Lata de Tesouros</i> ”.	-Refletir sobre a Região de Fronteira com a Literatura Infantojuvenil; - Retomar a memória de	- Aguçamento do interesse nos educandos sobre a História, Geografia e Memória da	- Organizei os alunos em círculo e de forma confortável; iniciei a leitura do o livro “ <i>Lata de Tesouros</i> ” para eles, sendo que logo eles solicitaram a participação na leitura, o que gerou uma leitura compartilhada; - Instiguei os alunos a refletirem sobre a história e o percurso

			infância dos educandos.	Região de Fronteira entre Brasil e Uruguai; - Reflexão sobre as suas memórias de infância.	geográfico que foi abordado no livro; - Com um mapa, traçamos geograficamente as localidades indicadas no texto; - Mostrei o livro “El cântaro fresco” de Juana de Ibarbourou, que é mencionado no livro; - Disponibilizei o livro para alguém ler uma parte para o grupo; - Propus a criação de uma caixa de tesouros pessoal, em que eles trariam objetos, cartas, fotos ou outras coisas que considerem importantes e que marcaram suas vidas; - Escrita nas cadernetas.
5 e 6 Dia 20/06	Sala de aula	Percurso Geográfico do livro “Lata de Tesouros”.	- Compartilhar e refletir sobre as memórias de infâncias pessoais e de seus colegas; - Visualizar geograficamente algumas cidades uruguaias que se localizam próximo à cidade em que nós vivemos.	Conhecimento sobre as histórias e memórias pessoais de seus colegas;	- Em círculo, socializamos os objetos que os alunos trouxeram em suas caixas de tesouros; - Oralmente, retomamos a história narrada no livro e as cidades mencionadas nele. Listamos elas no quadro e as localizamos no mapa; - A turma foi dividida em grupos de cinco alunos cada, distribuí um metro de papel pardo para cada grupo; pedi que eles traçassem um mapa com o percurso indicado no livro, com as cidades citadas pelo autor, bem como a localização da fazenda, os personagens e os demais espaços citados; - Exposição e apresentação para os colegas; - Escrita nas cadernetas.
7 e 8 Dia 27/06	Sala de informática	Pesquisa na Sala de Informática.	- Retomar os conceitos ou termos expressos no livro; - Pesquisar sobre o que gostariam de aprender referente ao tema Região de Fronteira; - Refletir	- Incentivo a pesquisa e a busca pelo conhecimento; - Reflexão sobre o que gostariam de aprender e sobre o que não compreendem no livro; -	- Retomei oralmente os assuntos abordados nas últimas aulas e no livro, instigando os alunos para que eles refletissem criticamente sobre elas e sobre o que escreveram nas cadernetas. Mais especificamente sobre o que gostariam de aprender; - Levei os alunos para a sala de informática para que eles pudessem pesquisar estes assuntos elencados previamente, incentivando a pesquisa sobre os autores tratados na Intervenção, Carlos Urbim e Juana de

			sobre a História, a Geografia, a Memória e os escritores da região.	Conhecimento sobre os escritores regionais.	Ibarbourou, citada no livro; - Criei um blog ¹⁹ para que eles pudessem postar as suas pesquisas sobre a Região de Fronteira, escrever as suas impressões sobre o livro e postar fotos das ações interventivas; - Neste blog postei o vídeo “A Carta” ²⁰ , que aborda os primeiros povoadores da região entre Brasil e Uruguai, bem como, a cultura local; - Pedi que conversassem com os seus pais, tios, vizinhos ou avós sobre histórias da região, se conhecem pessoas que por ali circularam, histórias de assombração, de festividades antigas ou de vivências pessoais na região de fronteira. - Escrita nas cadernetas.
9 e 10 Dia 05/07	Aceguá/RS	Visita cultural.	Conhecer a fronteira entre Brasil e Uruguai;	- Promoção do desenvolvimento cultural dos educandos; - Desfruto de momentos de lazer e confraternização.	- Realizamos uma visita para o município de Aceguá/RS, que se localiza a 60 km de Bagé/RS e sendo que sua Zona Urbana faz fronteira com o Uruguai; - Fizemos o reconhecimento dos Marcos Fronteiriços que há no local de divisa do Brasil com o Uruguai, no centro da cidade e tivemos contato direto com a Fronteira por meio do Secretário de Turismo da cidade; - Realizamos um lanche coletivo, sendo que já havia solicitado previamente que cada aluno levasse algum prato ou bebida para o passeio, de forma que pudessemos fazer uma confraternização.
11 e 12 Dia 11/07	Sala de aula	Escrita de histórias ficcionais sobre a Região de Fronteira	Refletir criticamente sobre as histórias e lendas da região.	Manifestação da visão e percepção dos educandos sobre as histórias da Região de Fronteira.	Em duplas, pedi que eles escrevessem as suas histórias ficcionais sobre a Região de Fronteira, mesclando as histórias que pesquisaram com o que foi trabalhado nas ações interventivas, sendo que, posteriormente estes textos foram publicados no blog, para que desta forma, todos os alunos pudessem conhecer as histórias de seus colegas e escrever seus comentários sobre elas.

¹⁹ Disponível em < <http://alunosfronteiricos.blogspot.com.br/>>. Acesso em 11 out. 2016.

²⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=_MS89bEgsh4>. Acesso em: 18 fev. 2016.

4.6 Método da Avaliação da Intervenção

Após a Intervenção, faz-se necessário um momento de análise dos dados coletados, a reflexão sobre a prática executada e o diálogo com a teoria estudada. Segundo Ludke e Cruz (2005), após a coleta de dados, é necessária uma análise a fim de aprofundar o seu estudo e utilização, embasando teoricamente a pesquisa e agregando soluções próprias e individuais, com teorias de outros estudiosos que também já refletiram sobre a mesma temática.

Para a análise dos dados sobre a observação, segui as definições estabelecidas pelos autores Netos e Triviños (1999), que são pesquisadores que auxiliam no encontro das práticas docentes, às atividades investigadoras na sala de aula,

num primeiro momento, observar situações reais e descrever tudo o que se vê. Posteriormente, ler o que foi descrito e buscar formas de eleger pautas de observação, ou seja, criar categorias para que a observação seja seletiva com finalidades predefinidas. (NETO; TRIVIÑOS, 1999, p. 72)

A partir das pautas de observação participativa, que ocorreram de forma organizada, seguindo critérios pré-estabelecidos, como as atitudes dos alunos frente à proposta de Intervenção, reação deles com o assunto apresentado, motivação ou desinteresse frente à proposta, foi possível a classificação e análise das informações coletadas.

Sobre as cadernetas de metacognição - em que os alunos escreveram as suas percepções e observações, bem como seus novos conhecimentos desenvolvidos nas aulas - ao final da Intervenção, elas foram devolvidas para mim e realizei o reconhecimento do seu conteúdo, categorizando as informações que se repetem e as que se diferem das demais, a fim de que eu pudesse realizar uma análise e classificação dos conteúdos.

Analisei também as produções literárias dos alunos, seguindo critérios, como: a escolha dos assuntos, se optaram por assuntos trabalhados em aula; quais as marcas deixadas pela Intervenção e suas concepções de Fronteira e cidadãos fronteiriços.

Após todos os dados coletados nos questionários, observações nas cadernetas de metacognição e nas produções ficcionais dos educandos, fragmentei as unidades, classificando-as por categorias, seguindo da posterior discussão dos resultados alcançados, resultando na escrita do Relatório Crítico Reflexivo. Assim, a análise e interpretação da Intervenção tornou-se possível, combinado com o estabelecimento de uma relação entre a teoria e a prática, objetivos e resultados.

4.7 Descrição de cada aula interventiva

A seguir descrevo detalhadamente as doze aulas interventivas que constam no plano de ação, pois de acordo com as recomendações do método de Intervenção Pedagógica, estas devem ser pormenorizadas a fim de promover uma reflexão sobre a prática, como afirma Azevedo (2015), a descrição serve para examinar o ocorrido e posteriormente refletir sobre ele.

Primeira e segunda aulas interventivas

As duas primeiras aulas do projeto de Intervenção ocorreram no dia seis de junho do ano de dois mil e dezesseis, que teve como tema “Fronteira e cidadãos fronteiriços” e contou com os objetivos de identificar os sujeitos da Intervenção e problematizar o conceito de fronteira.

Logo que adentrei a sala de aula da turma do 6º ano A, os alunos me questionaram se seria neste dia que iriam iniciar o projeto, um tanto eufóricos e curiosos. Iniciei a aula com a explicação de como seriam as ações interventivas e que ao final das aulas eles iriam registrar as suas concepções sobre o que aprenderam, como aprenderam e o que mais gostariam de aprender em uma caderneta. Mostrei a caderneta e eles vibraram, pediram se poderiam colorir os desenhos e colar adesivos, percebi entusiasmo com a caderneta e com os desenhos que nela continha. Respondi que sim, que poderiam colorir e dar a ela as suas características, mas que ao final da aula eu iria ter que a recolher, no entanto, ela

era deles, que poderiam colorir, escrever, desenhar, enfim, dar a sua personalidade a caderneta.

Neste momento, um aluno perguntou se depois que acabasse o projeto eu iria entregar as cadernetas para eles ficarem com elas para sempre. Tive que explicar que eu precisava delas para a pesquisa e que iria analisar o que eles haviam escrito ali, que elas eram um instrumento para a minha pesquisa. Percebi que ficaram um pouco sensibilizados, mas entenderam. No momento não havia me dado conta, mas posteriormente, refletindo sobre este momento da Intervenção, percebi que poderia ter feito cópias das cadernetas e devolvido para eles.

Iniciamos uma discussão sobre o lugar onde moramos, sobre as características de Bagé, a sua localização e introduzi o fato de nos localizarmos em uma Região de Fronteira com o Uruguai. Questionei se eles conheciam, se já haviam visitado o município de Aceguá, que é uma cidade gêmea e expliquei o que isto significava.

Eles participaram da discussão sobre a comida, que a carne do Uruguai era muito boa, que lá eles comiam parillada, que havia também o doce de leite e o alfajor. Alguns poucos alunos demonstraram desconhecimento sobre os significados destas palavras, no entanto, no mesmo instante, os colegas que conheciam os seus significados já os descreveram e ainda acrescentaram que era muito bom, “uma delícia”. Percebi que a solidariedade entre os colegas fez com que a aprendizagem ocorresse de forma harmônica e descontraída, com tonalidade de colaboração.

Outro aluno falou que do lado brasileiro não tinha nada interessante e do lado uruguaio tinha muita coisa, se referindo a Aceguá e aos *free shops* que integram o local.

Na sequência fixei no quadro um painel de cartolina amarela com as seguintes perguntas: Quem sou eu? Onde se localiza o lugar onde moro? O meu país faz fronteira com o Uruguai? O que tu sabes sobre este país?

Distribuí três pedaços de papel para cada aluno, sendo um de cada cor: verde para eles escreverem e refletirem sobre si e as suas preferências; vermelho para escreverem onde se localiza o lugar no qual moram e o azul para escreverem sobre os conhecimentos do Uruguai e as suas características.

No decorrer desta atividade, percebi que alguns alunos tiveram dificuldade em escrever sobre si mesmo, de dizer quem são e do que gostam. Outros tinham desconhecimento de onde ficava o município onde moram, confundiram estado com país e novamente percebi uma intensa colaboração entre os colegas para solucionar dúvidas. Isto reforçou a importância do projeto, de trabalhar com a memória pessoal e a Geografia do lugar onde vivem.

Cada aluno escreveu nos seus respectivos papéis e depois fixamos todos no painel, sendo que ao final da atividade compartilhamos oralmente alguns dos escritos dos colegas e assim obtivemos um conjunto de concepções distintas sobre um mesmo tema. Neste momento observei que eles ficaram um pouco eufóricos e agitados, sendo necessário chamar a atenção diversas vezes, para que não perdessem o foco, conseguissem perceber o que os colegas haviam escrito e quais eram as suas opiniões sobre as referidas questões.

Na sequência entreguei uma folha com o texto sobre “Fronteira e cidadãos fronteiriços”²¹, em que puderam aprofundar os seus conhecimentos sobre a História do seu município, sobre as concepções de fronteira, por meio de um mapa verificar a sua localização geográfica e a linha demarcatória que divide o Brasil do Uruguai.

Ao iniciar a leitura do texto, os alunos sugeriram realizar uma leitura coletiva e assim fomos lendo e discutindo sobre o seu conteúdo. Faltando vinte minutos para o encerramento da aula, falei que eles poderiam escrever na caderneta e no decorrer da atividade percebi que eles ficaram tão entusiasmados em colorir os bonequinhos, colar figuras e desenhar nela, que para alguns alunos o tempo ficou escasso para concluir a escrita das suas percepções sobre a decorrida aula. Neste momento intervi, chamando a atenção para o fato de que eles teriam outras oportunidades de concluir a decoração da caderneta e que deveriam também dedicar-se a escrita.

Ao findar a aula, fui questionada por um aluno se no dia seguinte teríamos o projeto novamente, o que me alegrou profundamente, pois senti que gostaram do tema e das atividades. Respondi que não, que o projeto seria somente nas terças feiras e que no dia seguinte teriam aula comigo, no entanto, de outra matéria. E ele respondeu, “Ah que pena, poderia ser todos os dias!” (CARLOS, 06 jun. 2016).

²¹ Apêndice I

Confesso que fiquei encantada com a boa receptividade frente a proposta interventiva, ver algo que foi preparado com carinho e cuidado sendo agradável e interessante aos educandos conferiu-me de ânimo em continuar às ações interventivas.

Terceira e quarta aulas interventivas

A terceira e a quarta aulas ocorreram no dia catorze de junho do ano de dois mil e dezesseis, tendo como tema o livro *Lata de Tesouros* e os objetivos foram refletir sobre a Região de Fronteira, a partir da Literatura Infantojuvenil e levar a construir a narrativa de suas próprias Memórias infância.

Antes de iniciar a aula, fui indagada com entusiasmo por um aluno, se iríamos escrever nas cadernetas naquele dia. Respondi que sim, que ao final da aula, eles iriam registrar as suas percepções sobre aquela decorrida aula. Em seguida ele vibrou, com um “Yes!” Este fato demonstrou claramente que a proposta de adaptação da caderneta de Damiani (2013) foi muito bem aceita pelos educandos.

Para estas aulas, havia planejado levar os alunos para o pátio se o dia estivesse bom, ensolarado e com temperatura agradável ou à biblioteca, caso estivesse frio ou chuvoso. Para minha decepção, não pude realizar nenhuma das atividades planejadas, sendo que estava um dia bastante frio para sair para o pátio e quando havia entrado em contato com a bibliotecária, com semanas de antecedência, ela havia me informado que nas terças feiras a biblioteca já estava ocupada por alunos de outros anos.

A solução por mim encontrada foi organizar os alunos em círculo na sala de aula, de forma mais confortável possível e para a minha surpresa, ao solicitar para eles sentarem em círculo, um aluno já disse “Que legal, coisa diferente! ”. Mostrei o livro para eles, expliquei que a história era sobre um menino da mesma faixa etária que eles e que se passaria na Fronteira entre o Brasil e o Uruguai.

Ao iniciar a leitura do livro, expliquei que eles teriam que imaginar o fato, que era diferente de um filme, onde as coisas já estão prontas. E, assim eles o fizeram, alguns até fecharam os olhos para poderem imaginar.

Logo, uma aluna pediu se poderia ler também e quando respondi que sim, outros alunos também se propuseram a ler. Realizamos assim, uma leitura compartilhada, onde inevitavelmente, interrupções se fizeram necessárias, por exemplo, quando o livro trazia um fato ou cidade uruguaia e eu questionava se sabiam o que era ou onde ficava. Eles participaram com contribuições ou questionamentos, assim, os alunos enriqueceram a leitura e proporcionaram maior entendimento sobre a história do livro.

No entanto, ao final da leitura, percebi que a grande maioria da turma estava cansada e alguns com sono, possivelmente por estarem na mesma posição, sentados por um longo período de tempo. Mas, mesmo assim, ao findar a leitura demonstraram que haviam gostado da história.

Mostrei o livro “El cântaro fresco” de Juana de Ibarbourou, que é mencionado no livro e disponibilizei para alguém ler uma parte para o grupo. Eles ficaram impressionados que a escritora realmente existiu e que eu tinha ali presente um livro dela. Alguns pegaram o livro, observaram, folharam com cuidado pois ele é uma obra bastante frágil devido ao tempo, mas ninguém tencionou ler, possivelmente por ser em espanhol.

Na sequência mostrei um mapa e juntos traçamos as cidades mencionadas na história, desta forma, eles puderam visualizar por onde o personagem Carlos, protagonista da história, passa a sua vida e por onde se localizam as cidades na narrativa.

Como na história, o menino Carlos guarda as suas recordações mais importantes dentro de uma lata, propus a criação de uma caixa de tesouros com a turma, sendo que muitos ficaram animados com a ideia e já começaram a dizer o que colocariam dentro de sua caixa.

Por ser professora deles em diferentes matérias, acabo tendo contato com a turma em dias alternados e nestes dias eles comentavam coisas relacionadas ao projeto, sendo que no outro dia de aula, duas alunas comentaram que já haviam separado as caixas e que estava às decorando. E neste dia, um aluno falou “Bem que a senhora poderia contar a história do livro de novo, deu um soninho, uma coisa boa!” (CARLOS, 14 jun. 2016).

Ao findar a aula, novamente observei que havia deixado pouco tempo para a escrita nas cadernetas e que deveria rever o planejamento, que eles necessitariam de mais tempo para refletirem e depois partirem para a escrita. A solução encontrada foi utilizar um pouco da aula do dia seguinte para concluir a escrita nas cadernetas.

Também nesta mesma aula, três alunas expressaram dificuldade em responder a última pergunta, referente ao que gostariam de aprender, alegando que havia gostado de tudo e que não tinham mais nada que gostariam de aprender.

Quinta e sexta aulas interventivas

Estas aulas ocorreram no dia vinte de junho do ano de dois mil e dezesseis e partindo do levantamento do espaço ficcional do livro *Lata de Tesouros* com relação a seus referentes geográficos, tinha como objetivo compartilhar e refletir sobre as Memórias de infâncias pessoais e de seus colegas e visualizar geograficamente algumas cidades uruguaias que se localizam próximo à cidade em que nós vivemos.

Novamente sentamos em um grande círculo, em que cada um pegou a sua caixa de tesouros e socializaram os objetos que trouxeram. Observei que quatro alunos não trouxeram a caixa, um trouxe os objetos, no entanto sem a caixa e uma menina trouxe os objetos e a caixa, mas ficou extremamente envergonhada de socializar os seus objetos e memórias pessoais com os colegas, fazendo isto depois, em particular comigo.



Figura 4 - Fotografia da socialização das caixas de tesouros
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Por meio da socialização das caixas de tesouros, os alunos puderam reviver as suas Memórias de infância, selecionar o que consideravam mais importante e refletir sobre elas. Os alunos que tinham objetos maiores do que o espaço da caixa, trouxeram algo que os representasse, por exemplo, aqueles alunos que consideravam importante o seu computador, trouxeram o mouse, ou mesmo, desenharam em um papel e colocaram na caixa simbolicamente.

Os objetos foram bastante variados, como livros, bonecas, vídeo games, CDs, fotografias, faixas de judô, medalhas, presentes de seus avós, relíquias de família, entre outros. Como pode ser observado na imagem a seguir.



Figura 5 - Fotografia do conteúdo de uma das caixas de tesouros
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Na sequência das aulas, retomamos oralmente a história narrada no livro e as cidades mencionadas nele. Listamos no quadro e localizamos novamente no mapa. A turma foi dividida em grupos de quatro a cinco alunos cada, distribuí um metro de papel pardo para cada grupo e pedi que eles traçassem um mapa com o percurso indicado no livro, com as cidades citadas pelo autor, bem como a localização da fazenda, os personagens e os demais espaços citados.

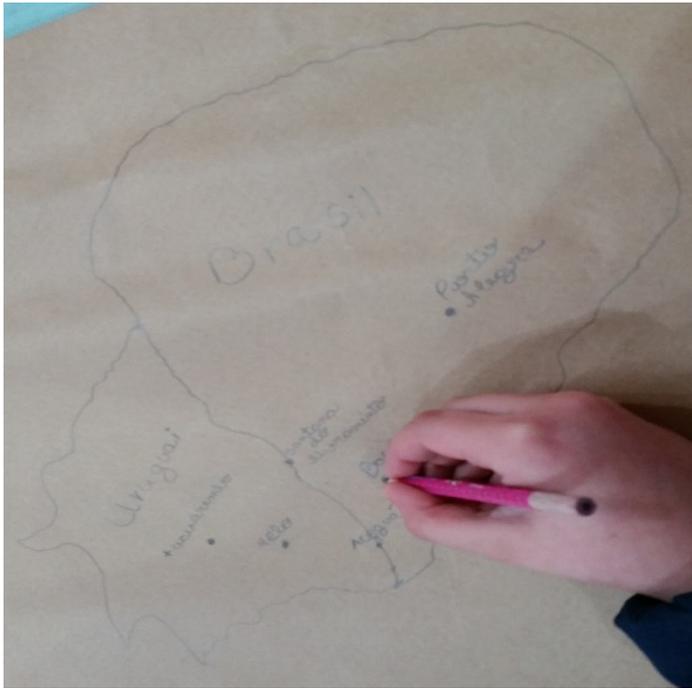


Figura 6 - Fotografia do percurso geográfico narrado no livro Lata de Tesouros.
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Havia planejado realizar a conclusão e exposição dos trabalhos para os colegas nestas aulas, no entanto, nos últimos encontros, ao observar que os alunos necessitavam de mais tempo para a escrita na caderneta, modifiquei o planejamento. E, por sugestão da própria turma, decidi por deixar a conclusão como tema de casa, em que cada integrante do grupo levou o papel pardo para casa em um determinado dia, concluiu a sua tarefa e trouxe para os outros integrantes do grupo.

Ao realizarem a escrita nas cadernetas, novamente alguns alunos expressaram dificuldade em responder a última pergunta, sobre o que gostariam de aprender. Interferi, alegando que eles deveriam refletir um pouco mais sobre o processo de aprendizagem pelo qual estavam passando e que com certeza havia inúmeras coisas para serem aprendidas, sugeri o contexto do livro e o percurso geográfico nele traçado. Assim, elas conseguiram realizar a atividade com êxito.

Ao final das aulas, entreguei o documento²² para a autorização dos pais para a viagem e solicitei que quem pudesse e quisesse, levassem um prato de lanche ou uma bebida para realizarmos um lanche coletivo em Aceguá. Eles prontamente

²² APÊNDICE H.

sugeriram fazermos uma lista para ter uma diversidade e equilíbrio de alimentos e bebidas. Sugerir que conversassem primeiro com os pais sobre isso e depois realizaríamos.

Sétima e oitava aulas interventivas

Nestas aulas realizadas no dia vinte e sete de junho do ano de dois mil e dezesseis, que tinham como tema “A pesquisa” e os objetivos eram retomar os conceitos ou termos expressos no livro, pesquisar sobre o que gostariam de aprender referente ao tema Região de Fronteira e refletir sobre a História, a Geografia, a Memória e os escritores da região.

Os alunos foram conduzidos ao laboratório de informática, onde foram incentivados a refletirem sobre a História, a Geografia, a Memória e os escritores Carlos Urbim e Juana de Ibarbourou, trabalhados nas aulas anteriores.

Ao informar que iríamos sair da sala e ir para o Laboratório de Informática, todos vibraram e se agitaram, tanto que ao chegarmos ao destino, tive dificuldades em organizá-los e em explicar a proposta da atividade.

Após solicitar e conseguir a atenção dos alunos, retomamos oralmente os assuntos abordados nas últimas aulas e no livro, instigando para que eles refletissem criticamente sobre o que escreveram nas cadernetas, mais especificamente sobre o que gostariam de aprender. Expliquei que havia organizado previamente os assuntos que mais haviam se destacado nas cadernetas, selecionando-os para que não ficassem repetidos e preparando uma sequência de pesquisa.

Como o laboratório de informática não possui computadores suficientes, ou alguns estão em manutenção, as pesquisas no local sempre devem ser realizadas em duplas ou trios, assim, expliquei que iríamos nos organizar em grupos e que cada um sortearia um assunto para pesquisar.

Os assuntos elencados foram: História do Uruguai: Quem descobriu o Uruguai? - Como ele se formou? - História de Bagé: Como ele se formou? - História do escritor Carlos Urbim - História da escritora Juana de Ibarbourou - O que é como funciona

um Saladero - Características e curiosidades da cultura Uruguaia - Características da cidade de Melo no Uruguai - Características da cidade de Tacuarembó no Uruguai - Características da cidade de Rivera no Uruguai - Características da cidade de Montevideu no Uruguai - Como é o sistema de ensino no Uruguai - Significado de Departamento de Cerro Largo no Uruguai - O que significa Chimangos e Maragatos que aparece no livro - Pesquisar sobre o Livro Lata de Tesouros (quando foi lançado, etc) - Culinária, danças, costumes etc. dos uruguaios - Se existem mais livros que falem da nossa Fronteira com o Uruguai.

Cada assunto foi organizado em um quadrado de papel colorido para agilizar a pesquisa, visto que muitas vezes eles apresentam dificuldade em se expressar e como digitar no campo de busca do computador. Observei que eles ficaram entusiasmados com a forma proposta e pediram se poderiam trocar com os colegas, respondi que sim, que se ambas as partes concordassem, eles poderiam trocar o tema de pesquisa.



Figura 7 - Fotografia dos temas para pesquisa.
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Nesta ocasião expliquei também que as pesquisas que eles realizariam naquele dia iriam ser publicadas em um blog da turma e que neste mesmo espaço virtual postaria o vídeo “A Carta”, que aborda os primeiros povoadores da região entre Brasil e Uruguai, bem como, a cultura local.

Expliquei que pesquisa não era cópia, que deveriam ler e procurar escrever com as suas palavras, e que no final deveriam indicar o local que a pesquisa foi realizada, o site que forneceu as informações.

Informei que eles deveriam escolher um nome para o projeto da turma, neste momento tive que explicar que eles poderiam votar apenas uma vez e que o nome representaria todo o projeto da turma, sendo assim, seria bom que tivesse ligação com que estávamos estudando e aprendendo. Após as sugestões, realizamos uma votação, sendo que os nomes sugeridos e os correspondentes votos foram: Fronteira Universal (1), Fronteira e Cidadãos Fronteiriços (0); Entre o Brasil e o Uruguai (8); Novidades do Pampa (1); Uruguai Félix Contreiras Rodrigues (0); Alunos Fronteiriços (9) e Gaúchos da Fronteira (0).

Desta forma o nome escolhido foi “Alunos fronteiriços”. Assim como pode ser observado na imagem a seguir, quando os alunos votavam no nome para o blog.



Figura 8 - Fotografia no laboratório de informática para a votação do nome do blog.
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Após a pesquisa, eu salvei os documentos em pen drive, ou os alunos que possuíam e-mail me enviaram os seus arquivos. Desta forma, em outro dia, montei o blog com as informações coletadas e as imagens que haviam me enviado.

Retornamos para a sala de aula e eles realizaram a escrita nas cadernetas, alegando novamente que já haviam pesquisado tudo o que gostariam de aprender e

solicitaram deixar esta pergunta sem uma resposta nesta aula. Informei que os alunos que tivessem muita dificuldade em responder esta última pergunta, nesta aula, poderiam deixar em branco. Mas reiterarei que isto poderia se dar somente nesta aula.

Nona e décima aulas interventivas

Estas duas aulas interventivas ocorreram no dia cinco de julho do ano de dois mil e dezesseis, teve como tema “Visita cultural”, com os objetivos de conhecer a Fronteira entre o Brasil e o Uruguai, uma cidade gêmea -Aceguá/Aceguá -, uma das modalidades de fronteira entre Brasil e Uruguai, promover o desenvolvimento cultural dos educandos e desfrutar de momentos de lazer e confraternização nesse processo de estudos.

Era o grande dia da Visita Cultural à Aceguá, as condições climáticas neste dia estavam bastante instáveis, durante a manhã choveu um pouco e os pais dos alunos me questionavam se iria mesmo sair a viagem. Eu havia consultado as previsões do tempo de diversos sites, de diversos países e havia constatado que não choveria na parte da tarde, sendo assim, mantive a viagem. Não queria transferir a data, pois assim poderia desmotivar os alunos e a sequência das atividades poderia ser prejudicada.

Neste dia passei toda a manhã preparando lanches, bolo e sucos para levar e acabei por envolver toda a minha família, sendo que contei com a colaboração do meu esposo e de minha mãe para este fim. Temia que os alunos não levassem lanches para o coletivo e me precavi com um estoque de comida e bebida extra, tanto que, ao final, nem tudo foi consumido.

Às onze horas e trinta minutos da manhã deste dia, a empresa de ônibus que eu havia contratado para a viagem me informou que havia ocorrido uma adversidade com a lista de passageiros e que não havia saído a autorização do DAER – Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem, sendo assim, na primeira hora da tarde, eles entrariam em contato novamente com o DAER para conseguir a autorização, caso contrário, não poderíamos ir.

Isto me deixou em pânico pois tudo estava preparado, os alunos já haviam sido avisados que não precisariam trazer o material escolar para a aula, pais e mães haviam se mobilizado para a confecção de lanches e o secretário de turismo do município de Aceguá já estava nos aguardando para uma apresentação sobre a cidade e a fronteira.

Ao chegar no colégio e organizar os alunos, percebi que alguns não haviam trazido a sua carteira de identidade, sendo que eles haviam sido comunicados que sem ela não poderiam ir, que se o DAER realizasse uma fiscalização, eles não teriam como comprovar quem eram, se o nome que estava na lista realmente era deles. Assim, a solução foi tirar uma cópia da certidão de nascimento que consta nos arquivos documentais da escola, sendo que prontamente, o supervisor, a vice-diretora e uma colega que também foi na viagem, se mobilizaram e me auxiliaram a realizar esta tarefa no menor tempo possível, de forma que não prejudicasse o seu tempo destinado.

Organizamos os alunos no ônibus e o motorista nos informou que nós deveríamos ir até o escritório da empresa para pegar o documento de autorização do DAER, sendo que até conseguir realizar tudo isso, já eram catorze horas e vinte minutos, ou seja saímos com atraso, o que me preocupou, pois poderia prejudicar a execução das atividades planejadas para Aceguá.

Durante a viagem, que durou em torno de quarenta minutos, os alunos confraternizaram, cantaram e os mais ansiosos, já começaram a comer os seus lanches. Durante o percurso ouvi frases como: “Esta é a melhor aula que eu já tive”, “estes campos são bonitos, ainda estamos no Brasil?”, e “Hoje a aula será em outro país né prof!”. Isto demonstra o quanto uma aula diferente é importante para os processos de ensino e de aprendizagem, pois ela diversifica o ambiente e promove uma reflexão sobre a História, a Geografia e a Memória do lugar.

Ao chegarmos à Aceguá, como combinado anteriormente, fomos recebidos pelo secretário de turismo e pela coordenadora de educação, na entrada da cidade, em um local grande e espaçoso, onde há pequenas casas feitas de palha, que serve também como espaço para festividades farroupilhas. Ali, os alunos puderam correr, brincar e socializar com os colegas.

Depois que eles realizaram o reconhecimento do lugar, fomos encaminhados para um local onde os nossos guias haviam preparado uma fala e uma apresentação em forma de vídeo. Ali, eles fizeram um breve relato da história do município, a ligação com o Uruguai, características dos dois países fronteiriços e passaram dois vídeos, que retratavam a região, depois tiraram dúvidas dos alunos. Assim como pode ser observado na imagem abaixo.



Figura 9 - Fotografia da visita cultural para Aceguá.
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Na sequência realizamos o nosso lanche coletivo, em um momento de partilha e comunhão entre os alunos e os nossos guias, que nos receberam, acolheram e ensinaram mais sobre a Fronteira entre o Brasil e o Uruguai. Como também pode ser observado na imagem abaixo.



Figura 10 - Fotografia do lanche coletivo em Aceguá.
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Após o lanche, entramos no ônibus novamente e fomos até o local de divisa do Brasil com o Uruguai, onde fizemos o reconhecimento dos Marcos Fronteiriços que há no local e tivemos contato direto com as marcas de divisão política, demarcatórios de fronteira, já visualizados anteriormente no mapa. Passamos pela prefeitura de Aceguá do lado uruguaio e fomos recebidos por autoridades de lá. Observei que os alunos estranharam bastante a língua, sendo que muitos não entenderam o que eles falavam.

Os alunos tiraram bastantes fotos, comentaram que estavam com um pé no Brasil e o outro no Uruguai e acharam interessante que o nome das duas cidades é o mesmo. “Nunca tinha parado para pensar, é Aceguá no Brasil e Aceguá no Uruguai!” (LUIS, 05 jul 2016).

Após, retornamos para Bagé, sendo que a chegada estava prevista para o mesmo horário de saída da aula, ou seja, dezessete horas e quarenta e cinco minutos, mas conseguimos chegar às dezoito horas e vinte minutos. Com este atraso, alguns pais já estavam esperando os seus filhos na escola, mas todos compreenderam que acabamos nos atrasando porque tivemos que sair mais tarde do que o pretendido.

A escrita na caderneta teve que ser realizada no outro dia, mesmo que fora das aulas destinadas para a Intervenção.

Décima primeira e décima segunda aulas interventivas

As duas últimas aulas da Intervenção ocorreram no dia onze de julho do ano de dois mil e dezesseis, teve como tema a “Escrita ficcionais sobre a Região de Fronteira” e seus objetivos foram refletir criticamente sobre as Histórias e lendas da região e manifestar a visão e percepção dos educandos sobre elas da Região de Fronteira.

Iniciei as aulas retomando o que havíamos visto e conhecido na Visita Cultural para o município de Aceguá, bem como, o que estudamos em todo o processo interventivo. Instiguei para que eles se pronunciassem sobre o que tinham aprendido e ouvi o que eles colocaram, sempre estabelecendo relação com os destaques de outros alunos, para que percebessem que estudar as características Geográficas, Histórias e as Memórias dos habitantes do lugar, é estar em contato com um mundo interligado de características em comum e diferentes dos dois países.

Em seguida, propus que eles sentassem em duplas e criassem uma história inventada, que poderia envolver alguns dos assuntos estudados nas aulas interventivas. Para isso, distribuí uma folha²³ para cada dupla, para que ali eles escrevessem a sua História, nela eu listei os assuntos abordados no decorrer das aulas para que tivessem uma visão de todos os conteúdos trabalhados.

As histórias envolveram os seus mundos, as suas Memórias e gostos pessoais com o que trabalhamos nas aulas. O resultado da produção textual foi bem diversificada, com histórias envolvendo o mundo dos games, de carros, de astros da música famosas, de romance, enfim, o que eles apreciam em seus universos adolescentes.

Como exemplo²⁴, destaco uma história que envolve bandidos que matavam e deixavam os corpos na linha divisória entre o Brasil e o Uruguai para que ninguém descobrisse quem era. Nela percebi o entrelaçado da memória pessoal dos alunos e a fronteira, que instigaram a sua imaginação.

²³ APÊNDICE I.

²⁴ APÊNDICE J.

Reiterei que estas histórias seriam publicadas no blog alunosfronteiricos.blogspot.com.br, para que desta forma, toda turma pudesse apreciar as produções de seus colegas e realizar comentários sobre elas.

No entanto, após as publicações, os alunos foram incentivados a comentar no blog, mas ninguém se manifestou. Alguns alunos diziam que todos os colegas iriam ver e que ficariam envergonhados, que haviam olhado o blog, mas não haviam escrito nada.

Isto me fez pensar o motivo das cadernetas terem dado certo e os comentários no blog não. Penso que, as cadernetas eram algo individual, que eles sabiam que somente eu naquela turma iria ler e analisar o seu conteúdo, já o comentário no blog era público, o que os tornava suscetíveis as análises dos colegas.

Na sequência, comuniquei que estas aulas seriam as últimas do projeto e observei que praticamente toda a turma ficou com um sentimento de tristeza, sendo que alguns alunos verbalizaram que não queriam que o projeto acabasse. Isto me deixou com um duplo sentimento, de felicidade por saber que os alunos apreciaram as atividades e se envolveram com o projeto, mas também de tristeza por terminar uma sequência de procedimentos que trabalhava com as características da nossa região e que propiciavam aos alunos a reflexão sobre as suas Memórias pessoais, no intuito também de se conhecerem melhor e conhecerem o seu meio.

Após findar as atividades com os alunos, iniciei um processo de análise dos dados coletados durante a Intervenção, sendo que, na sequência, apresento esta análise das informações coletadas, classificando-as por meio da categoria pré-definida e também aquelas que emergiram.

5 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

O momento da análise das informações e dos materiais coletados é de extrema importância para o relatório da Intervenção, neste momento, em que os objetivos traçados previamente, o desenvolvimento das propostas e os resultados serão examinados e interpretados.

Segundo Damiani et al (2013), o momento do relatório de uma Intervenção Pedagógica deve contemplar principalmente dois componentes metodológicos, o método da Intervenção e o método da avaliação da Intervenção, sendo que os dois devem perscrutar entre si, para que assim se possa realizar a análise dos efeitos das ações interventivas.

Esta proposta, como já mencionado anteriormente, estava alicerçada nos contos literários regionais, no entanto, após a qualificação do projeto, para adequar-se à faixa etária dos alunos, voltei o foco literário para a Literatura Infantojuvenil, para assim, atrair mais a atenção e interesse dos alunos.

Assim, parti da leitura *Lata de Tesouro*, obra que ao criar um narrador personagem infantil e situá-la em um espaço entre Brasil e Uruguai proporcionou uma identificação nos alunos, fazendo com que eles pudessem imaginar a realidade apresentada no livro e “viajar” nos lugares mencionados ali na História.

Com isso, no decorrer das ações interventivas, pude perceber que as concepções de fronteira, o significado de Cidadãos Fronteiriços e as características do Uruguai que nós utilizamos no dia-a-dia foram manifestando-se e eles foram percebendo que muitas das coisas que falamos, língua que falamos ou costumes que praticamos no lugar onde vivemos, são os mesmos ou parecidos com os praticados pelos uruguaios.

Assim, a categoria que elenquei previamente, com a pergunta da caderneta de metacognição - o que aprendi - e aquelas que emergiram das análises dos dados coletados durante as ações interventivas, foram fragmentadas e os assuntos que mais se destacaram e que se repetiam, foram organizadas. Também sistematizei

aqueles assuntos que sobressaíram aos demais. Deste modo, refletindo, analisando e interpretando as informações, é que elenquei as três categorias deste trabalho.

A primeira categoria foi intitulada – *Consciência da aprendizagem: interesse pela fronteira*, foi uma categoria definida a priori, pois esta era uma pergunta integrante da caderneta de metacognição (COMO EU APRENDI?) e eu, como pesquisadora, tinha a clara intenção de conhecer o seu conteúdo, sobre a real forma que os educandos estavam aprendendo durante as ações interventivas, visto que, utilizei uma gama de recursos para este fim, com literatura, vídeo, mapas, textos informativos e pesquisa acerca de temas tratados.

Elegi somente esta pergunta da caderneta, pois as outras duas – O QUE EU APRENDI NA AULA DE HOJE e O QUE EU GOSTARIA DE APRENDER – tinham a intenção de fazer com que os educandos refletissem sobre o que haviam visto e aprendido naquela aula e sobre o que eles ainda não sabiam, ou seja, fazer com que eles refletissem sobre o seu processo de ensino e de aprendizagem. Estas duas perguntas da caderneta foram analisadas nas outras categorias elencadas neste trabalho.

Percebi que, no decorrer do processo interventivo os educandos foram desenvolvendo a consciência do que estavam aprendendo e se interessando pelos assuntos ligados à fronteira, com isto, a aprendizagem foi fazendo sentido para eles e conseqüentemente foram expressando vontade em conhecer mais sobre os assuntos abordados na Intervenção.

Observei também que as concepções que os educandos tinham sobre a Região de Fronteira eram básicas ou até mesmo inexistentes e que eles foram percebendo que havia muitas outras coisas para descobrir e conhecer, assim, o interesse deles pelos assuntos trabalhados na Intervenção foi aumentando e, por isso, a elenquei previamente como a primeira categoria da Intervenção.

A segunda categoria intitulada – *Onde a Literatura visita à cultura*, emergiu por meio da análise dos relatos dos alunos, sobre o que escreveram na caderneta de metacognição, as observações e relatos orais referente ao modo como aprenderam com a Literatura e a Visita Cultural, sendo que eles desenvolveram a capacidade de se observar e refletir sobre o seu processo de aprendizagem, expressando a noção de que estavam aprendendo por meio da leitura, da reflexão e da Visita Cultural, que

foi realizada para a Fronteira, no município de Aceguá. O que, para a sua idade – em torno de doze anos – é algo complexo de se realizar.

E, por último a categoria que me surpreendeu muito foi intitulada – *O trajeto do afeto*, porque no decorrer das reflexões escritas na caderneta, os educandos expressaram a vontade e importância que a Visita Cultural teve em seu processo interventivo e por isso, o nome da categoria, relacionando trajeto, caminho e estrada. Bem como, o carinho e amor pela sua professora e pesquisadora relatado nas cadernetas, ao mesmo tempo em que realizaram uma reflexão pessoal, em que expressaram seus sentimentos, seus gostos, atitudes em relação ao projeto e desejos de que ele não terminasse.

Na sequência descrevo a categoria elencada previamente e as que emergiram da análise e interpretação das informações coletadas entre as cadernetas e as minhas observações, triangulando esses dados e articulando a teoria, a prática e a pesquisadora.

5.1 Consciência da aprendizagem: interesse pela Fronteira

Quando propus a abordagem do tema referente à Região de Fronteira para pesquisa neste referido trabalho de mestrado, já tinha um conhecimento prévio de que este assunto era algo praticamente desconhecido pelos educandos e que via ali a necessidade de explorar mais este campo, fazendo com que eles pudessem conhecer mais e melhor a realidade em que vivem e aquela que os cerca.

Assim sendo, esta categoria foi elencada previamente, pois tinha a necessidade de conhecer se o processo de aprendizagem estava ocorrendo para os alunos e como eles estavam tomando consciência da sua aprendizagem.

Deste modo, por meio da análise das cadernetas de metacognição, da observação e das escritas ficcionais dos alunos, percebi que eles foram expressando a consciência do que estavam aprendendo e que os assuntos que estavam sendo abordados na Intervenção foram fazendo sentido para eles e assim, o interesse por conhecer mais as características, a História, a Geografia e a Memória da Região de Fronteira e, principalmente do Uruguai, foi aumentando.

No entanto, inicialmente, ao observar as ações interventivas e analisar os registros escritos em suas cadernetas, pude constatar que as noções do que conheciam sobre a sua cidade e o país vizinho ao seu, eram informações superficiais, ou, em alguns casos, inexistentes. Bem como, ao realizar a Visita Cultural para a Fronteira, muitos alunos perceberam que havia mais coisas para conhecer naquele país, tão próximo e ao mesmo tempo, tão distante deles.

Tão próximo pois os educandos vivem em uma Região de Fronteira, muitos dos costumes e características dos uruguaios se misturam com à dos brasileiros, no entanto, ao mesmo tempo tão distantes, pois alguns alunos nunca haviam visitado a Fronteira, não conheciam ou nunca haviam conversado com alguém que falava espanhol ou nem sequer algum dia havia refletido sobre as características ou peculiaridades do país vizinho ao seu.

Nesta mesma perspectiva, Dalvi et al (2013), defende que a Literatura aliada à prática pedagógica interfere na construção da identidade do educando. Assim como ocorreu na Intervenção, em que a consciência da aprendizagem e, por conseguinte, o interesse pela fronteira foi ocorrendo, pois eles foram se identificando com a Literatura trabalhada nas aulas, com a cultura e as características do povo fronteiriço e tomando consciência da sua aprendizagem, pois, a Literatura

convida também a explorar a experiência humana, a extrair dela proveitos simbólicos que o professor não consegue avaliar, pois decorrem da esfera íntima. Enriquecimento do imaginário, enriquecimento da sensibilidade por meio da experiência fictícia, construção de um pensamento, todos esses elementos que participam da transformação identitária estão no ato da leitura (DALVI et al., 2013, p. 24)

Deste modo, observei que ao se aproximar a data da Visita Cultural que realizaríamos às cidades gêmeas da fronteira, os registros na caderneta começaram a cada vez mais expressar interesse em conhecer as características da cidade onde moram – Bagé e as características do Uruguai. Como se percebessem que as informações que eles tinham sobre aquele país que iriam conhecer, não eram suficientes para aplacar a sua curiosidade.

Assim, eles foram demonstrando um crescente interesse em conhecer as características do país vizinho, expressando isto em suas escritas e reconhecendo

que havia muitas outras coisas para serem descobertas sobre ele. Como pode ser observado no seguinte registro da caderneta: “Eu gostaria de aprender mais sobre o Uruguai, Santana do Livramento e sobre lugares interessantes de Carlos Urbim” (LUCIANO, 28 de jun. 2016).

Assim, quando se realizou a Visita Cultural, constatei que ela proporcionou um novo olhar dos educandos sobre o Uruguai, muito além dos conhecimentos que eles estavam construindo, pois estavam vivenciando tudo aquilo que haviam aprendido em textos, na Literatura - com o livro *Lata de Tesouros*, nas pesquisas ou no vídeo que havíamos visto, pois agora era real, era a Fronteira na prática, com todas as suas características e peculiaridades linguísticas. Pois,

é por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra o seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização (COSSON, 2014, p. 17)

Assim, trabalhar com Literatura em sala de aula, contribui para a conscientização, reflexão das concepções pessoais dos alunos e construção das suas próprias concepções sobre o lugar em que vivem, sendo que o ato da leitura explora a experiência e a sua imaginação.

Desta forma, observei que eles perceberam então, que havia outras coisas a se pensar e conhecer ali naquele lugar, que talvez nunca tivessem refletido, como a língua, que era tão diferente da sua, os costumes, a formação geográfica e, aos poucos, foram descobrindo ali, naquele país vizinho ao seu, um mundo novo, como pode ser observado na sequência: “Eu aprendi que no Uruguai a moeda e chamada de peso, que o Uruguai é vizinho de Bagé, que as pessoas no Uruguai falam outra língua, mas eles tomam chimarrão igual a gente aqui no Brasil” (CARLOS, 07 de jun. 2016).

Durante o decorrer das ações interventivas, com a observação participante, notei que os educandos foram expressando a importância e conseqüentemente a ansiedade em realizar a Visita Cultural para o município fronteiro de Aceguá, eles perguntavam quando seria, o que veriam lá e combinavam entre si o que levariam

para lanchar, assim como pode ser observado também no relato de Daniel, em que escreveu em sua caderneta: “O QUE EU GOSTARIA DE APRENDER? Eu gostaria de aprender mais a localização da minha cidade e do Uruguai que faz fronteira com a gente, já que a gente vai viajar para o Uruguai mês que vem, a gente vai se aprofundar mais” (DANIEL, 21 jun. 2016).

Isto demonstra que os processos de ensino e de aprendizagem estavam ocorrendo claramente para ele, pois tinha a noção do que estava aprendendo sobre as concepções de Região de Fronteira, já possuía o conhecimento que estas aulas iriam ter uma sequência de atividades relacionadas a este assunto e iriam culminar em uma Visita Cultural para o município de Aceguá. Assim como Silva e Navarro defendem que

o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente, pelas atitudes e métodos de motivação adotados pelo docente na sala de aula. O aluno, enquanto sujeito, constrói o seu conhecimento, bem como sua realidade social através das interações. Essa visão de aprendizagem salienta a construção do significado e do conhecimento como um processo social em que os participantes, por meio do diálogo, criam um conhecimento (SILVA; NAVARRO, 2012. p. 97)

Desta forma, ela reitera que o aluno deve ter claro o que está aprendendo, como irá aprender e o que o professor espera dele, para que assim, ele possa criar as suas próprias concepções e desenvolver a aprendizagem esperada para aquele assunto.

Assim como relataram alguns alunos em suas cadernetas, em que responderam à pergunta sobre o que aprenderam naquela aula, com escritas que demonstram notoriamente a descoberta de novos conhecimentos referentes à Fronteira

O QUE EU APRENDI NA AULA DE HOJE? Eu aprendi sobre a fronteira que há e porque foram criadas, aprendi o que tem no meu município, até porque a minha cidade é uma fronteira com o Uruguai. Lá no Uruguai tem coisas parecidas com as que a gente tem em minha cidade, as culturas e só.
O QUE EU GOSTARIA DE APRENDER? Eu gostaria de aprender sobre a cultura de diversas cidades, não só da minha, mas de outros lugares, até mesmo países tipo França, Portugal, etc. (JAIRO, 05 jun. 2016).

Este relato expressa a vontade despertada no aluno em conhecer mais outras culturas e países, ocasionada possivelmente por ele estar ampliando o seu conhecimento e a sua visão de mundo.

Assim, com a Visita Cultural que realizamos para realmente conhecer na prática a Fronteira e o Uruguai, fez com que eles percebessem que não conheciam em profundidade a sua Região de Fronteira e aos poucos, esta curiosidade foi surgindo e foram expressando a crescente vontade em conhecer mais a sua cidade, a sua região, para assim, compreender melhor o país vizinho ao seu.

Aos poucos, os educandos foram percebendo que deveriam estabelecer conexões entre os conhecimentos que já possuíam e aqueles que ainda deveriam construir, ou seja, tomando consciência da sua aprendizagem, o que segundo Dalvi et al (2013), isto é um reflexo também da ação de ler, pois a Literatura estabelece uma vinculação entre os conhecimentos, a fim de obter um resultado significativo. Assim sendo,

cada um traz pra o ato de ler sua bagagem existencial e social e, a partir de seu horizonte de experiências, atribui significados às indicações oferecidas pelo texto, privilegiando alguns dados e desprezando outros, montando entre eles uma rede de conexões possíveis, de modo a obter um resultado significativo para o seu universo compreensivo (DALVI et al., 2013, p. 154).

Nesta tarefa de unir os seus conhecimentos com aqueles que estavam sendo desenvolvidos, observei que em inúmeros outros registros referentes ao que gostariam de aprender foram surgindo e me deparei com expressões de que gostariam de saber mais sobre a História de Bagé e do Uruguai, como pode ser observado no seguinte registro:

O QUE EU APRENDI NA AULA DE HOJE? Hoje eu vi muitas coisas sobre Bagé e Uruguai e sobre características do país vizinho ao nosso mundo.
O QUE EU GOSTARIA DE APRENDER? Eu queria aprender um pouco sobre nossa gente, nossa vida, mais coisas legais e muito mais. (LUCIANO, 05 jun, 2016)

A partir de escritas como estas, pude constatar que muitos não possuíam o conhecimento das características da sua cidade, tanto geográfica, quanto histórica e as suas regiões de abrangência, sendo que demonstraram bastante interesse em se

aprofundar nos assuntos ligados à sua cidade, além de conhecerem mais sobre toda a região em que vivem.

Segundo os Planos de Estudo da escola em que realizei a Intervenção, nos conteúdos programáticos do currículo escolar do quarto ano do ensino fundamental, estão incluídas as questões referentes ao estudo da sua cidade, sua localização e a inserção do aluno naquele meio. Dornelles e Karnopp (2009), defendem que os estudos relacionados ao município em que o educando vive, mostram-se relevantes para ele, na medida em que o seu senso crítico é relacionado ao seu cotidiano. O estudo do seu espaço proporciona inúmeros aprendizados, que são verificados por meio do conhecimento da realidade. Assim como,

estudar o local é muito importante para o aluno, pois ali ele “conhece tudo”, ele sabe o que existe, o que falta como são as pessoas, como são organizadas as atividades, como é o espaço. [...] como trabalhar o local sem considerá-lo como o único, sem considerar que as explicações estão todas ali, sem cair no risco de isolá-lo no espaço e no tempo” (CALLAI; ZARTH, 1988, p.17 apud DORNELLES; KARNOPP, 2005, p. 03).

Por isso, esperava que eles já possuísem conhecimentos básicos sobre a localização, características e história do município em que vivem. No entanto, para a minha surpresa, este foi um assunto recorrente em suas escritas e de extrema relevância e interesse para eles. Assim como registrou a aluna Helenice em sua caderneta

O QUE EU APRENDI NA AULA DE HOJE? Eu aprendi a fronteira e cidadãos fronteiriços, que a nossa cidade era uma grande quantidade de campo, tudo era um imenso tapete verde, os espanhóis eram de países diferentes, falavam línguas diferentes, tinham costumes diferentes. Eles separaram as suas terras para que um país não tentasse ingressar no território.
O QUE EU GOSTARIA DE APRENDER? Sobre a história de Bagé, sobre a história do Uruguai e sobre o que era antes Bagé. (HELENICE, 05 JUN, 2016)

É possível constatar que ela expressou os novos conhecimentos que adquiriu referente a sua cidade, desenvolvendo a consciência plena do que estava aprendendo, tanto relativo a História, como a Geografia do lugar e expressou que gostaria de aprender mais sobre estes assuntos.

Entretanto, um registro em especial se sobrepuiu sobre os demais, em que o aluno expressou total desconhecimento sobre a História da sua cidade, como pode ser observado na sequência: “O QUE EU GOSTARIA DE APRENDER? Gostaria de aprender a História da minha cidade Bagé, nunca ouvi a história dela. Deve ser bem legal, ainda quero saber a história” (WANDO, 05 JUN, 2016).

Considero relatos como este, inquietantes, pois todo o conhecimento que o aluno deveria ter desenvolvido nos anos anteriores do ensino fundamental, todo o desenvolvimento espacial dele não foi processado. A geógrafa Helena Callai (2005), defende que toda a leitura de mundo proposta no currículo escolar, contribui para que o aluno possa tornar-se um ser integrado ao seu meio e conseqüentemente seja capaz de exercer a sua cidadania.

Assim como Cosson (2014), defende que, com a leitura de mundo realizada pelo aluno, ela contribui para que ele se sinta pertencente a um determinado local, pois ao ler ocorre a “troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões de mundo entre os homens no tempo e no espaço” (COSSON, 2014, p. 27).

Isto reflete não só o ensino da Geografia, mas toda a proposta interventiva que eu desenvolvi neste trabalho, ou seja, toda a História e a Memória do lugar em questão, fazendo com que os educandos possam realmente experienciar todo o lugar em que vivem, unindo as suas vivências a ele.

Desta forma, a partir das necessidades expressadas por eles e por meio do estudo referente à Região de Fronteira, partimos do conhecimento da cidade onde eles moram e assim, foram exploradas as características da sua localização, para então partir para as peculiaridades e Memórias de infância de um personagem ficcional, da mesma faixa etária dos educandos e de um escritor da região de fronteira. Isto tudo, por meio do livro *Lata de Tesouros*, assim, eles foram descobrindo que muitas atividades, lugares, brincadeiras, entre outros, foram citadas no livro e eram iguais ou parecidas com a realidade vivida por eles e então, aos poucos, foram construindo as suas próprias concepções de Fronteira, Região de Fronteira e características de sua cidade e região. Nesta mesma perspectiva, Lajolo (2006) defendeu que,

cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas leituras com vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando. Cada leitor tem a história de suas leituras, cada texto, a história das suas. Leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para o significado deste o significado de todos os textos que leu (LAJOLO, 2006, p. 106-107).

Assim como afirmam Silva e Navarro (2012), que destacam a importância de conectar os conhecimentos necessários à vida escolar, com os conhecimentos que os alunos possuem, das suas vivências, sendo o próprio aluno o agente desta conexão. Desta forma,

deve-se estabelecer vínculos entre conteúdos, as experiências e os problemas da vida prática; pedir para os alunos sempre fundamentem aquilo que realizaram na prática, mostrar a relação dos conhecimentos científicos com os de outras gerações. Cabe ao professor, em sala de aula, estimular e dirigir o processo de ensino-aprendizagem, utilizando um conjunto de ações, passos e procedimentos de acordo com o nível do grupo de alunos. (SILVA; NAVARRO, 2012, p. 97)

Deste modo, aprendendo mais sobre a Região de Fronteira, eles acabaram por relacionar estes novos conhecimentos com a sua cidade e refletir sobre ela. Sendo que tiveram relatos como o da aluna Eva, em que associa conhecimentos prévios com os novos, que estavam sendo construídos,

O QUE EU APRENDI NA AULA DE HOJE? Eu aprendi uma coisa que eu já sabia, que Bagé, minha cidade faz divisa com o Uruguai e uma coisa bem legal que antigamente os índios falavam cerros, que daí vem o nome do município Bagé.
 COMO EU APRENDI? Bom, eu aprendi lendo uma folha com a professora explicando, então eu entendi mesmo.
 O QUE EU GOSTARIA DE APRENDER? Eu gostaria de aprender mais um pouco da história da nossa cidade Bagé. (EVA, 05 jun, 2016)

Por meio deste trecho é possível realizar diversas reflexões, sendo que ela conseguiu associar os conhecimentos que já possuía aos novos conhecimentos que estava desenvolvendo e construindo, registrou que aprendeu com o auxílio do texto, da explicação da professora e ainda expressou que gostaria de continuar

aprendendo sobre sua cidade, o que demonstra que a aprendizagem estava sendo construída e fazendo sentido para ela.

Demonstra também, que ela tinha o conhecimento do que estávamos fazendo naquela aula, que conhecia os processos de ensino e de aprendizagem que estava participando, pois conseguiu relacionar a aula, com outros conhecimentos que já possuía.

Expressou também, que além de querer conhecer mais sobre as características de Bagé, gostariam de conhecer mais as características do Uruguai e os seus costumes. Isto demonstra que o assunto desta aula despertou a sua curiosidade e vontade de continuar aprendendo mais sobre a Fronteira do Brasil com o Uruguai e relacionando com a sua localidade.

Ao longo das ações interventivas, estas curiosidades foram sendo compreendidas e, relatos como o da aluna Daiana, exteriorizam isto:

O QUE EU APRENDI NA AULA DE HOJE? Eu aprendi que no Uruguai e em Aceguá eles gostam de várias coisas que nós gostamos, como mate, doce de leite e outros. A moeda se chama peso. Eu já sabia, mas também aprendi que a maioria das pessoas falam espanhol (DAIANA, 14 jun, 2016).

Nesta mesma perspectiva, quando elaborei as propostas interventivas, ainda na fase inicial do projeto, eu conhecia a importância do estudo geográfico e da localização, tinha a noção, como professora, que os meus alunos sabiam que viviam em uma Região de Fronteira, por mais que, provavelmente, não conhecessem os seus conceitos. No entanto, eu não imaginava que observar mapas, pesquisar a localização de cidades fronteiriças e ou vizinhas a sua realidade geográfica, e, depois traça-las em um papel, fosse algo tão surpreendente para eles, que isto fizesse eles enxergarem-se realmente como pertencentes a sua realidade e que ela pudesse diferenciar-se das demais a sua volta.

Observando as aulas, como pesquisadora participante e como sua professora, pude constatar que estas atividades ligadas a localização foram muito significativas para os alunos. Alguns pareciam terem redescoberto a sua localização e Fronteiras com municípios vizinhos, já outros, nunca haviam percebido que a sua cidade – Bagé – fazia Fronteira direta com o país do Uruguai, sendo que, somente conheciam

ou haviam ouvido falar sobre o município de Aceguá, que este sim, faz divisa com o Uruguai, ou seja, tomaram consciência do processo de aprendizagem que estavam vivenciando e aprenderam mais sobre a sua localização e as características do seu entorno.

Isto expõem a importância de conhecer a própria História e as características Culturais ou Geográficas do lugar onde moram, que isto é sim, muito importante para eles. Deste modo, sentem-se mais integrados ao seu lugar e possibilitam a valorização dele.

A aprendizagem na prática ficou evidenciada por meio dos registros escritos e também na fala de alunos, em que expressaram frases como - “aprendi um monte de coisas visitando lugares”. Isto reforça a ideia de que conhecer a região em que se vive é de extrema importância para os educandos e para a valorização deles como cidadãos pertencentes a um mesmo lugar.

Na sequência apresento a segunda categoria emergente, que aglutinou a Literatura e a Visita Cultural, vivenciadas durante a Intervenção pelos educandos e que culminou em mais uma forma de aprendizagem, unindo a teoria e a prática.

5.2 Onde a Literatura visita a Cultura

Analisando os materiais coletados nas escritas dos educandos, em suas cadernetas de metacognição, nas observações realizadas por mim e na escolha dos temas para as produções literárias, percebi que algo recorrente foram as reflexões sobre como estavam aprendendo e a relação que eles estabeleceram entre a Literatura e a Visita Cultural, que se tornou uma prática significativa para eles.

Percebi que por meio da Literatura, eles expressaram que estavam aprendendo mais sobre a sua Região de Fronteira, sobre a História do lugar que viviam e as características culturais dos habitantes do lugar. Bem como, por meio da Visita Cultural que realizamos para Aceguá, também fez com que eles pudessem vivenciar as paisagens, as cores e formas de uma Fronteira, assim como, expressaram que a Cultura e a língua que ali eram faladas, eram parecidas com a sua, no entanto, ao mesmo tempo diferente.

Como já abordado anteriormente, no referencial teórico deste trabalho, Cosson (2014), afirma que a função da Literatura também é a de proporcionar ao aluno o conhecimento das cores, formas, cheiros e gostos de um local, uma vez que, “a leitura não está restrita às letras impressas em uma página de papel. Os astrólogos leem as estrelas para prever o futuro dos homens. O músico lê as partituras para executar a sonata. A mãe lê no rosto do bebê a dor ou o prazer” (COSSON, 2014, p. 38).

No caso desta Intervenção, eles ainda foram além disso, pois tiveram contato também com o dialeto falado na Fronteira - que é visto hoje como língua - oportunhol, que mistura o português com o espanhol, o que gerou estranhamento para muitos.

Nas análises das intervenções e dos materiais coletados nas produções escritas, percebi que os educandos demonstraram uma certa dificuldade em refletir sobre o que gostariam de aprender, ou sobre o seu processo de construção da aprendizagem. Todavia, no decorrer das ações interventivas, penso que o processo pelo qual estavam passando foi ficando mais claro para eles e também, após a minha insistência em incentivar que eles refletissem sobre o que estavam aprendendo e o que gostariam de aprender, foram revelando os seus gostos e fazendo uma ligação dos conhecimentos que já possuíam e os que estavam em construção.

Isto me deixou muito feliz como sua professora e pesquisadora, pois acreditava realmente que eles fossem capazes de fazer isto, de refletir sobre si e que aquele momento de reflexão contribuísse para a sua construção e reconhecimento pessoal.

Assim, analisei inúmeros registros que expressaram que aprenderam lendo, que a leitura de textos e do livro *Lata de Tesouros* contribuiu para a compreensão das características da Região de Fronteira. Assim como, defendeu Cosson (2014), ao afirmar que a Literatura tem um propósito maior do que simplesmente entreter, ela tem uma função social de contribuir para a compreensão do mundo a sua volta. “Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas” (COSSON, 2014, p. 40).

Como pode ser constatado no relato do aluno Daniel, que interagiu com o mundo a sua volta e todas as características nele implicadas: “COMO EU APRENDI? Eu aprendi desenhando as localizações das cidades do Uruguai e do Brasil. E também mostrando e compartilhando as coisas que gostamos mais. E a ajuda do livro que lemos semana passada” (DANIEL, 21 jun. 2016).

Sobre o livro, *Lata de Tesouros*, percebi que ele teve grande importância para a compreensão e assimilação dos novos conteúdos para os alunos, pois, juntamente com o texto que havíamos estudado na última aula e com seus mapas, a Literatura contribuiu para que eles pudessem soltar a imaginação sobre os lugares descritos na obra e “viajar” com o personagem principal. Assim, inúmeros registros relacionaram o livro com a maneira que aprenderam, estabelecendo ligação também com a Literatura.

Como pode ser observado no registro a seguir, que o aluno relaciona os acontecimentos da última aula, com as novas ações literárias, refletindo e agregando informações a sua aprendizagem: “COMO EU APRENDI? Desenhando com meus amigos do meu grupo, desenhando os personagens de uma xícara e um mapa e vimos e lemos o livro *Lata de Tesouros*. Livro muito legal e interessante” (PEDRO, 21 jun, 2016).

Ou também, como pode ser observado no relato do aluno Luis, que descreveu as partes que mais havia lhe chamado a atenção no livro, revelando também detalhes que havia marcado a sua Memória e imaginação:

Hoje nós aprendemos sobre um livro chamado Lata de Tesouros, que o menino Carlo morava numa enorme casa, que tinha árvores de flores, árvores de frutas e ele tinha um cachorro chamado Titânio. Ele fez uma história que dizia que ele morava em uma cidade muito boa e entregou para Dona Juana levar a carta dele pois ela era uma escritora de livro e depois daí Chico Carlo foi para uma outra cidade, Santana do Livramento e Dona Juana para Montevideu e eles foram felizes para sempre (LUIS, 12 jun. 2016)

Segundo Lajolo (2006), por meio da Literatura o aluno vai misturando as suas experiências com a obra e assim sistematizando as informações, pois “cada leitor, na individualidade de sua vida, vai entrelaçando o significado pessoal de suas

leituras com vários significados que, ao longo da história de um texto, este foi acumulando” (LAJOLO, 2006, p. 106).

O que, considero que o aluno realizou em sua reflexão sobre o que e como estava aprendendo, ele anexou suas vivências com o que aprendera na obra literária, com o que aprendeu a partir da leitura da obra literária e na Visita Cultural, elaborando assim as suas conclusões e conseqüentemente os seus apontamentos na caderneta.

Nesta mesma perspectiva, Nascimento (2011, p. 01), afirma que no ato de ler, de conhecer uma obra ou história nova, os seus horizontes também se ampliam, pois “na ação de ler, condições sociais, culturais, históricas, afetivas e ideológicas entram na construção de sentidos”, assim como, ele consegue estabelecer experiências pessoais ao que está lendo.

Assim, é possível também perceber que eles registraram que aprenderam de diversas formas, que por meio de um conjunto de fatores a construção foi acontecendo e se tornando real. Isto é muito importante para os alunos e também para os professores, terem a noção de que aprendizagem não ocorre somente por uma forma, mas sim com um conjunto delas.

Bem como, a diversidade de oferta de recursos, como vídeos, texto, mapas, contribuiu para que eles pudessem visualizar a região, conhecer as suas características e assim, aos poucos, ir construindo o seu próprio conhecimento. Como registrou o aluno Silvio: “COMO EU APRENDI? Quando olhamos o vídeo que mostrava pessoas que moravam em Aceguá, também mostrava toda a cidade de Aceguá, como também quando a gente primeiro estava no Brasil depois passamos para Uruguai” (SILVIO, 13 jul. 2016).

Neste momento, é possível perceber que a Visita Cultural teve grande impacto na construção dos sentidos para os educandos, pois segundo Oliveira e Santos (2009), as saídas de sala de aula ampliam a gama de conhecimentos sendo ofertados e postos a apreciação deles. Na Visita Cultural, a Geografia do lugar pode ser apreciada, a vestimenta dos uruguaios foi observada, os sons foram apreciados, enfim, as possibilidades de assimilação foram inúmeras e isto refletiu nas suas escritas posteriores, como pode ser analisado na escrita do aluno Daniel “Essa viagem foi importante para nós alunos do 6º A porque nós temos que conhecer

nossa história. A gente aprendeu lendas de Aceguá e o porquê do nome. Então eu nunca vou esquecer da viagem de ensino” (DANIEL, 13 jul. 2016).

Percebe-se que a Visita Cultural, com o que ele apreciou nela, reforçou as suas concepções sobre as características dos habitantes uruguaios, mesclando as suas informações prévias com aquelas que ele estava adquirindo.

Em alguns relatos escritos nas cadernetas, observei que vários alunos expressavam a importância do guia de turismo a da coordenadora de educação que nos recebeu e acompanhou durante a Visita Cultural, que aprenderam com o auxílio deles, como na narrativa a seguir:

O QUE EU APRENDI NA AULA DE HOJE? Hoje eu fui visitar o Aceguá e lá teve um guia que mostrou tudo para nós, foi interessante o que eu aprendi e gostaria de ir mais vezes. Lá fomos visitar a prefeitura e todo mundo falava em língua diferente.

COMO EU APRENDI? Eu aprendi com o guia explicando e a professora falando mais um pouco, eu prestei bastante atenção em tudo. (GIULIA, 13 jul. 2016).

Novos elementos em sala de aula - como no caso do guia de turismo Ricardo e da Helaine, que era coordenadora pedagógica - podem contribuir para o despertar do interesse nos educandos sobre um mesmo assunto que já está sendo trabalhado em aula.

Assim como, a ligação da Literatura com outras atividades, em que o educando tornou-se o agente de sua própria busca, como foi o caso da pesquisa no laboratório de informática, em que tiveram a oportunidade de sanar as dúvidas que surgiram durante os processos de ensino e de aprendizagem, ou pesquisar o que responderam referente a pergunta da caderneta - *O que gostariam de aprender* – e assim construir o conhecimento, em grupo, de forma lúdica, trocando informações com os colegas e principalmente, como agentes de formação de seu próprio conhecimento.

Como pode ser observado na escrita da aluna Helenice, que expressa todo o processo de aprendizagem e a crescente vontade de aprender mais:

Eu aprendi a fazer uma história envolvendo fronteiras, cidadãos fronteiriços, características da nossa cidade e do país vizinho, o Uruguai, o livro Lata de Tesouros e a pesquisa no laboratório de informática. Foi muito legal, eu pesquisei para saber mais e mais (HELENICE, 05 jul, 2016)

Por meio deste trecho, é possível também realizar diversas reflexões, sendo que ela conseguiu refletir sobre os conhecimentos que já possuía, os novos conhecimentos que estava desenvolvendo e construindo, registrou que aprendeu com o auxílio do texto, com o livro e com a pesquisa que ela mesma realizou, ou seja, foi agente de construção do seu próprio conhecimento. Ainda expressou que gostaria de continuar aprendendo sobre sua cidade, o que demonstra que a aprendizagem estava sendo edificada e fazendo sentido para ela.

Para os processos de ensino e de aprendizagem isto é extremamente relevante, pois confirma que o conhecimento estava ocorrendo de forma concreta, assim como afirma Freire, que

nas condições da verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente do saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (FREIRE, 1996, p. 26)

Esta condição de aprendizagem significativa sendo construída por meio da Literatura e da Visita Cultural, também pode ser constatada na escrita da aluna Angela, em que ela conseguiu mesclar todas as atividades realizadas na Intervenção, culminando com uma atividade final, que foi a escrita das suas histórias fictícias

O QUE EU APRENDI NA AULA DE HOJE? Na aula de hoje criamos uma história falando das características da nossa cidade e do nosso país vizinho, o Uruguai, o livro Lata de Tesouros, fronteiras e pesquisando no laboratório de informática.

COMO EU APRENDI? Pesquisando nos computadores da sala de informática, lendo e escrevendo, pesquisando as coisas para colocar no blog. E também fizemos essa atividade em dupla. (ANGELA, 05 jul. 2016).

Com este relato, é possível perceber que a aluna combinou as aprendizagens adquiridas ao longo do processo interventivo, com o que gostaria de aprender, isto,

por meio da pesquisa no laboratório de informática. Importante ressaltar também, que ela registrou a informação de que a atividade foi em dupla, o que para ela, foi marcante, possivelmente por ser uma atividade que goste de realizar.

Ao longo da Intervenção, percebi o quão importante foi para os educandos conhecerem o processo do qual estavam fazendo parte, a finalidade de cada atividade e assim, compreender que cada prática realizada estava interligada com um tema maior que era a Região de Fronteira, de conhecerem um pouco mais e melhor do lugar em que viviam. Percebi também a importância de o professor ter transparência nos objetivos da proposta, da mesma forma,

o professor deve ter propostas claras sobre o que, quando e como ensinar, a fim de trocar o planejamento de atividades de ensino para a aprendizagem de maneira adequada e coerente com seus objetivos. Portanto, para que haja geração de conhecimento é necessário compreender que o ato de ensinar requer uma postura pedagógica dialética, pois o diálogo pode ser uma fonte de riqueza, de alegria que só acontece quando os interlocutores têm voz ativa sem limitar ou impor. (SILVA; NAVARRO, 2012, p. 97)

Assim, ao analisar os registros nas cadernetas, as observações nas intervenções, na Visita Cultural e nas produções literárias dos educandos, pude perceber que eles sabiam o propósito do projeto e assim puderam, com mais facilidade, construir as suas próprias concepções de Fronteira, Região de Fronteira, Memória, História e a Geografia do lugar em que vivem, tanto referente às características da sua cidade – Bagé – quanto as informações referentes à Região de Fronteira.

Bem como, é por meio do Letramento Literário, iniciado neste trabalho, que segundo Cosson (2014) o aluno tem a possibilidade de conhecer novos horizontes e a escola tem esta função também social, de oportunizar o conhecimento e a reflexão, pois, segundo ele, é função da escola e dos educadores esta prática construtiva.

Da mesma forma, a Literatura contribuiu para que os educandos compreendessem que o mundo ao seu redor precisa ser analisado e compreendido, e que isto também é um processo de leitura sentido. Assim como defendeu Cosson (2014, p. 38), que “a leitura não está restrita às letras impressas em uma página de

papel”, mas sim em tudo o que vivenciamos e conhecemos. Assim, a compreensão por parte do aluno, de quem é, e de como se opera o mundo a que pertence torna-se mais fácil. A seguir, apresento a terceira categoria, que emergiu dos registros nas cadernetas, relacionando a Visita Cultural, com as expressões de afeto para comigo.

5.3 O trajeto do afeto

Sempre me empenhando pela ideia de que os educandos pudessem, aos poucos, ir construindo as suas concepções sobre o que era Fronteira, a partir do estudo das características da região em que eles viviam, da localização geográfica e de registros de Memória dos antigos habitantes e das suas Memórias de infância, isto tudo, utilizando entre outros métodos, a reflexão e registro escrito na caderneta de metacognição.

Bem como, ao propor uma Visita Cultural para o município de Aceguá, que também faz divisa com o Uruguai, pretendia que os educandos pudessem vivenciar na prática uma fronteira, visto que, muitos deles nunca haviam viajado para lá, ou, no início das ações interventivas, nem conheciam as suas características, mesmo Bagé sendo uma Região de Fronteira.

Sendo assim, propus uma Visita Cultural, mesmo tendo consciência de que isto geraria uma série de trâmites, como autorização, locação de ônibus e arrecadação do valor para financiar a viagem. Bem como, estimulei os meus alunos ao propor que crianças em torno de doze anos refletissem sobre o seu processo de aprendizagem.

E, pensando nisso, procurei elaborar uma caderneta em que eles pudessem expressar não só as suas reflexões, mas também que eles conseguissem manifestar a sua personalidade, gostos e que ela fosse atrativa visualmente, dando assim a característica de que aquele era um caderno pessoal e único, em que ali eles iriam registrar algo muito particular e importante, as suas reflexões.

O que me surpreendeu, foi a ligação que eles estabeleceram entre as atividades desenvolvidas na Intervenção, principalmente a Visita Cultural que

realizamos para o município de Aceguá, divisa com o Uruguai, com expressões de afeto e carinho dedicadas a mim.

Sobre estes fatos, Davis, Nunes e Nunes (2005), defendem a ideia de que esta ligação possa estar relacionada com a reflexão do processo de aprendizagem pelo qual eles estavam passando e a motivação para a realização de algo novo para os educandos, pois bem sabemos que realizar uma visita a outra cidade é algo trabalhoso e com custo financeiro elevado de se realizar frequentemente e por isso, torna-se uma atividade realizada com menor regularidade.

Quando os alunos se sentiram motivados e agradecidos pela atividade, acabaram por expressar em seus registros escritos, expressões de agradecimento. Como pode ser observado na seguinte passagem do aluno Silvio: “Há eu aprendi melhor as coisas, escrevi muito hoje e aprendi bastante coisa. Sobre a história de Bagé, como se formou e outras coisas legais que eu aprendi com a professora Daniela, ela é a melhor professora que eu tenho no mundo” (SILVIO, 28 de jun. 2016).

Estimulados com a atividade diferenciada, tanto em sair do seu meio habitual - a escola - e conhecerem outras culturas, lugares e pessoas, quanto ao refletirem e expressarem sobre o processo de aprendizagem pelo qual estavam passando, utilizando a caderneta e a oportunidade para expressar a afetividade para comigo em suas escritas. Assim como pode ser observado no seguinte registro da caderneta:

O QUE EU APRENDI NA AULA DE HOJE? Na aula de hoje nós fizemos um passeio para Aceguá, nós aprendemos muitas coisas e depois nós caminhamos e fomos no Uruguai e conhecemos o prefeito de Aceguá, tiramos muitas fotos e vimos muitas obras primas.

O QUE EU GOSTARIA DE APRENDER? Gostaria de viajar mais, fazer uma volta, conhecer o que fazem e muitas coisas (LAURA, 13 de jul, 2016).

No registro referente ao dia da Visita Cultural, a aluna expressou a importância que a saída a campo teve para a sua aprendizagem, bem como, percebe que há outras coisas para se conhecer e que gostaria de continuar descobrindo mais sobre culturas e modos de vida distintos.

Assim como defendeu Oliveira e Souza (2009), em que, a saída da sala de aula proporciona um olhar diferente sobre o outro, sobre o seu local, a sua cultura e

características, ela oportuniza a reflexão sobre outros elementos no espaço visitado, pois amplia o seu campo de visão e com isso, a sua curiosidade sobre outros elementos, fatos ou história do lugar podem ser explorados. Elementos estes, que culminaram em registros nas cadernetas, ligando as atividades desenvolvidas na Intervenção e a afetividade.

Penso que, ao se depararem com a liberdade para se expressarem por meio da escrita e por saberem que eu tomaria conhecimento do que eles haviam escrito ali, tenham se sentido motivados para expressarem seus sentimentos mais pessoais e refletido sobre a sua vida. Desta forma, a aprendizagem torna-se mais significativa para o aluno, abrangendo outras áreas que não haviam sido pensadas para tal. Segundo Brait et al (2010), conduzindo assim,

o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente parte e contemplado pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Para que o professor consiga êxito entre os alunos, cabe uma difícil tarefa de despertá-los à curiosidade, ao aprendizado prazeroso, e à necessidade de cultivar sempre novos conhecimentos em meio às atividades propostas e acompanhadas pelo professor (BRAIT et al, 2010, p. 03)

Nesta mesma perspectiva, Gomes (2006) afirma que para despertar este interesse pela aula proposta, ela precisa ser planejada de forma que a sua execução possibilite “o exercício do pensamento reflexivo, conduza a uma visão política de cidadania e que seja capaz de integrar a arte, a cultura, os valores e a interação, propiciando, assim, a recuperação da autonomia dos sujeitos e de sua ocupação no mundo” (GOMES, 2010, p. 233).

Deste modo, na proposta interventiva desenvolvida por mim, os alunos se sentiram mais interessados nas atividades, demonstrando sentimentos e expressões positivas ligadas à aula, refletiram também, sobre a sua vida e demonstraram afeto por mim, na condição de sua professora. Uma vez que, no decorrer das ações interventivas, expressaram afeição e até um certo desabafo nas escritas, como se fosse um espaço para refletir não só sobre o seu processo de aprendizagem, mas sim, sobre a sua vida e a relação que eles estabeleceram com os colegas, relação esta, de afeto e troca de saberes.

Igualmente pode ser observado nos seguintes excertos, em que os alunos demonstraram afeto e interesse pelas atividades interventivas, sendo que no primeiro fragmento, o aluno expressa a gratidão pelas atividades desenvolvidas nas aulas e a satisfação em aprender um pouco mais dos colegas: “Eu aprendi junto com meus colegas e a professora Daniela, ela é uma ótima professora. Ela fez uma caixa de tesouros e deu para aprender um pouco de cada um” (JAIRO, 21 jun. 2016).

Ainda nesta passagem, é possível perceber que a atividade de resgatar as Memórias de infância, trazer objetos que eram importantes para eles e socializar com os colegas, foram atividades que oportunizaram a abertura e a partilha dos seus valores e sentimentos para com os colegas, fez ainda, com que a cumplicidade pelos outros aflorasse.

Na segunda passagem, que trago a seguir, ela exemplifica esta relação de afetividade que os alunos estabeleceram comigo e com os colegas, ao mesmo tempo em que utilizaram a caderneta para expressá-las, é possível observar que as trocas de saberes com os colegas foram marcantes no seu próprio crescimento. “Eu aprendi tudo com a professora Daniela ensinando, com a minha colega Maria Helena me falando o que eu não sabia e eu falando o que ela não sabia. (CAMILA, 05, jul. 2016).

Fato marcante nesta passagem, é a visível satisfação que a aluna expressa em também poder contribuir para a aprendizagem da colega, sendo que ela estava sendo auxiliada, mas também estava auxiliando na construção e troca de conhecimentos, fato este, que a escola pode propiciar se deixar espaço para o debate e a troca.

Nesta mesma perspectiva, Ansarah (2001), defende que a Visita Cultural “vivenciada pelos alunos como forma de complemento de um conhecimento abordado em sala de aula, envolve deslocamentos e/ou viagens de maneira prazerosa” (ANSARAH, 2001, p. 294). Assim como o que eu utilizei na Intervenção, remetendo a muitos fatos pessoais, pois remexeu com sentimentos e fatos passados que são reverenciados através da saída da sala de aula.

Além disso, a Visita Cultural estimula o desenvolvimento do indivíduo e o relacionamento com os colegas, não só nos processos de ensino e aprendizagem, mas também nos processos emocionais, afetivos, sociais e culturais. A saída da sala

de aula tem influência também na transformação do sujeito, tornando a Visita Cultural uma ferramenta de disseminação do saber.

Assim como também pode ser observado no excerto, em que, por meio da escrita, o aluno expressou sentimentos pessoais, que possivelmente ele não verbalizaria no grande grupo: “O QUE EU GOSTARIA DE APRENDER? A ler direitinho e também não ter vergonha na hora de ler as coisas. Tomara que eu passe de ano para me sentir melhor e fortalecer a minha vida” (SILVIO, 14 jun, 2016).

Nesta escrita é possível analisar a reflexão que o aluno fez sobre a sua vida, em que gostaria de passar de ano para se sentir melhor, sendo que ele já havia repetido um ano letivo e visivelmente isto havia afetado a sua autoestima. Bem como, é possível fazer a análise, em que penso, que o aluno “viajou” com a história, imaginou os lugares e se inseriu nela, chegando ao ponto de refletir sobre a sua vida, em comparação com o menino do livro, escrevendo que gostaria de passar de ano, pois na história o personagem relata sobre a sua vida escolar e as memórias de infância.

Outras passagens me chamaram bastante atenção por expressarem reflexões com um caráter filosófico, sendo que eles não refletiram somente sobre o que estavam aprendendo, mas também sobre a sua vida, como pode ser observado na escrita a seguir: “O QUE EU GOSTARIA DE APRENDER? Para mim é difícil encontrar essa resposta, então vou deixar para eu descobrir na escola, para onde meu caminho me levar. (AMANDA, 07 jun, 2016).

A escrita da aluna Amanda demonstra que para ela, possivelmente, naquele momento, refletir sobre o que gostaria de aprender foi uma tarefa um pouco difícil, no entanto, exprime a certeza que a vida irá lhe mostrar o que gostaria de aprender, que com o passar do tempo, as coisas irão ficar mais claras e as dúvidas ou desejos sobre o que gostaria de se aprofundar, irão surgir.

Nesta ocasião é que a escola deve oportunizar e auxiliar o aluno a se sentir integrado na sociedade para que ele possa sentir-se integrado e valorizado no seu meio. Bem como afirmou Sturza (2010), já citada no referencial teórico, de que compreender a região que se vive, contribui para a formação da identidade do fronteiriço. Sendo que, no caso da aluna Amanda, ela estava passando por um processo de conhecimento sobre a sua região, ainda tinha dúvidas do que gostaria

de aprender, preferia deixar a escola lhe mostrar, mas com a clareza que estava no caminho para isto.

No desenvolvimento do projeto, em que os alunos foram se envolvendo mais com as atividades, desenvolvendo a consciência sobre a sua aprendizagem, conseqüentemente gostando delas e principalmente, estavam ansiosos pela Visita à Aceguá, surgiram mais expressões afetivas em suas escritas, sendo que principalmente remetiam a declarações de amor e agradecimentos pelo projeto: “COMO EU APRENDI? Aprendi lendo, escrevendo com a minha professora querida Daniela, eu amo muito a minha professora”. (William, 05 jul, 2016).

Portanto, a Visita Cultural pode auxiliar na afetividade, pois faz com que os educandos se sintam mais atraídos pela proposta pedagógica, favorecendo assim, a interação, a reflexão e ainda, promovendo o conhecimento do meio sociocultural onde vivem, aproximando o aprendizado teórico, com as suas vidas.

Como relatou o aluno Wando, também com uma conotação relacionada à afetividade, tanto com a sua professora, quanto em relação aos seus amigos e ainda sobre como o processo de aprendizagem estava sendo prazeroso para ele, pois ao mesmo tempo em que estava aprendendo, estava descobrindo que aprender era algo muito bom,

O QUE EU APRENDI NA AULA DE HOJE? Eu aprendi a localizar as cidades no papel pardo, fizemos um mapa para saber mais a localização. É muito bom aprender sobre as coisas.

COMO EU APRENDI? Eu aprendi desenhando no papel pardo, eu e meu colega Yarlei, Daniel e William, fizemos uma fazenda, um poço, um rio e foi muito bom. AMO A PROFESSORA DANIELA. (Wando, 21 jun, 2016).

Exposições como estas me fizeram repensar como as atividades diferenciadas são importantes para a aproximação do educando com o fazer pedagógico, bem como, a afetividade é importante para o bom andamento dos processos de ensino e de aprendizagem, assim como defende Tassoni (2000, p. 03) que, “é através de um intenso processo de interação com o meio social, pela mediação do outro, que se dá a apropriação dos objetos culturais. É através dessa mediação que o objeto de conhecimento ganha significado e sentido”. No caso deste trabalho, defendo a ideia de que o conhecimento ganhou sentido principalmente pela atividade ligada à Visita

Cultural, em que os educandos enxergaram significado na prática interventiva, pois tinham a consciência de que isto culminaria em uma atividade prática, de conhecimento no próprio local da fronteira.

Bem como, eu observei no processo interventivo, que por meio da aproximação da pesquisadora e também sua professora, os alunos interessaram-se mais pela aprendizagem e se dispuseram a participar ativamente das atividades. Assim, surgiram mais relatos de como gostaram da aula e como foi bom aprender

O QUE EU APRENDI NA AULA DE HOJE? Eu aprendi que participar das aulas é legal, eu fiz trabalho com meus colegas, eu aprendi a pesquisar com a professora, aprendi também sobre a história da escritora Juana de Irbourou.

COMO EU APRENDI? Aprendi com a professora explicando, aprendi várias coisas, nós vamos fazer um blog, vamos tirar fotos e várias coisas, foi legal esta aula, obrigado professora.

O QUE EU GOSTARIA DE APRENDER? Eu gostaria de aprender sobre as histórias, professora você mudou a minha vida professora. (Yarlei, 28 jun, 2016).

Isto reflete também, como a aprendizagem se tornou algo prazeroso para o aluno, chegando à conclusão de que aprender é uma coisa legal a partir do momento que ela fizer sentido para ele. Assim como, a demonstração do quanto uma atividade diferenciada pode ser marcante para os alunos, sendo que, foi algo construído pelo coletivo, como no caso de produzir um blog, local em que foram postadas as suas produções.

Penso que, foi algo tão significativo e prazeroso para eles, que culminou com expressões de agradecimento, mesmo sem eles se darem conta de que uma educação de qualidade é direito fundamental de qualquer aluno.

Segundo Almeida (1993), na pedagogia tradicional, considera-se a aprendizagem como um processo somente racional, no entanto, com este trabalho interventivo, pude constatar que as relações de ensino e aprendizagem perpassam o consciente do aluno, envolvendo outras áreas do seu eu. Desta forma,

a afetividade, que se expressa na relação vincular entre aquele que ensina e aquele que aprende, constitui elemento inseparável e irreduzível das estruturas da inteligência. Acreditamos, ainda, que na transmissão e apropriação do conhecimento, que ocorre numa relação sujeito a sujeito,

intervêm processos conscientes e inconscientes dos pares em relação. Não há ato de ensinar-aprender sem a mediação concreta de *sujeitos humanos*, não havendo, portanto, relação ensino-aprendizagem sem que haja atuação indissociável entre inteligência, afetividade e desejo (ALMEIDA, 1993, p. 01).

Com esta associação entre desejo e afetividade, desejo este, em realizar uma atividade diferenciada e marcada em seus registros na caderneta, a aprendizagem ocorreu de forma mais significativa, porque foi no processo de construção do conhecimento por parte do aluno, que ele conseguiu enxergar-se como sujeito, inserido em uma cultura e interagindo com outros sujeitos.

Assim, por meio de todo o processo e também da Visita Cultural, ampliamos os nossos horizontes e fomos além da teoria, partimos para a prática, situação esta, que os processos vivenciados nas ações interventivas passaram de somente informar, mas também a formar e transformar os educandos em cidadãos plenos, conscientes de seu papel na sociedade e desprovidos de preconceitos com relação à cultura do outro.

Assim como defenderam alguns pensadores, entre eles, Paulo Freire (1996), que escreveu como os diferentes tipos de professores interferem no comportamento do aluno, sendo que

o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p. 96).

Isto é possível constatar nos registros dos educandos participantes deste trabalho, em que, ao se depararem com atividades diferenciadas e que estimulavam a sua participação e envolvimento, expressaram gratidão, amor e afeto pela sua professora, sendo que alguns escreveram que aquelas atividades haviam mudado a sua vida e outros agradeciam pela iniciativa da proposta interventiva, como é possível constatar no seguinte registro da caderneta de metacognição

O QUE EU APRENDI NA AULA DE HOJE? Eu aprendi hoje muitas coisas legais como fazer um círculo para mostrar fotos dentro da caixa, foi muito

legal. Também fizemos um mapa, fiz desenho, gostei muito dessa aula. Obrigado professora por tudo.
COMO EU APRENDI? Aprendi sobre como é um mapa, como tem variedade de país bonitos e aprendi como é legal participar. (YARLEI, 21 jun. de 2016).

Desse modo, fica claro que a afetividade está interligada com os processos psíquicos da aprendizagem, com as relações entre os sujeitos – professor e aluno – é que se estabelecem condições para o desenvolvimento da aprendizagem. Bem como, é a afetividade que

desempenha uma função, em maior ou menor grau, de organização e de sustentação das atividades psíquicas, sendo indispensável e indissociável das diferentes tarefas e atividades desenvolvidas pelo ser humano. Se os afetos, as emoções, têm íntima ligação com a inteligência e vice-versa, e se o ato de ensinar-aprender ocorre num processo relacional, vincular, necessariamente, essa relação terá de levar em consideração, no seu *modus operandi* toda a variada gama de expressões dos afetos e das emoções, presentes na relação professor-aluno e, conseqüentemente na apropriação do conhecimento (ALMEIDA, 1993, p. 07).

No entanto, a autora também afirma que o professor não pode esquecer-se de que ele é o professor e o adulto da relação com o seu aluno, e assim, não deve procurar romper estes laços em busca de uma relação afetiva favorável e abolir a diferença na relação entre professor e aluno. “O professor que se identifica com a criança se apaga, anula sua identidade de professor e de adulto, estabelecendo uma relação imaginária especular e concebendo a aprendizagem como uma experiência autoengendrada” (ALMEIDA, 1993, p. 07).

Assim, a aprendizagem pode ser desenvolvida com mais facilidade se existir uma boa relação afetiva no ambiente escolar, no entanto, isto deve ocorrer de forma natural, sem imposições ou tendências forçadas. Bem como,

negar ou superdimensionar a afetividade na relação ensino e de aprendizagem significa, em ambos os casos, um desconhecimento profundo da natureza das atividades psíquicas. As ações e relações do homem não são unicamente derivadas da ordem lógico-matemática, como também não se orientam apenas pelas reações emocionais-afetivas de prazer-desprazer (ALMEIDA, 1993, p. 08).

Estas relações emocionais e afetivas foram tão marcantes para eles, que ao findar do projeto, alguns alunos tiveram a iniciativa de escreverem depoimentos finais em uma última folha em branco que eu havia deixado na caderneta, para caso eles necessitassem escrever mais, ou seja, me precavi com espaço para a escrita deles e me surpreendi com depoimentos emocionados e sinceros. Como exemplo trago dois destes relatos

O fim do projeto é hoje, então o que eu achei do projeto, o projeto me ensinou muita coisa. Uma coisa que eu achei legal do projeto foi os cadernos, que todo fim do projeto agente escrevia nele para dizer o que nós aprendemos e o que nos ensinaram. O projeto ele foi focado na fronteira entre Bagé e Aceguá. A professora vai montar um blog para botar os textos, as histórias que nós montamos e criamos. Essa viagem que fizemos foi interessante, quando a professora disse que tinha uma viagem para Aceguá todo mundo ficou ansioso para ir. Foi passando o tempo e a viagem foi ontem, vimos monumentos, falamos com um prefeito da cidade, conhecemos a prefeitura e conhecemos um acampamento cheio de casas feito de madeira e as pessoas que moravam lá. E tinha um chapéu lá gigante, só que ele era um chapéu que tinha uma lareira ali dentro, acendiam na semana crioula se eu não me engano. Enfim o projeto foi divertido e de aprendizagem. Obrigado professora! (DANIEL, 13 jul. 2016).

Neste relato, o que mais me chamou a atenção foi a trajetória traçada pelo aluno ao descrever os principais acontecimentos do projeto interventivo, as atividades foram tão significativas para ele, que culminaram em um registro e um agradecimento pelas ações desenvolvidas.

Por meio de sua escrita, é possível observar também, que na viagem realizada para a cidade de Aceguá, onde fomos recepcionados primeiramente em um acampamento farroupilha, em que os telhados são confeccionados em madeira e palha, na forma circular, o aluno associou aquele tipo de arquitetura com um chapéu, que havia uma lareira dentro. Isto demonstra a sua imaginação e conhecimentos novos que foi desenvolvendo.

No próximo relato que exponho, destaco a sinceridade do aluno em registrar que gostou das atividades, agradece por elas, no entanto, deixa registrado que não gostou de escrever na caderneta. “Eu gostei de tudo, como aprendemos, como fizemos, estudamos foi bem divertido. Só não gostei de escrever no caderninho. De resto muito bom, obrigado professora Daniela” (LUIS, 13 jul. 2016).

Deixar registrado que não havia gostado de ter que escrever na caderneta me surpreendeu também, pois a grande maioria dos alunos envolvidos, justamente gostou desta atribuição, de registrar as suas reflexões diariamente. Isto corrobora ainda, para a ideia de que cada aluno tem a sua individualidade e que no planejamento pedagógico, devemos levar sempre isto em conta.

Desta forma, com esta experiência de utilização e registro em uma caderneta de metacognição, pude perceber que este instrumento oportunizou a reflexão sobre diferentes áreas da vida dos educandos e que por meio dela, eles foram desafiados a refletirem sobre o que estavam aprendendo, como estava ocorrendo este processo de aprendizado e a refletir sobre o que gostariam de saber mais, de ampliar o seu horizonte, de ir além do que estavam acostumados em um ambiente escolar. E, eles foram além mesmo, refletiram sobre as suas vidas, sobre as suas Memórias e por meio das escritas nas cadernetas tiveram a oportunidade e liberdade para expressarem sentimentos e opiniões. Foi uma experiência muito significativa e que pretendo incluir em minhas práticas docentes futuras. A seguir, apresento as considerações finais deste trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Relatório Crítico-reflexivo teve por objetivos relatar e avaliar uma Intervenção Pedagógica com alunos da Região de Fronteira entre o Brasil e o Uruguai, em que pretendi incentivar o reconhecimento das características Culturais e Históricas do lugar em que vivem, despertando o interesse nos educandos sobre a História, Geografia, Memória e a Literatura da extensão de divisa entre os dois países.

Considero importante para os educandos fronteiriços, que eles reconheçam as características do lugar onde vivem e a Literatura que trata da sua região e assim percebam que Bagé/RS é um município fronteiriço e sintam-se realmente pertencentes e integrados ao lugar em que vivem.

Para isso, oportuneizei a reflexão sobre a suas Memórias pessoais por meio da Literatura e da Visita Cultural, mesclando com as características fronteiriças, para que eles pudessem construir os seus próprios conhecimentos acerca dos limites territoriais do município de Bagé e a relação com as cidades vizinhas.

As ações interventivas foram planejadas para abranger uma série de elementos e desta forma oportunizar os alunos a construir as suas próprias concepções sobre a Região de Fronteira. Assim, foram incluídos recursos como Literatura, localizações geográficas com mapas e desenhos, pesquisa no laboratório de informática, produção e publicação em um blog, vídeos, imagens e uma Visita Cultural para o município de Aceguá, que faz a divisa entre o Brasil e o Uruguai.

Ainda na Visita Cultural, pude perceber que além de aprenderem na teoria sobre as questões fronteiriças, por meio da Literatura e de textos, eles foram além, vivenciaram a Fronteira na prática e isto foi muito significativo. Ouvir frases como “eu nunca tinha viajado antes”, ou “não conhecia Aceguá” me fizeram repensar a forma como as minhas aulas são direcionadas. Pois, sou professora de História e Geografia deles e não havia me dado conta de que estudamos sobre países ou civilizações distantes como Egito ou Roma e sequer eles conheciam a cidade vizinha a sua, ou não conheciam a sua própria localização geográfica. Isso me fez repensar

a minha prática docente, pois agora sei que preciso primeiro investigar o que eles conhecem e partir daí para o conteúdo pré-estabelecido no currículo.

Como instrumento para a coleta de dados foi utilizada a observação participante, a caderneta de metacognição e a análise das escritas ficcionais dos educandos. Sendo que, por meio delas foi possível perceber que as concepções sobre Fronteira, Região de Fronteira e as características do lugar em que eles vivem foi elucidada.

Por meio dos registros na caderneta, foi possível analisar que esta, oportunizou uma reflexão mais ampla e profunda aos educandos do que eu mesmo, como pesquisadora esperava, pois com ela, eles sentiram-se encorajados a refletirem sobre questões pessoais e sentimentos que antes possivelmente não tiveram a oportunidade ou coragem para expressar.

Observei também, o quão importante é a afetividade para os alunos, a ligação com a sua professora e como isto faz com que eles se interessassem mais pela aula e buscassem se dedicar mais. Surpreenderam-me e alegraram-me muito as expressões de carinho e agradecimento pelo projeto, descritas pelos educandos, fatos como esses fazem a gente querer sempre se aperfeiçoar e dedicar-se mais a eles, pois isso sim é o que realmente tem importância para um profissional docente.

Percebo que este projeto serviu como um incentivo para a minha escola e para os meus colegas de trabalho a também dedicarem-se em refletirem sobre o local onde vivem, a Região de Fronteira, isto, juntamente com seus alunos, pois, foram inúmeras vezes em que meus colegas, professores, ao saberem que o meu tema do mestrado era sobre a Fronteira, admiravam-se e expressavam o quão importante e interessante era este assunto.

Sei que “plantei uma sementinha” no ambiente escolar em que trabalho, pois nele, a cada ano trabalhamos com um tema geral durante todo ano letivo, em que toda a escola se envolve e desenvolve atividades relacionadas à cultura, história, memórias, entre outros. E, o tema para este ano letivo de 2017 está sendo sobre o Estado do Rio Grande do Sul e assim, também será contemplada a questão fronteiriça, podendo ser ampliado o estudo sobre as características do Brasil e do Uruguai e trabalhado com maior profundidade as características rio-grandenses e

municipais. Sendo esta também, a questão elencada pelos sujeitos da pesquisa, sobre o que gostariam de aprender mais, descrita na caderneta de metacognição.

A partir das discussões tratadas neste relatório, sei que ele servirá como uma referência para o estudo futuro das questões fronteiriças no ensino fundamental e a experiência com a caderneta, uma possibilidade exitosa para futuras intervenções e pesquisas.

Penso ainda, que este trabalho não é algo pronto ou finalizado, mas sim, um campo que ainda possa render mais estudo por parte dos educandos, sendo que nas escritas ficcionais deles, expressaram ideias e sentimentos se colocando na posição de futuros escritores. E, porque não sonhar que a “sementinha que eu plantei” com meus alunos dará frutos saudáveis para este lugar em que nós vivemos, esta Região de Fronteira entre o Brasil e o Uruguai?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender. **Temas em psicologia**, v. 1, n. 1, p. 31-44, 1993. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000100006>. Acesso em: 30 jan. 2017.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Turismo - como aprender, como ensinar**. Senac, 2001.

ASSIS, Machado de. **Notícias da Atual Literatura Brasileira - Instinto de nacionalidade**. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v.3, 1986.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. rev. e ampliada. Editora Unesp. São Paulo, 2011.

AZEVEDO, Carlos Eduardo Franco et al. A estratégia de triangulação: objetivos, possibilidades, limitações e proximidades com o pragmatismo. **IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**. Brasília, nov, 2013.

BAGÉ. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Estadual de Ensino Fundamental Félix Contreiras Rodrigues, 2016.

BERGER, Peter. BERGER, Brigitte. **Socialização: como ser membro da sociedade**. In: FORACCHI, M. M.; MARTINS, J. S. (Orgs.). Sociologia e sociedade. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos, 1978.

BERLATTO, Odir. **A construção da identidade social**. Revista do Curso de Direito da FSG Caxias do Sul, ano 3, n. 5 jan./jun. p. 141-151, 2009.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução às terias e aos métodos**. Portugal: Porto Ed, 1994.

BRAIT, Lílian Ferreira Rodrigues et al. A relação Professor/Aluno no processo de ensino e aprendizagem. **Itinerarius Reflectionis**, v. 6, n. 1, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/rir/article/view/40868/20863>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

BRASIL. (1979). **Lei nº 6.634**, de 2 de maio de 1979. Dispõe sobre a Faixa de Fronteira, altera o Decreto-lei nº 1.135, de 3 de dezembro de 1970 e dá outras providências.

_____. **Programa de Promoção do Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. De 10 de agosto de 2011. Ministério da Integração Nacional. Disponível em: <<http://www.mi.gov.br/cartilha-pdff>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes, Campinas**, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005.

CASTAGNINO, Raúl. **Cuento – artefacto y artificios del cuento**. Buenos Aires, Editorial Nova, 1977.

CASTORÍADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3a. ed., 1995.

CECHINEL, André. Teoria literária e o ensino da literatura: impasses. **Educação**, v. 36, n. 1, 2013

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, EDUSC, 1999.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; JOVER-FALEIROS, Rita. **Leitura da literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

DAMIANI, Magda Floriana. A metacognição como auxiliar no processo de formação de professores: uma experiência pedagógica, **UNI Revista**, v. 1, n. 2, abri. 2006.

DAMIANI, Magda Floriana; ROCHEFORT, Renato Siqueira; CASTRO, Rafael Fonseca de; DARIZ, Marion Rodrigues; PINHEIRO, Silvia Siqueira. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPEL**. Pelotas, n. 45, p. 57 - 67, jul. /ago. 2013.

DAVIS, Claudia. NUNES, Marina. NUNES, Cesar. Metacognição e sucesso escolar: articulando teoria e prática. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 205-230, maio/ago. 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/Daniela/Downloads/442-1546-1-PB.pdf> Acesso em: 26 dez. 2016.

DORNELLES, Mizael. Karnopp, Erica. O estudo do município em geografia. **10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**. Porto Alegre. p. 01 – 19. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT6/tc6%20\(12\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT6/tc6%20(12).pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2017.

FARIAS-MARQUES, Maria do Socorro de Almeida; ACOSTA, Vanessa David. **Português para uruguaiois fronteiriços: um relato de experiência**. Extramuros, Petrolina-PE, v.2, n. 1, p. 41-50, jan./jun.2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/viewFile/392/180>>. Acesso em: 19 fev. 2016.

FERREIRA, Antonio Celso. **História e literatura: fronteiras móveis e desafios disciplinares**. Revista pós-história. São Paulo: UNESP, v. 4, 1996.

FREIRE, Paulo. MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Freire, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Daiana Silva Gomes; MOTA, Karol Monteiro; PERINOTTO, André Riani Costa. Turismo pedagógico como ferramenta de educação patrimonial: a visão dos professores de História em um colégio estadual de Parnaíba (Piauí, Brasil). **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 5, n.1, p. 82-103, abril de 2012.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 11. ed. São Paulo. Ática: 2006.

JENKINS, Richard. **Categorization: Identity, social process and epistemology**. *Current sociology*, v. 48, n. 3, p. 7-25, 2000.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Unicamp, 1998.

LUDKE, Menga; CRUZ, Giseli Barreto. **Aproximando universidade e escola de educação básica pela pesquisa**. *Cadernos de pesquisa*, v.35, n.125, p.81-109, maio/ago. 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. In: *Fundamentos da metodologia científica*. Atlas, 2003.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. **Poesia e imaginário**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. Caminhos do conto brasileiro. **Revista Ciências e Letras**, Porto Alegre, n.34, p.9-21, jul/ dez. 2003.

NASCIMENTO, Regina Lúcia. Epistemologia, educação e literatura: conhecimentos para o ensino de leitura literária na sala de aula. **Revista Letras Escreve**, Macapá, vol. 01. n. 02, p. 141 – 156, ago/ dez. 2011.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n.1, p. 195-209, jan./abr. 2009.

PACHECO, Patrícia da Silva. **A linguagem literária: sua especificidade e seu papel**. In PAIVA, Aparecida et al (Orgs). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2004.

PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes; OLIVEIRA, Ana Arlinda. A literatura infantil no processo de formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, v. 4, p. 22-36, 2013.

PARO, Vitor Henrique. O currículo do ensino fundamental como tema de política pública: a cultura como conteúdo central. **Ensaio**, p. 485 – 508, 2011.

PEREIRA, Jacira Helena do Valle. **A especificidade de formação de professores em Mato Grosso do Sul: limites e desafios no contexto da fronteira nacional**. InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS, v. 15, n. 29, p. 106-119, 2012. Disponível em: <<http://www.intermeio.ufms.br/ojs/index.php/intermeio/article/view/76/71>>. Acesso em: 07 fev. 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Debate em: 28 jan. 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acesso em: 17 jan. 2016.

PIAGET, Jean. A explicação em psicologia e o paralelismo psicofisiológico. **Tratado de Psicologia Experimental**, v. 1, 1969.

PORTO, Patrícia de Cassia Pereira. Educação, literatura e cultura da infância: compreendendo o folclore infantil em Florestan Fernandes. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 126, p. 129-141, 2014.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RUFINO, Cristiene Silva. MIRANDA, Maria Irene. A contribuição da pesquisa de intervenção para a prática pedagógica. **Horizonte Científico**, v. 1, n. 1, 2007.

SANGUIN, André-Louis. Paisagens de fronteira: variações em um importante tema da geografia política. **Boletim Gaúcho de Geografia**. 42.2 (2015).

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **As Culturas Negadas e Silenciadas no Currículo**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. Alienígenas na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 159 – 177.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

_____. **Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2002.

SARQUIS, Patrícia. **La educación en zonas de frontera: síntese en investigaciones realizadas en Argentina**. In: TRINDADE, Aldema Menine; BEHARES, Luís Ernesto. (org.). Fronteiras, educação, integração. Santa Maria, 1996. p. 57-81.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. **A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório**. Estudos de Psicologia. Universidade Federal de São Paulo. V. 8(1), p. 107-115, 2003.

SILVA, Ormenzina Garcia da. NAVARRO, Elaine Cristina. A relação professor-aluno no processo ensino –aprendizagem. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar**. n.º8 Vol – 3 p. 95 -100. 2012. Disponível em: file:///C:/Users/Daniela/Downloads/82-172-1-SM.pdf. Acesso em: 19 dez. 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos** / Kalina Vanderlei Silva, Maciel Henrique Silva. – São Paulo: Contexto, 2005.

SOSA, Jesualdo. A literatura infantil. Tradução de James Amado. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo. 1978.

STURZA, Eliana Rosa. **Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras**. Revista Ciência e Cultura, vol. 57, n. 2. São Paulo. abr./jun. 2005.

_____. **Espaço de enunciação fronteiriço e processos identitários**. Pro-Posições, Campinas, v. 21, n.3 (63), p. 83-96, set. /dez. 2010

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno**. Psicologia, análise e crítica da prática educacional. Campinas, ANPED, 2000.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. Edições Loyola, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Tipologias textuais literárias e linguísticas**. Scripta, Belo Horizonte. v. 7, n.14, p. 146-158, 1º sem, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva; NETO, Vicente Molina. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Ed. Universidade, 1999.

VIANA, Nildo. **Juventude e identidade. Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 22, n. 2, p. 117-123, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/2301/1404>> Acesso em: 22 mar. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Autorização da escola para a realização da Intervenção.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)
MESTRADO PROFISSIONAL
CAMPUS JAGUARÃO
AUTORIZAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA DO TIPO INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA

O Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, tem como proposta de trabalho dos alunos, uma intervenção a ser realizada no ambiente de trabalho do acadêmico. Nesse sentido, a aluna **Daniela Carine Dohs Machado**, professora da rede estadual de ensino da cidade de Bagé/RS, sob matrícula 157110044, vem através deste documento, solicitar a autorização da Escola Estadual de Ensino Fundamental Félix Contreiras Rodrigues, localizada na Av. Espanha, número 750, Bagé/RS para realizar a sua intervenção que tem como projeto inicial identificar e incentivar o despertar da autoimagem de cidadãos fronteiriços nos educandos. Por meio da literatura regional, incentivar o reconhecimento das características culturais, históricas e traços da língua uruguaia, entrelaçadas com as características brasileiras, no lugar em que vivem. Primeiramente, a professora fará um questionário com as três turmas dos 6º anos do Ensino Fundamental, afim de selecionar uma turma para a pesquisa interventiva. Posteriormente, fará a intervenção com aproximadamente doze aulas de acordo com o perfil observado nos questionários. Em seguida, a acadêmica fará a análise das aulas ministradas no projeto e o Relatório Crítico reflexivo.

Maria Francisca Silveira Collares Thompson Flores
Diretora da E. E.E.F. Félix Contreiras Rodrigues
Bagé/RS, _____ de março de 2016

APÊNDICE B – Questionário utilizado na seleção da turma que fez parte da intervenção.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)
MESTRADO PROFISSIONAL
CAMPUS JAGUARÃO**

Este é um questionário que será utilizado na coleta de dados para a pesquisa do tipo Intervenção Pedagógica, com o título – Gestão das Práticas Docentes no Despertar da Autoimagem dos Alunos Fronteiriços por meio dos Contos Literários - sob a responsabilidade da mestrandia Daniela Carine Dohs Machado e da orientadora Prof^a. Dr^a. Cristina Pureza Duarte Boéssio.

Sua participação é muito importante para nós!

Questões referentes à temática da pesquisa:

1) Qual o nome do município que tu moras? _____

2) Sabias que o município que tu moras faz divisa com o país Uruguay?

() Sim; () Não;

3) O que significa Fronteira para ti?

4) Tu te consideras como um morador/ moradora da Fronteira?

() Sim; () Não;

5) Tu conheces alguém que vive ou viveu no Uruguay?

() Sim; () Não;

Se sim, qual a tua relação com esta pessoa?

() Familiar; () Amizade; () Conhecido; () Outro;

6) Reconheces características da cultura uruguaia e ou dos costumes no lugar onde moras ou estudas? Quais?

7) Sobre a literatura da região onde tu moras, conheces algum livro, conto ou o folclore que trate sobre a cultura ou história do lugar onde moras?

() Sim; () Não;

Saberias dizer o nome ou contar um pouquinho sobre a história? Escreve o que tu lembras.

8) Com a tua possível participação neste projeto de pesquisa, o que tu mais gostarias de aprender em relação a história ou geografia da região onde moras?

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO!

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os pais ou responsáveis legais, que foi utilizado na Intervenção.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)
MESTRADO PROFISSIONAL
CAMPUS JAGUARÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do projeto: GESTÃO DAS PRÁTICAS DOCENTES NO DESPERTAR DA AUTOIMAGEM DOS ALUNOS FRONTEIRIÇOS POR MEIO DOS CONTOS LITERÁRIOS

Pesquisadora responsável: Daniela Carine Dohs Machado

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cristina Pureza Duarte Boéssio

Telefone celular da pesquisadora para contato: (53) 91675003

O(a) seu(ua) filho(a)/dependente está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), nesta pesquisa, que tem por objetivo incentivar o reconhecimento das características culturais e históricas, entrelaçadas com as características brasileiras, no lugar em que vivem, por meio da Literatura regional.

A participação do(a) seu(ua) filho(a)/dependente na pesquisa constituirá em responder por escrito ao questionário elaborado pelos responsáveis, assim como participar da proposta de Intervenção.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar.

Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. O nome e a identidade serão mantidos em sigilo, e os dados da pesquisa serão armazenados pela pesquisadora responsável.

Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas (ou outra forma de divulgação). Também serão apresentados na conclusão desta pesquisa e disponibilizados à comunidade escolar desta instituição.

Estando ciente dos objetivos, preencha o nome completo do(a), seu(u), filho(a)/dependente e assine no local indicado nas duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pela pesquisadora responsável.

Nome completo do(a) participante da pesquisa

Pai/ Mãe/ Responsável Legal

Daniela Carine Dohs Machado
Pesquisadora

Bagé (RS), ____ de maio de 2016.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Unipampa – Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592, Prédio Administrativo – Sala 23, CEP: 97500-970, Uruguaiana – RS. Telefone: (55) 3413 4321 - Ramal 2289 ou ligações a cobrar para 55-84541112. E-mail: cep@unipampa.edu.br.

APÊNDICE D - Termo de Assentimento para os educandos utilizado na Intervenção.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)
MESTRADO PROFISSIONAL
CAMPUS JAGUARÃO**

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCRALECIDO

Título do projeto: GESTÃO DAS PRÁTICAS DOCENTES NO DESPERTAR DA AUTOIMAGEM DOS ALUNOS FRONTEIRIÇOS POR MEIO DOS CONTOS LITERÁRIOS

Pesquisadora responsável: Daniela Carine Dohs Machado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cristina Pureza Duarte Boéssio

Telefone celular da pesquisadora para contato: (53) 91675003

Tu estás sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), nesta pesquisa, sendo que teus pais/representante legal permitiram que tu participes. Ela tem por objetivo identificar e despertar a autoimagem de cidadãos fronteiriços nos educandos. Por meio da literatura regional, incentivar o reconhecimento das características culturais e históricas, entrelaçadas com as características brasileiras, no lugar em que vivem.

Tua participação na pesquisa constituirá em responder por escrito ao questionário elaborado pelas responsáveis, assim como participar da proposta de Intervenção, que inclui o estudo de Contos Literários, observações de vídeo, mapas e imagens relacionadas com a Região de Fronteira do Brasil com o Uruguai, trabalho em grupos, e produções literárias.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO SUJEITO DA PESQUISA:

Eu li e discuti com a pesquisadora responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito e aceito participar da pesquisa.

Participante da Pesquisa

Daniela Carine Dohs Machado
Pesquisadora

Bagé (RS), ____ de _____ de 2016.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Unipampa – Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592, Prédio Administrativo – Sala 23, CEP: 97500-970, Uruguaiana – RS. Telefone: (55) 3413 4321 - Ramal 2289 ou ligações a cobrar para 55-84541112. E-mail: cep@unipampa.edu.br.

APÊNDICE E – Texto utilizado na Intervenção.

FRONTEIRA E CIDADÃOS FRONTEIRIÇOS

No início da história de Bagé, nossa cidade nada mais era que uma grande quantidade de campo, tudo era um imenso “tapete verde”. Os índios eram os únicos que moravam na zona dos cerros e segundo o historiador Tarcísio Taborda, daí vem o nome do nosso município; **Bagé** é uma palavra indígena que na língua dos índios quer dizer **cerros**.

Por volta do ano de 1752, vieram morar nesta região portugueses e espanhóis. Eles eram de países diferentes, falavam línguas diferentes e tinham costumes também diferentes. Foi necessário separar as suas terras para que um país não tentasse ingressar no território vizinho e a partir da separação e demarcação dos limites territoriais, eles sentiram a necessidade de estabelecer fronteiras.

A separação das terras dos países chama-se fronteira, sendo que as terras de Bagé ficaram do lado dos portugueses, e o nosso município vizinho, Aceguá, ficou para o lado dos Espanhóis.

No entanto, muitas pessoas confundem limites com fronteira. O limite é a divisão entre uma unidade territorial e outra, geralmente entre dois países. A ideia desse conceito tem por objetivo determinar com total precisão os pontos do território pertencentes a um determinado país, incluindo os seus valores constitutivos, como idiomas ou moeda. Todos os limites territoriais existentes na face da Terra foram firmados por meio de acordos, tratados ou guerra entre os países envolvidos. Após esse processo, foram implantadas linhas imaginárias que são, em grandes casos, marcadas por meio de elementos naturais como rios, lagos, serras e montanhas ou uma construção de um marco artificial sobre o terreno.

Por outro lado, o conceito de fronteira é mais dinâmico e designa uma frente de expansão ou uma zona de inter-relações entre os diferentes meios, que podem ou não ser territórios diferentes. Ao contrário de limite, que é uma noção mais exata e

fixada juridicamente, as fronteiras são mais fluidas e há mais comunicação e interação entre as pessoas.

Mapa de Bagé com os seus limites territoriais.



Fonte: COLLARES (2003)

Por isso, falamos que Bagé localiza-se em uma Região de Fronteira, em que aos poucos as nacionalidades portuguesa, espanhola e indígena foram influenciando na formação cultural da população que aqui vivia. Herdamos um pouco dos costumes de cada um desses povos, juntamente com a culinária, as danças, a música, traços da língua, entre outros.

Existe uma lei (Lei de Fronteira, nº 6.634 / 79), que define até onde uma região pode ser considerada como Região de Fronteira, que é a faixa de território que corresponde a 150 km (cento e cinquenta quilômetros) para além dos limites internacionais com quaisquer países. Como o município de Bagé localiza-se a 60 km (sessenta quilômetros) da fronteira com o município de Aceguá, no Uruguai, ela classifica-se como Região de Fronteira.

A Região de Fronteira compreendida entre estes dois países configura-se como uma fronteira seca, ou seja, onde não existe um rio, lago, ou oceano separando, apenas uma delimitação simbólica de que ali acaba um país e começa o outro, sendo livre e pacífica a circulação das pessoas por entre elas.

Os habitantes desta região chamam-se de Cidadãos Fronteiriços, pois compartilham de uma cultura única, em que se mescla com a cultura dos dois

países. Sendo assim, os moradores da cidade de Bagé também são considerados como fronteiriços.

Referências

BRASIL. (1979). **Lei nº 6.634**, de 2 de maio de 1979. Dispõe sobre a Faixa de Fronteira, altera o Decreto-lei nº 1.135, de 3 de dezembro de 1970 e dá outras providências.

COLLARES, Maria José Álvares. **Bagé: nossa História, nossa gente, nossa vida**. 2. ed. Porto Alegre. Martins Livreiro Ed. 2003.

FREITAS, Eduardo De. **Fronteiras do Brasil**. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/brasil/as-fronteiras-brasil.htm>>. Acesso em 20 jan. 2016.

PENA, Rodolfo F. Alves. **Limite e Fronteira**. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/limite-fronteira.htm>. Acesso em 20 jan. 2016.

APÊNDICE F – Caderneta de metacognição utilizada na Intervenção.

CADERNETA DE METACOGNIÇÃO

MEU DIÁRIO

DE

APRENDIZAGEM

Nome: _____

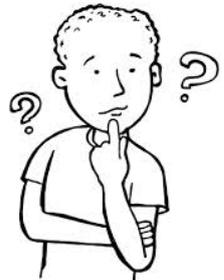
Data: ____/____/____

O que eu aprendi na aula de hoje?



Como eu aprendi?

O que eu gostaria de aprender?



4) Reconheces características da cultura e ou dos costumes uruguaios no lugar onde moras ou estudas? Quais?

5) Sobre os contos literários da Região de Fronteira, o que mais te chamou a atenção?

OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO!

APÊNDICE H – Autorização para a visita cultural.

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)
MESTRADO PROFISSIONAL
CAMPUS JAGUARÃO**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA A VISITA CULTURAL

Senhores pais ou responsáveis!

Como parte constituinte das ações da Intervenção Pedagógica pensadas para os alunos do 6º ano A, realizaremos uma visita cultural para o município de Aceguá/RS prevista para o dia 05 de julho de 2016. Sairemos às 13h30min da Escola Félix Contreiras Rodrigues, com retorno previsto para às 17h30min.

Para este dia, programamos um momento de confraternização com um lanche coletivo, onde, cada aluno que puder, levará um prato (doce ou salgado) ou uma bebida (suco ou refrigerante) para compartilhar com a turma. Contamos com a sua participação.

Solicitamos, por gentileza, o preenchimento do termo de autorização. Esse, deverá ser entregue até o dia 01 de julho de 2016 (sexta-feira).

Eu, _____, responsável pelo(a) aluno(a) _____, RG: _____, autorizo a participação deste(a) na visita cultural para a cidade de Aceguá/RS, no dia 05 de julho de 2016, das 13h30min às 17h30min.

Assinatura do(a) responsável:

_____.

Atenciosamente,
Mestranda Daniela Carine Dohs Machado
Orientadora Cristina Pureza Duarte Boéssio.

APÊNDICE I – Modelo de folha para a escrita das histórias fictícias dos alunos ao final da Intervenção.

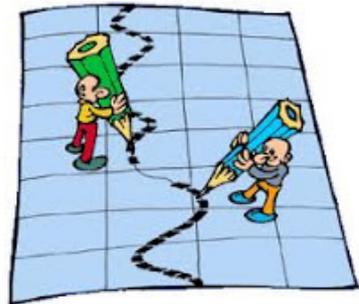
PRODUÇÃO ESCRITA DE UMA HISTÓRIA

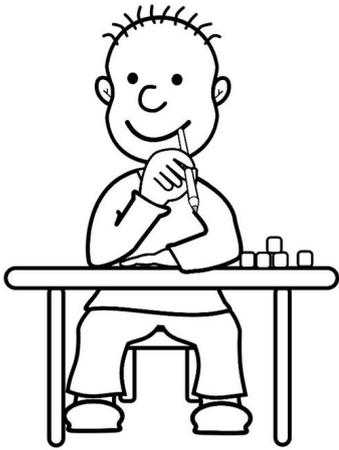
Nomes: _____ **Data:** ___/___/___

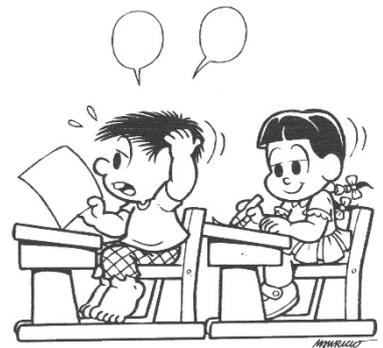
Durante este projeto de intervenção, nós estudamos e aprendemos muitas coisas. Agora chegou a hora de vocês criarem as suas histórias.

Elaborem uma história fictícia envolvendo os assuntos trabalhados em aula. Aí vão algumas dicas:

- ❖ Fronteiras;
- ❖ Cidadãos fronteiriços;
- ❖ Características da nossa cidade e do nosso país vizinho, o Uruguai;
- ❖ O livro Lata de Tesouros;
- ❖ A pesquisa no laboratório de Informática.









APÊNDICE J – História ficcional criada pelos educandos.**Fronteira do Brasil com o Uruguai**

Era uma vez um menino que morava na fronteira Brasil com o Uruguai. Ele gostava de brincar com seus amigos ali naquele lugar. Eles adoravam brincar de chimangos contra maragatos.

Esse menino era o rei da fronteira, ele matava várias pessoas e colocava em cima da linha divisória, assim não sabiam se morreram no Brasil ou no Uruguai.

Esse menino adorava a brincadeira porque ele tinha um livro que dizia uma brincadeira parecida, chamado Lata de Tesouros. Ele tinha muitos amigos fronteiriços, esses amigos eram brasileiros que iam visitar seus avós que moram no Uruguai. Quando eles estavam na casa de seus avós aproveitavam para brincar com o rei da fronteira. Eles gostavam da cultura do Uruguai e os lugares que ali se encontram. Eles gostavam da cultura do Uruguai que era diferente da do Brasil, só o chimarrão que é o mesmo.

O rei da fronteira foi viajar para o Brasil, ele tinha ficado alguns dias e não tinha gostado da cultura do Brasil, é estranho, muito diferente do Uruguai e não é permitido fazer nada legal. Então ele voltou para o Uruguai, chegando lá ele se ajoelhou e botou a mão no solo e disse: Nunca mais vou sair do meu país, amado por todos!

APÊNDICE K – Escritas dos educandos nas cadernetas de metacognição.

O QUE EU APRENDI NA AULA DE HOJE?	COMO EU APRENDI?	O QUE EU GOSTARIA DE APRENDER?
<p>PAULO – Hoje aprendemos o porquê do nome de Bagé, aprendemos que o é fronteira e que nossa cidade faz fronteira com Aceguá. Descobrimos que o nome do dinheiro é peso e descobrimos algumas culinárias e danças.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Que todos os livros tem falar e que lendo você pode aprender.</p> <p>----</p> <p>Dia 21/06 – Aprendi desenhando mapa, desenhando pessoas, imagens e uma chácara também. Vimos a caixinha de tesouros e vimos algumas coisas importantes dos meus colegas, quase me esqueci, vimos e lemos o livro Lata de Tesouros.</p>	<p>Explicação da professora, por um mini mapa, um texto e os colegas um pouco.</p> <p>-----</p> <p>Lendo um livro e descrevendo.</p> <p>----</p> <p>Desenhando com meus amigos do meu grupo, desenhando os personagens de uma chácara e um mapa e vimos e lemos o livro Lata de Tesouros. Livro muito legal e interessante.</p>	<p>Mais sobre a história do nosso país vizinho, o Uruguai e as culturas deles como a culinária, danças e etc.</p> <p>-----</p> <p>Mais sobre a fronteira e cultura dos fronteiriços.</p> <p>-----</p> <p>Muito mais sobre a fronteira, sobre o Uruguai e muito mais culturas típicas de lá e os campos de nosso país.</p>
<p>LUIS – Hoje eu aprendi mais sobre Bagé, a minha cidade, aprendi um pouco sobre o Uruguai, as características do Uruguai.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Eu aprendi a história de um menino, o Carlos, sobre a vida dele, sobre os parentes, amigos que ele conhece. Onde ele mora, também sobre uma mulher a Dona Juana e o marido dela o capitão.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Eu aprendi hoje sobre a localização de algumas cidades do Brasil e do Uruguai. A turma também começou um trabalho sobre o livro Lata de Tesouros.</p> <p>---</p>	<p>Lendo uma folha, tinha tudo bem explicadinho e a professora explicou um pouco além.</p> <p>-----</p> <p>Com um livro que a professora leu para a turma inteira. O livro se chamada Lata de Tesouros.</p> <p>-----</p> <p>Vendo as caixas dos alunos e o trabalho pelo livro Lata de Tesouros.</p>	<p>O que eu gostaria eu já aprendi.</p> <p>-----</p> <p>Nada a mais do que eu aprendi.</p> <p>-----</p> <p>Mais sobre o Uruguai, mais um pouco sobre a história e as culturas dele.</p>
<p>HELENICE – Eu aprendi a fronteira e cidadãos fronteiriços, que a nossa cidade era uma grande quantidade de campo, tudo era um imenso tapete verde, os espanhóis eram de países diferentes, falavam línguas diferentes, tinham costumes diferentes. Eles separaram as</p>	<p>Eu aprendi lendo uma folha que a professora Daniela deu, também explicando com suas palavras.</p> <p>-----</p>	<p>Sobre a história de Bagé, sobre a história do Uruguai e sobre o que era antes Bagé.</p> <p>-----</p>

<p>suas terras para que um país não tentasse ingressar no território.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Hoje eu aprendi a história da Lata de Tesouro do autor Carlos Urbim, que ele era conhecido como Chico Carlos que ele morava numa fazenda na verdade a fazenda não era dele era da Dona Juana a casa era branca com dois quartos na verdade não era casa era uma chácara.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 –Hoje eu aprendi fazendo um mapa num papel marrom que eu não sei o nome e desenhando uma chacra, um mapa e uns bonecos, foi muito legal o que ela fez com os outros colegas.</p> <p>----</p> <p>Dia 28/06 – As características da cidade de Rivera no Uruguai, eu olhei imagens do Uruguai é muito legal aprender coisas novas pra você ficar mais sabido das coisas mais inteligente.</p> <p>----</p> <p>Dia 05/07 – Eu aprendi a fazer uma história envolvendo fronteiras, cidadãos fronteirços, características da nossa cidade e do país vizinho, o Uruguai, o livro Lata de Tesouros e a pesquisa no laboratório de informática. Foi muito legal porque eu e a Carol fizemos frente, verso e mais uma folha de ofício tinha mais um pouco atrás, eu queria fazer poder fazer de novo a história quantas vezes eu queria fazer 10.</p> <p>----</p> <p>Dia 13/07 – Eu aprendi a história de Aceguá, vimos um vídeo da cidade de Aceguá, o nome do vídeo era Aceguá do sonho a realidade, era muito legal agente também tiramos muitas fotos um pé no Brasil e o outro no Uruguai e conhecemos a prefeitura também. O prefeito de lá falou uma língua muito tão estranho, mais eu entendi o que ele falou e ele também entendi o que a gente falava.</p>	<p>Eu aprendi com um livro que a professora Daniela leu também a professora</p> <p>-----</p> <p>A fazer um mapa sozinho do livro que a professora leu a Lata de Tesouros</p> <p>----</p> <p>Eu aprendi pesquisando no computador, olhando imagens, fotos e textos.</p> <p>----</p> <p>Pesquisando na informática, folhas que a professora Daniela deu no livro de geografia, dando texto no quadro, fazendo pesquisa no livro, eu pesquisei para saber mais e mais.</p> <p>----</p> <p>Aprendi viajando para Aceguá, conhecendo as características de Aceguá, a história de Aceguá que o bicho fazia guá, por isso o nome da cidade de Aceguá.</p>	<p>Não escreveu</p> <p>-----</p> <p>De aprender outros livros que a professora tem, ela poderia trazer outro livro e ler.</p> <p>----</p> <p>Mais sobre as características de outras cidades, as capitais, eu gostaria de aprender sobre as cidades.</p> <p>----</p> <p>De aprender mais, fazer mais textos frente e verso e mais uma folha de ofício e no caderno também.</p> <p>----</p> <p>Mais sobre outros planetas, como são, como as pessoas falam, história e muito mais.</p>
<p>MARIANA – Eu aprendi um pouco sobre a história da nossa cidade vizinha e também aprendi que nós Riograndenses, como fazemos fronteira com os uruguaios somos chamados de Cidadãos Fronteirços.</p>	<p>Eu aprendi lendo uma folha que a professora nos deu e também porque ela nos explicou um pouco.</p> <p>-----</p>	<p>Algo mais sobre o Uruguai como por exemplo os costumes de lá.</p> <p>-----</p>

<p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Eu aprendi dentro de uma leitura da aula de hoje convivência, amor, amizade, respeito, etc.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Nós aprendemos a nos localizar no mapa e achar as cidades perto do Uruguai na divisa.</p>	<p>Dentro de uma leitura chamada “Lata de Tesouro”, e com a professora me explicando.</p> <p>-----</p> <p>Olhando no mapa e a professora me explicando.</p>	<p>Um pouco mais sobre o Uruguai.</p> <p>-----</p> <p>Um pouco mais sobre a história de Bagé.</p>
<p>DAIANA – Eu aprendi que no Uruguai e em Aceguá eles gostam de várias coisas que nós gostamos como: mate, doce de leite e outros. A moeda se chama peso. Eu já sabia mas também aprendi que a maioria das pessoas falam espanhol.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Eu aprendi várias coisas como o livro Lata de Tesouros e foi muito legal. Eles moravam em Santana do Livramento e depois foram para Melo.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 –Hoje nós fizemos um cartaz com um mapa e vários personagens, foi muito legal. Fizemos também a apresentação da caixa de tesouros, eu vi várias fotos dos meus colegas e coisas que são importantes para eles.</p> <p>----</p> <p>Dia 28/06 – Hoje fomos para a sala de informática e pesquisamos em duplas as características da cidade de Melo no Uruguai e depois digitamos e botamos imagens.</p> <p>----</p> <p>Dia 13/07 – Nós viajamos para Aceguá e foi muito legal, a gente foi em dois marcos e fomos visitar o prefeito de Aceguá, o segundo marco tinha a bandeira do Uruguai e a do Brasil com a divisa. Eu adorei o passeio e gostaria que tivesse mais passeios como esse.</p>	<p>Com a explicação da professora.</p> <p>-----</p> <p>Com a explicação da professora e com a leitura do livro.</p> <p>-----</p> <p>Com a explicação da professora e fazendo p trabalho.</p> <p>-----</p> <p>Pesquisando e prestando atenção.</p> <p>-----</p> <p>Não escreveu</p>	<p>Nada.</p> <p>-----</p> <p>Mais nada porque na minha opinião a história foi bem explicada.</p> <p>-----</p> <p>Mais nada porque foi tudo muito bem explicado.</p> <p>-----</p> <p>Mais coisas desse tipo porque eu achei legal.</p> <p>---</p>
<p>AMANDA – Aprendemos mais sobre o nosso país, que ele faz fronteira com o Uruguai e aprendemos sobre a cidade.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Aprendemos sobre coisas do</p>	<p>Com a professora explicando e passando no quadro.</p> <p>-----</p>	<p>Para mim é difícil encontrar essa resposta, então vou deixar para eu descobrir na escola, para onde meu caminho me levar.</p> <p>-----</p>

<p>passado que o Brasil faz fronteira. ----- Dia 21/06 –Eu aprendi sobre as estradas, países e cidades. ----- Dia 05/07 – Fizemos a história fictícia sobre os assuntos estudados. ----- Dia 13/07 – Fizemos o passeio.</p>	<p>Não escreveu ----- Com a professora explicando e fazendo um trabalho sobre isso. ---- Com a professora explicando e passando no quadro. ---- Fazendo o passeio e visitando os lugares.</p>	<p>Não escreveu ----- Gostaria de aprender sobre os tempos antigos e sobre a cidade. ---- Não sei. ---- Sobre Aceguá.</p>
<p>LUCIANO – Hoje eu vi muitas coisas sobre Bagé e Uruguai e sobre características do país vizinho ao nosso mundo. ----- Dia 14/06 – Hoje nós aprendemos sobre um livro chamado Lata de Tesouros, que o menino Carlos morava numa enorme casa, que tinha árvores de flores, árvores de frutas e ele tinha um cachorro chamado Titânio. Ele fez uma história que dizia que ele morava em uma cidade muito boa e entregou para Dona Juana levar a carta dele pois ela era uma escritora de livro e depois daí Chico Carlo foi para uma outra cidade, Santana do Livramento e Dona Juana para Montevidéu e eles foram felizes para sempre. ----- Dia 21/06 – Hoje nós fizemos uns cartazes sobre uma chácara que Dona Juana tinha, ela fez um livro para nós lermos e ela depois de ir embora para Santana do Livramento ela entregou seu livro para uma? e ficou famosa, ---- Dia 28/06 – Hoje nós aprendemos o significado de chimangos e maragatos, nós vimos imagens e foi mais legal, nós fizemos um grupo dos alunos fronteiriços e nós fizemos word e aprendemos um pouco sobre ele.</p>	<p>Porque eu aprendi a nossa professora estava explicando as coisas que ela passou e agente leu uma folha que dizia no outro lado da folha um mapa que separava as cidades como Bagé, Aceguá, Candiota, Hulha Negra, Pinheiro Machado, Caçapava do Sul, Lavras do Sul, Dom Pedrito. ----- Eu aprendi sobre um livro chamado Lata de Tesouros que dizia sobre um menino chamado Chico Carlo, que contava que ele morava numa chácara. ----- Eu aprendi sobre uma chácara que contavam uma história sobre um livro chamado Lata de Tesouros. ----- ---- Eu aprendi sobre imagens e textos grande, nós copiamos e escrevemos um pouco e fizemos muitas coisas divertidas sobre o significado</p>	<p>Eu queria aprender um pouco sobre nossa gente, nossa vida, mais coisas legais e muito mais. ----- Eu quero aprender mais sobre livros. ----- Eu queria aprender mais do que um livro e mapas e muito mais coisas. ----- Eu gostava de aprender mais sobre Uruguai, Santa do Livramento e sobre lugares interessantes de Carlos Urbim. ----- Eu queria aprender um pouco mais de seu país, em Uruguai Aceguá. -----</p>

<p>----</p> <p>Dia 05/07 – Hoje nós aprendemos sobre uma história fictícia que falava que um guri morava no Aceguá Brasil que cruza com Uruguai Aceguá e que participava de uma banda de rock, que era guitarrista e que é bom morar lá que é calmo.</p> <p>----</p> <p>Dia 13/07 – Hoje nós fizemos uma vigem para o centro de Aceguá, nós aprendemos um pouco do Uruguai, nós vimos um vídeo que falava um pouco sobre Aceguá, o seu Ricardo falou uma lenda para nós de um tempo atrás e nós aprendemos com a tia Elaine um pouco do Uruguai.</p>	<p>de maragato e chimango.</p> <p>----</p> <p>Eu aprendi que ele era rico, que tem que ir atrás de seu próprio dinheiro.</p> <p>----</p> <p>Eu aprendi um pouco sobre bandeiras, comidas típicas e fomos para a divisa de Aceguá Brasil e de Aceguá Uruguai.</p>	<p>Mais um pouco sobre bandeiras.</p> <p>----</p> <p>Não escreveu</p>
<p>EVA – Eu aprendi uma coisa que eu já sabia, que Bagé, minha cidade faz divisa com o Uruguai e uma coisa bem legal que antigamente os índios falavam cerros, que daí vem o nome do município Bagé.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Bom, na aula de hoje nós lemos um livro que se chama Lata de Tesouros de Carlos Urbim, a história falava da mãe Juana e sua família.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Bom, na aula de hoje eu aprendi mais um pouco daquele livro Lata de Tesouros, eu apresentei as coisas que mais representam para mim. Fizemos também um trabalho sobre o livro, tínhamos que desenhar um mapa e outras coisas, foi muito legal.</p>	<p>Bom, eu aprendi lendo uma folha com a professora explicando, então eu entendi mesmo.</p> <p>-----</p> <p>Não escreveu</p> <p>-----</p> <p>Apresentando a minha caixa de tesouros com o trabalho que fizemos e também com a explicação da professora.</p>	<p>Eu gostaria de aprender mais um pouco da história da nossa cidade Bagé.</p> <p>-----</p> <p>-----</p> <p>Eu gostaria de saber um pouco mais das cidades faladas no livro.</p>
<p>ANGELA – Hoje eu aprendi que Bagé faz fronteira com o Uruguai. Que o Uruguai é um país com vários costumes como: o chimarrão, doce de leite, entre outros e também aprendi que o nome do nosso município Bagé é uma palavra indígena que na língua dos índios quer dizer cerros.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Hoje eu aprendi a história do livro Lata de Tesouros de Carlos Urbim. Que conta a história de Dona Juana, que ela escrevia poesias, ela era uma escritora. E também fala de um menino chamado Carlos e eles tinha uma lata de</p>	<p>Eu aprendi com a explicação da professora e porque os colegas comentaram e porque eu li no texto.</p> <p>-----</p> <p>Bom, eu aprendi através da leitura do livro Lata de Tesouros de Carlos Urbim e também aprendi porque a professora explicou.</p>	<p>Eu gostaria de aprender a história da nossa cidade de Bagé.</p> <p>-----</p> <p>Não gostaria de aprender mais nada.</p> <p>----</p>

<p>tesouros.</p> <p>----</p> <p>Dia 21/06 – Bom, na aula de hoje eu aprendi um pouco mais do livro Lata de Tesouros e eu apresentei a minha caixa de tesouros e fizemos também um trabalho em grupo sobre o livro e desenhamos os personagens do livro e desenhamos o mapa conforme lemos no livro.</p> <p>----</p> <p>Dia 28/06 – Hoje fomos para a sala de informática e pesquisamos as cidades citadas no livro. A história do Uruguai, quem descobriu o Uruguai e como ele se formou. Depois digitamos tudo aquilo que nós pesquisamos e colocamos umas imagens no trabalho.</p> <p>----</p> <p>Dia 05/07 – Na aula de hoje criamos uma história falando das características da nossa cidade e do nosso país vizinho, o Uruguai, o livro lata de Tesouros, fronteiras e pesquisando no laboratório de informática.</p>	<p>----</p> <p>Apresentando as caixas de tesouros e fazendo o cartaz com os personagens e também aprendi com a explicação da professora.</p> <p>----</p> <p>Pesquisando nos computadores da sala de informática, lendo e escrevendo, pesquisando as coisas para colocar no blog. E também fizemos essa atividade em dupla.</p> <p>----</p>	<p>Eu gostaria de aprender mais das cidades que foram citadas hoje. Onde elas ficam.</p> <p>----</p> <p>Eu gostaria de aprender o que eles comem no Uruguai e um pouco mais da nossa cidade.</p> <p>----</p>
<p>WILLIAM – Eu aprendi que fronteira é uma divisão entre dois países. E também aprendi que o nome de Bagé veio de um historiador chamado Tarcísio Taborda, ou de um índio chamado de Ibagé porque ele morava em Bagé. E também aprendi que o nome de Bagé na língua indígena significava cerros.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Hoje eu aprendi sobre um livro chamado Lata de Tesouro escrito por Carlos Urbim, o livro falava sobre um garoto chamado Carlos, seu apelido quem lhe deu foi Dona Juana, uma senhora gentil, bondosa, atenta e carinhosa. O livro fala também do marido de Dona Juana chamado Capitão Lucas e seu cachorro Titânio. O garoto gostava de Dona Juana como uma mãe.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Eu aprendi na aula hoje como se localiza as cidades Bagé, Porto Alegre, Santana do Livramento, Montevideu, Tacuarembó e Aceguá. Como desenhar um mapa com todas essas cidades do Rio Grande do Sul e do Uruguai, eu também</p>	<p>Eu aprendi lendo, escrevendo, pesquisando e com a minha professora me ensinando. Tudo isso eu gostei muito porque é muito bom.</p> <p>-----</p> <p>Não escreveu</p> <p>-----</p> <p>Eu aprendi com o mapa e com os meus colegas e com a minha professora e também com outras pessoas.</p>	<p>Eu gostaria de aprender como se faz doce de leite e outras coisas como falar língua deles, o jeito deles se comunicar, etc.</p> <p>-----</p> <p>-----</p> <p>Eu gostaria de aprender como é que se faz um morro do brasil todo, também gostaria de aprender como se faz uma lata de tesouros.</p>

<p>aprendi a desenhar os personagens do livro Lata de Tesouros, que eram a Dona Juana, Capitão Lucas, Julinho, Titânio, os pais do Carlos e o Carlos. Eu aprendi a desenhar uma chácara que esses personagens viviam.</p> <p>----</p> <p>Dia 05/07 – Eu aprendi a fazer uma história fictícia sobre fronteiras, cidadãos fronteirços, características da nossa cidade e do nosso país vizinho Uruguai, livro Lata de Tesouros.</p> <p>----</p> <p>Dia 12/07 – Hoje eu fui viajar para Aceguá, a cidade de fronteira do Brasil e do Uruguai. Eu gostei muito da viagem porque quando nós chegamos em Aceguá, o nosso guia Ricardo contou uma lenda, depois a gente foi visitar o prefeito de Aceguá, depois fomos ao lugar que tinha um mastro com as duas bandeiras.</p>	<p>----</p> <p>Lendo, escrevendo com a minha professora querida Daniela, eu amo muito a minha professora.</p> <p>----</p> <p>----</p> <p>Não escreveu</p>	<p>----</p> <p>Não escreveu</p> <p>----</p>
<p>ANDERSON – Eu aprendi um pouco sobre a história da nossa cidade e sobre fronteiras. E também alguns costumes do Uruguai, também onde se localiza.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Hoje eu aprendi um pouco de poesia e uma história que um menino que nasceu em Santana do Livramento. Ele tinha uma lata que guardava tudo que era importante para ele.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Não veio a aula</p>	<p>Não escreveu</p> <p>-----</p>	<p>-----</p>
<p>YARLEI – Eu aprendi que o Uruguai faz parte com nosso país e nós fazemos como dançar e tomar mate. A moeda do Uruguai é peso e no Rio Grande do Sul é real. É muito legal e aprendi que a professora falou como lá é peso e lá eles vendem coisas boas.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Eu aprendi uma história sobre Lata de Tesouro, a história falava sobre infância, amizade e muito mais. Eu aprendi também com a professora explicando como eles faziam as coisas, eles moravam em Santana do Livramento e eles plantavam.</p> <p>-----</p>	<p>Eu aprendi com a professora explicando como funciona no Uruguai, como lá é lindo, que é bom lá e muito legal, muito linda as praças de lá, muito amorosa as pessoas.</p> <p>----</p> <p>Eu aprendi com a professora falando deles e uma pessoa existia, eles moravam em</p> <p>-----</p>	<p>Eu gostaria de aprender mais sobre lá, como funciona lá e quero aprender como falar um pouco mais em espanhol.</p> <p>----</p> <p>Não terminou</p> <p>-----</p>

<p>Dia 21/06 –Eu aprendi hoje muitas coisas legais, como fazer um círculo para mostrar fotos dentro da caixa, foi muito legal. Também fizemos um mapa, fiz desenho, gostei muito dessa aula. Obrigado professora por tudo.</p> <p>----</p> <p>Dia 28/06 – Eu aprendi que participar das aulas é legal, eu fiz trabalho com meus colegas, eu aprendi a pesquisar com a professora, aprendi também sobre a história da escritora Juana de Irbourou.</p> <p>----</p> <p>Dia 13/06 – Eu fui viajar para Aceguá, conheci um senhor legal, vi um vídeo sobre Aceguá e muitas coisas, lá é muito frio, conheci vários lugares.</p>	<p>Aprendi sobre como é um mapa, como tem variedade de país bonitos e aprendi como é legal participar.</p> <p>----</p> <p>Aprendi com a professora explicando, aprendi várias coisas, nós vamos fazer um blog, vamos tirar fotos e várias coisas, foi legal esta aula, obrigado professora.</p> <p>----</p>	<p>Gostaria de aprender muitas coisas, como onde fica Aceguá, eu queria viajar.</p> <p>----</p> <p>Eu gostaria de aprender sobre e como as histórias, professora você mudou a minha vida professora.</p> <p>----</p>
<p>WANDO– Eu aprendi hoje várias coisas sobre a divisa do Uruguai com Bagé. A professora deu um cartão para nós: um verde, um vermelho e um azul. O verde era para escrever de que tu gostas, eu gosto de caminhar. O vermelho era para escrever sobre a minha cidade e azul era para os costumes da minha cidade.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Eu aprendi sobre uma matéria, sobre fronteira. Lemos um livro, o nome era lata de Tesouros e contava sobre fronteira, amizade, etc.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Eu aprendi a localizar as cidades no papel pardo, fizemos um mapa para saber mais a localização. É muito bom aprender sobre as coisas.</p> <p>---</p> <p>Dia 13/07 – Vimos um vídeo em Aceguá dizendo da história de Aceguá. Eu aprendi hoje várias coisas, gostei muito da viagem, foi ótima.</p>	<p>Com folhas que a professora deu para nós que tinha as explicações, com o que eu e meus colegas aprendemos, lemos e conversamos, entre a professora e os meus colegas.</p> <p>-----</p> <p>Aprendi com uma leitura Lata de Tesouro, fizemos um círculo e a professora leu um pouco, os meus colegas também leram. Falava sobre um garoto que passou dois meses na fazenda.</p> <p>-----</p> <p>Desenhando no papel pardo eu e meu colega Yarlei, Daniel e William, fizemos uma fazenda, um poço, um rio e foi muito bom.</p> <p>AMO A PROFESSORA DANIELA.</p> <p>---</p> <p>Olhando um vídeo sobre Aceguá, depois eu e meu colega brincamos de pega-pega e tiramos muitas fotos de lá.</p>	<p>Gostaria de aprender a história da minha cidade Bagé, nunca ouvi a história dela. Deve ser bem legal, ainda quero saber a história.</p> <p>-----</p> <p>Gostaria de aprender várias coisas, mas quero mais leituras, histórias que a professora lê.</p> <p>-----</p> <p>Queria aprender mais sobre várias coisas que não sei ainda, mas quero aprender mais sobre localização das cidades.</p>
<p>LAURA – Eu aprendi o que mais gosto de fazer. Um pouco da minha cidade Bagé.</p>	<p>Eu aprendi através das palavras dos meus colegas e</p>	<p>Mais conhecimento. Eu não tenho mais o que</p>

<p>As características, a história de Bagé e também o mapa de Bagé, com os seus limites territoriais, também as características do país, o nosso vizinho Uruguai.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Eu aprendi na aula de hoje um livro muito interessante, o título é Lata de tesouros. De um menino que se chamava Carlos, onde ele morava, o que ele gostava e as características de sua família e vizinhos.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Eu aprendi na aula de hoje as minhas lembranças e dos colegas. Foi muito bom porque foi um aprendizado e tanto. Depois nós fizemos um trabalho sobre o tema de um livro a Lata de Tesouros.</p> <p>----</p> <p>Dia 28/06 – Eu aprendi que a minha cidade é legal porque tem muita coisa legal como se convive com os outros, ler bastante e fazer amizade com os outros, também uma história do escritor Carlos.</p> <p>----</p> <p>Dia 05/07 – Bom, nós fizemos uma história fictícia sobre assuntos estudados: fronteiras; Cidadãos fronteiriços; características da nossa cidade e do nosso país vizinho, o Uruguai; o livro Lata de Tesouros; A pesquisa no laboratório de informática; e foi isso que aconteceu na aula.</p> <p>----</p> <p>Dia 13/07 – Na aula de hoje nós fizemos um passeio para Aceguá, nós aprendemos muitas coisas e depois nós caminhamos e fomos no Uruguai e conhecemos o prefeito de Aceguá, tiramos muitas fotos e vimos muitas obras primas.</p>	<p>dos cartões que a professora fez para nós dizer o que você mais gosta, características da nossa cidade e as características do Uruguai.</p> <p>-----</p> <p>A professora pediu que todo mundo da classe fizesse uma roda e depois ela leu o livro e com alguns colegas lendo.</p> <p>-----</p> <p>Bom, a professora pediu que todos os alunos trouxessem uma caixa ou lata para botar o que fez parte de sua vida, suas lembranças e depois ela pediu para desenhar a chakra, mapa e personagens.</p> <p>----</p> <p>Fazendo um trabalho sobre a nossa cidade e depois escrever e botando e colocando imagens.</p> <p>-----</p> <p>A professora pediu que fizesse dupla e depois ela entregou uma folha e pediu que escolhesse algumas das alternativas e minha dupla escolheu fronteiras e misturamos a história de Carlos Urbim.</p> <p>----</p> <p>Duas pessoas apresentavam o Uruguai, Elaine e Ricardo e eles mostravam um vídeo sobre a educação, as escolas e outras coisas.</p>	<p>falar porque a professora já trouxe muitas coisas.</p> <p>-----</p> <p>Gostaria de aprender mais sobre outros livros. Exemplos: características, o que leva à história.</p> <p>-----</p> <p>Não teminou</p> <p>----</p> <p>Sobre mais personagens mais histórias de outros escritores os livros de poesia e assim vai.</p> <p>----</p> <p>Mais histórias sobre os poetas da vida dele fazer trabalhos sobre isso.</p> <p>----</p> <p>Gostaria de viajar mais, fazer uma volta, conhecer o que fazem e muitas coisas.</p>
<p>JAIRO – Eu aprendi sobre a fronteira que há e porque foram criadas, aprendi o que tem no meu município, até porque a minha cidade é uma fronteira com o Uruguai. Lá no Uruguai tem coisas parecidas com as que a gente tem em minha cidade, as culturas e só.</p> <p>-----</p>	<p>Eu aprendi com as explicações da minha professora, com a folha que ela nos deu, com meu entendimento, com o que eu já sabia sobre fronteira e a cultura da minha cidade e do Uruguai.</p> <p>-----</p>	<p>Eu gostaria de aprender sobre a cultura de diversas cidades, não só da minha, mas de outros lugares, até mesmo países tipo França, Portugal, etc.</p> <p>-----</p> <p>Eu gostaria de aprender</p>

<p>Dia 14/06 – Eu aprendi sobre um livro que se chama Lata de Tesouros, nesse livro eu aprendi a importância de ter amigos e como é ruim deixar uma pessoa que a gente gosta em outra cidade ou em outro lugar.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 –Hoje eu aprendi algumas coisas, tinha que desenhar o Rio Grande do Sul e sobre algumas cidades que fazem fronteira com o Uruguai. E também fizemos nossa caixa de tesouros que a gente pode colocar várias coisas, tipo objetos, cartas e fotos e a aula de hoje foi muito legal.</p>	<p>Eu aprendi lendo, interpretando e com as explicações da professora Daniela e os meus colegas lendo.</p> <p>-----</p> <p>Eu aprendi junto com meus colegas e a professora Daniela ela é uma ótima professora. Ela fez uma dinâmica com a caixa de tesouros e deu para aprender um pouco de cada um.</p>	<p>sobre outros livros e sobre outras histórias de pessoas que eram amigos e que tinha poesia no meio da história.</p> <p>-----</p> <p>Eu gostaria de aprender sobre mais fronteiras e muitos mapas novos e é só.</p>
<p>EVERTON – Eu aprendi sobre Bagé. Eu não sabia que o Uruguai faz fronteira com Jaguarão, todas estas coisas eu achei interessante.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Aprendi sobre a fronteira de Bagé com o Uruguai, quando a professora leu a história e eu achei interessante. Também vi falando sobre um garoto que era chamado Carlos, mas a Dona Juana chamava ele de Chico Carlo. Toda essa história tinha a ver com Bagé e o Uruguai. Todas essas coisas eu achei legal.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Eu aprendi sobre o Uruguai, as cidades que ficam no Uruguai e que faz fronteira com várias cidades, poucas cidades.</p>	<p>A professora explicou porque Bagé tem esse nome e ela disse que tem duas coisas, que morava o índio Ibagé e por isso que era Bagé e outra coisa, ela disse que era por causa do historiador Tarcísio Taborda.</p> <p>-----</p> <p>A professora leu o livro e eu aprendi e explicando. Eu fui entendendo tudo o que tinha no livro.</p> <p>-----</p> <p>A professora leu o livro e eu entendi quando ela leu, deu para saber quais cidades tinha no Uruguai. Eu gostei muito da história e de ter feito a caixa de tesouros.</p>	<p>Eu queria aprender mais sobre Bagé e o Uruguai.</p> <p>-----</p> <p>Eu queria aprender sobre quem descobriu o Uruguai.</p> <p>-----</p> <p>Eu queria saber mais sobre essas cidades que é Bagé e o Uruguai e como surgiu as duas cidades que é Bagé e o Uruguai.</p>
<p>CAMILA – Eu aprendi os idiomas de Aceguá, bom eu já sabia, mas eu aprendi um pouco mais sobre o Uruguai e Aceguá. A professora deu uma folha com mapa e depois eu e os meus colegas fizemos um trabalho sobre o que eu gostava.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Bom, eu aprendi sobre o livro Lata de Tesouros, de Carlos Urbim. A Dona Juana fazia poemas e o Carlos</p>	<p>Eu aprendi com a professora explicando e com os colegas também.</p> <p>-----</p> <p>Eu aprendi com a professora lendo o livro e os meus</p>	<p>Não sei no momento.</p> <p>-----</p> <p>Não sei no momento.</p>

<p>queria fazer também, aí um dia ele fez uma poesia, ficou boa, mas podia melhorar, mas para a primeira poesia.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Eu aprendi sobre as coisas antigas dos meus colegas e depois a prof. Mandou a gente fazer um desenho sobre o livro mapa de tesouros.</p> <p>----</p> <p>Dia 05/07 – Eu e a Maria Helena fizemos uma história sobre fronteira e outras coisas.</p> <p>----</p> <p>Dia 13/07 – Eu aprendi porque o nome de Aceguá, o Ricardo secretário de turismo de Aceguá ele contou a lenda, bom eu não vou contar né mas foi por causa de um cachorro que latia guá. Também tinha uma mulher chamada Elaine, ela passou um vídeo para nós sobre a cidade de Aceguá e depois a gente foi conhecer a cidade.</p>	<p>colegas também leram o livro.</p> <p>-----</p> <p>Eu aprendi olhando as coisas antigas dos meus colegas e a professora explicando um pouco de cada coisa.</p> <p>----</p> <p>Eu aprendi tudo com a professora Daniela ensinando e com a minha colega Maria Helena me falando o que eu não sabia e eu falando para ela o que ela não sabia.</p> <p>----</p> <p>Eu aprendi com o Ricardo e com a Elaine, eles mostraram tudo para nós e também nos mostraram o Uruguai e o Brasil.</p>	<p>-----</p> <p>Não escreveu</p> <p>----</p> <p>Não escreveu</p> <p>----</p> <p>Não escreveu</p>
<p>MATHIAS – Eu aprendi mais sobre Bagé.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Eu aprendi sobre poemas.</p> <p>----</p> <p>Dia 21/06 – Não muita coisa.</p> <p>----</p> <p>Dia 28/06 – Eu aprendi que como se chama a fronteira do Uruguai com o Brasil é chamado de fronteira seca porque não tem nada que impede uma pessoa passar de um país para o outro e que a prefeitura é pequena.</p>	<p>Com a professora falando.</p> <p>-----</p> <p>Com os meus colegas lendo o livro.</p> <p>----</p> <p>Com os sentimentos</p> <p>---</p> <p>Vendo</p>	<p>Sobre o Uruguai.</p> <p>-----</p> <p>Sobre a vida.</p> <p>-----</p> <p>A como viver bem.</p> <p>----</p> <p>Eu gostaria de aprender lendas uruguaias.</p>
<p>DANIEL – Hoje eu aprendi como uma fronteira funciona, as características e a minha cidade faz fronteira com Bagé, que faz fronteira com Aceguá (Uruguai). Eu já sabia, mas agora eu me aprofundi mais ainda sobre a fronteira. Eu achei legal as divisões que são chamadas fronteiras, então nós temos que se aprofundar para saber isso.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Eu aprendi uma história chamada “Lata de Tesouros”. Essa história é de um menino chamado Carlos, ele queria ser doutor em plantas. Ele morava no Uruguai, em uma cidade</p>	<p>Eu aprendi através da leitura com a professora. A professora faz a gente ler para nós sabermos mais a leitura, eu acho que é uma das melhores formas de aprendermos os conteúdos e nos aprofundarmos.</p> <p>-----</p> <p>Eu aprendi lendo a história chamada Lata de Tesouros, a história é bem legal, a professora leu uma parte e deu para eu e para outros</p>	<p>Eu queria saber por que a paisagem de Bagé é assim tão rica em florestas, bastante mata, animais, rios e lagos.</p> <p>-----</p> <p>Eu gostaria de me aprofundar mais na história porque ela é um exemplo para nós, a história é divertida e</p>

<p>chamada Melo. Ele nasceu no Brasil, em Bagé, onde eu me localizo agora e vivo. Ele era muito menino cheio de sonhos, tinha vários amigos e gostava de empinar pipas.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Hoje eu aprendi a compartilhar as coisas da caixa que nós trouxemos, todo mundo compartilhou suas fotos e coisas importantes da sua vida. Fizemos a localização das cidades do Uruguai e do Brasil. Então foi só isso que a gente aprendeu. Gostei muito.</p> <p>----</p> <p>Dia 28/06 – Hoje eu aprendi melhor a história de Bagé, Rio Grande do Sul, onde eu moro. Aprendi que Bagé teve bastante guerras, eu já sabia, mas tô me aprofundando mais e a história de Bagé teve seus momentos ruins e bons, a história de Bagé tem batalhas, teve brigas para quem ficava com os terrenos de Bagé inteiros espanhóis e portugueses, por isso que eu amo morar na minha cidade.</p> <p>----</p> <p>Dia 05/07 – Eu aprendi ao longo de todo esse tempo tudo praticamente da fronteira entre Bagé Brasil e Aceguá Uruguai. Então criei uma história parecida com a nossa do projeto. É um menino, ele funda um projeto bem legal de fronteira que o projeto só tinha no Uruguai e no Brasil ele foi passando e está aí até hoje.</p> <p>----</p> <p>Dia 13/07 – Eu aprendi mais que eu sabia porque fomos para Aceguá Brasil e Aceguá Uruguai. Essa viagem foi importante para nós alunos do 6ª A porque nós temos que conhecer nossa história. Agente aprendeu lendas de Aceguá e o porquê do nome. Então eu nunca vou esquecer da viagem de ensino.</p>	<p>colegas para lermos, gostei muito da história, gostei muito.</p> <p>-----</p> <p>Eu aprendi desenhando as localizações das cidades do Uruguai e do Brasil. E também mostrando e compartilhando as coisas que gostamos mais. E a ajuda do livro que lemos semana passada.</p> <p>----</p> <p>Eu aprendi pela internet, pesquisando a história de Bagé RS e lendo, fiz um resumo dela, ficou bem legal. Através da leitura e pesquisa consegui realizar a atividade pedida pela professora.</p> <p>----</p> <p>Eu aprendi muita coisa nesse projeto por isso criei essa história parecida com a nossa do projeto. Então esse projeto me ajudou muito e já que essa é a penúltima aula eu quero agradecer a professora Daniela pelo trabalho.</p> <p>----</p> <p>Aprendi muita coisa ao longo do projeto e da viagem. Essa viagem aprendi lendas e o porquê do nome da cidade. Essas lendas eu acho que não vou esquecer nunca e também da viagem que foi divertida e nos ajudou muito.</p>	<p>tem partes engraçadas. Então um livro que ajuda a pensar o que devemos fazer na vida.</p> <p>----</p> <p>Eu gostaria de aprender mais a localização da minha cidade e do Uruguai que faz fronteira com a gente, já que a gente vai viajar para o Uruguai mês que vem, a gente vai se aprofundar mais.</p> <p>-----</p> <p>Eu gostaria de aprender porque nossa cidade foi tão disputada pelos espanhóis e portugueses. Uma cidade tão pequena e tão disputada, porque isso.</p> <p>----</p> <p>Eu não gostaria de aprender muita coisa porque na próxima aula nós viajaremos para Aceguá no Uruguai e Aceguá Brasil é isso.</p> <p>----</p> <p>Nós estamos encerrando o projeto hoje, último dia que estamos escrevendo nesse caderno. Já aprendi quase tudo que podia aprender eu já aprendi.</p>
<p>GABRIELA – Aprendi bastante sobre a fronteira de Bagé e Uruguai, aprendi bastante com os meus colegas sobre o que eles gostam, o que acham da nossa cidade e também um pouco do Uruguai, o</p>	<p>Aprendemos através do texto que a maioria das pessoas leu sobre a divisa de Bagé e Uruguai.</p>	<p>Sobre o que os que moram no Uruguai gostam.</p>

<p>que eles gostam de fazer, enfim, aprendi bastante coisa nessa aula!</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Aprendi através de um livro: “Lata de Tesouros”, fala de um menino que gostava muito de poesia, sobre as fronteiras. Ele morava em Santana do Livramento, mas uns tempos ele acabou mudando de cidade e foi assim que virou um grande poeta.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Aprendi como localizar Uruguai, Bagé, Santana do Livramento e etc. através de desenhos e rabiscos, também conheci mais sobre as fronteiras através de um mapa como nos localizar, gostei bastante dessa aula.</p> <p>----</p> <p>Dia 05/07 - Fizemos uma história fictícia sobre os assuntos estudados, a história tinha que falar sobre as fronteiras, os cidadãos fronteiriços e também sobre a Lata de Tesouros. Falamos sobre que o Uruguai fazia as mesmas coisas que nós, mas na verdade todos nós sabemos que não é verdade.</p>	<p>-----</p> <p>Por um livro: Lata de Tesouros, falando de um menino que gostava de poesias.</p> <p>-----</p> <p>Não escreveu</p> <p>----</p> <p>Não escreveu</p>	<p>-----</p> <p>Quero aprender bastante sobre as fronteiras.</p> <p>-----</p> <p>---</p>
<p>CRISTÓVOM – Eu aprendi muitas coisas e culturas diferentes, eu gostei muito da nossa cidade ser vizinha de um país tão bonito, o Uruguai. Também eu aprendi que a nossa cidade tem mais zona rural que urbana, é muito legal isso, eu adorei isso.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Eu aprendi na aula de hoje muitas coisas, mas o que eu mais gostei foi o livro Lata de Tesouros do Carlos Urbim. Falava um pouco da história do Carlos, mas na história Dona Juana, a dona da fazenda onde os pais dele trabalhavam chamava o Carlos de Chico Carlo. Só.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Eu aprendi a localizar as cidades vizinhas como Uruguai, eu desenhei com os meus amigos, a professora ensinou também, a gente fez um rascunho para passar para a cartolina e também o sítio da Dona Juana e os personagens.</p> <p>-----</p>	<p>Eu aprendi hoje com os meus colegas e com a minha professora legal, com o texto que ela deu e com uma atividade que ela deu, os meus colegas se superaram.</p> <p>-----</p> <p>Com o livro da professora Daniela.</p> <p>-----</p> <p>Com um mapa que a professora trouxe.</p> <p>-----</p>	<p>Eu já aprendi.</p> <p>-----</p> <p>Já aprendi.</p> <p>-----</p> <p>Já aprendi.</p> <p>----</p>

<p>Dia 05/07 – Eu e meu colega Pedro Machado fizemos juntos um texto de tudo que nós aprendemos nas aulas da professora Daniela sobre fronteira e sobre o livro Lata de Tesouros, eu gostei muito e sobre as características do nosso país e o país vizinho foi muito legal nesse dia.</p> <p>----</p> <p>Dia 13/07 – Eu aprendi porque o nome de Aceguá foi dado assim, o guia Ricardo contou a história, eu não vou contar a história porque não tem espaço e a professora Elaine, a coordenadora pedagógica de Aceguá, ela apresentou um vídeo das pessoas contando mais um pouco de Aceguá.</p>	<p>Com o meu colega Pedro e com a minha professora Daniela aprendi muitas coisas.</p> <p>----</p> <p>Com os professores</p>	<p>Mais um pouco do Uruguai.</p> <p>----</p> <p>Já aprendi.</p>
<p>SILVIA – Hoje eu aprendi que Bagé faz fronteira com o Uruguai, que é um país cheio de costumes iguais aos nossos: mate, doce de leite e outros. E no início de Bagé, ele era um imenso “tapete verde”.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Hoje eu aprendi a história do livro lata de Tesouro, de Carlos Urbim. Que fala da história de um menino chamado Carlos e ele tinha uma lata de tesouro.</p> <p>----</p> <p>Dia 21/06 –Hoje nós fizemos um cartaz com mapas, desenhamos uma fazenda e pessoas e pessoas do livro que lemos Lata de Tesouros; e nós fizemos grupo de quatro pessoas o trabalho do cartaz e também apresentamos nossa caixa de tesouros.</p>	<p>Bom, a professora Daniela nos deu três cartões: um verde, um vermelho e um azul para nós falarmos o que nós gostamos no cartão verde, no vermelho escrever sobre nossa cidade e o azul sobre as características do país vizinho e a professora nos deu umas folhas.</p> <p>-----</p> <p>A professora leu um livro, ela contava um pouco e nos explicava.</p> <p>-----</p> <p>Nós fizemos cartazes e olhamos mapas e a professora deu algumas coisas para nós fazer no cartaz.</p>	<p>Bom, não gostaria de aprender mais nada, mas o que poder viu eu vou gostar muito.</p> <p>-----</p> <p>Bom, não gostaria de aprender mais nada. Mas o que puder vir será muito bom.</p> <p>-----</p> <p>Gostaria de saber mais sobre as cidades que falamos hoje.</p>
<p>SUÉLEN – Hoje eu aprendi sobre as fronteiras, eu já sabia só que ficou mais legal a aula porque tivemos que ler, fizemos cartões também falando sobre nós, sobre Bagé e sobre as características do nosso país vizinho que é o Uruguai.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Hoje eu aprendi por um livro</p>	<p>Eu aprendi lendo, fazendo cartões, pelo mapa, com as explicações da professora e também prestando atenção.</p> <p>-----</p>	<p>Eu gostaria de aprender um pouco mais sobre a história de Bagé, como Bagé era antes.</p> <p>-----</p> <p>Um pouco mais sobre o</p>

<p>que um menino que morava em Santana do Livramento foi com seus pais passar um tempo em Melo no Uruguai. Lá ele conheceu a Juana. Ela era escritora e dona de casa. O menino depois de um tempo voltou para casa, ele se chamava Carlos, mas chamavam ele de Chico Carlo.</p> <p>----</p> <p>Dia 28/06 – Hoje eu fui para a informática com a professora e aprendi um pouco do Uruguai, fiz um trabalho que era muito legal, Cerro Largo departamento de Uruguai e foi isso. Pesquisei e copieei para o word.</p> <p>----</p> <p>Dia 13/07 – Na aula de hoje eu fiz uma atividade em dupla que era fazer uma história sobre o Uruguai, fronteiras, livro Lata de Tesouros e tudo o que aprendi no projeto.</p> <p>----</p> <p>Dia .../07 – Hoje eu aprendi bastante sobre as fronteiras porque eu fui para o Uruguai ou melhor Aceguá, lá passaram vídeos, nos levaram para a fronteira, fomos até a prefeitura, foi muito boa a tarde.</p>	<p>Eu aprendi por um livro que a professora leu para nós.</p> <p>----</p> <p>Eu aprendi pelo computador copiando e lendo, também fazendo trabalho.</p> <p>----</p> <p>Eu aprendi fazendo uma história sobre tudo que nós aprendemos no projeto.</p> <p>----</p> <p>Eu aprendi indo para o Uruguai e Aceguá, ouvindo uma palestra, vendo um vídeo, vendo um monte de lugares.</p>	<p>livro.</p> <p>----</p> <p>Gostaria de aprender um pouco mais sobre o Uruguai.</p> <p>----</p> <p>Eu aprendi tudo o que gostaria de aprender e foi muito bom aprender.</p> <p>----</p> <p>Gostaria de aprender mais pequenas coisas porque a maior parte já aprendi.</p>
<p>GIULIA – Eu aprendi sobre a minha cidade, a história dela, como ela é. Aprendi também que a cidade de Bagé tem mais campo do que cidade, mais rural.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Hoje eu vi um livro que era lata de Tesouros, dizia sobre um menino que morava em Santana do Livramento e que foi para uma chácara e lá tinha a Juana que chamava ele de Chico Carlos.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Hoje na aula a professora fez uma atividade que cada um tinha que trazer uma caixa e tudo o que foi importante na sua vida, que nem a história do Carlos que guardava as coisas na caixa de tesouros.</p> <p>----</p> <p>Dia 28/06 – A professora levou nós no laboratório de informática para aprender um pouco mais da minha cidade e do Uruguai e sorteou uns papeizinhos para nós tirar um e pesquisar sobre o que</p>	<p>Eu aprendi com um texto que li, com o que a professora explicou.</p> <p>-----</p> <p>Eu aprendi com a leitura e a professora falando o que acontecia e explicando.</p> <p>----</p> <p>Eu aprendi que guardar o que é importante é uma coisa da vida, do tempo, é para aprender.</p> <p>----</p> <p>Eu aprendi lendo e fazendo as coisas que a professora encaminhou.</p> <p>----</p>	<p>Gostaria de aprender mais sobre a história de Bagé e dos vizinhos.</p> <p>-----</p> <p>Eu já aprendi tudo o que eu vi hoje, mas também quero aprender mais coisas que são importantes.</p> <p>----</p> <p>Eu tô aprendendo tudo e gostaria de aprender cada dia mais.</p> <p>----</p> <p>Gostaria de aprender tudo o que for importante e sobre mais ainda da minha cidade.</p> <p>----</p>

<p>tiramos.</p> <p>----</p> <p>Dia 13/07 – Hoje eu fui visitar o Aceguá e lá teve um guia que mostrou tudo para nós, foi interessante o que eu aprendi e gostaria de ir mais vezes. Lá fomos visitar a prefeitura e todo mundo falava em língua diferente.</p>	<p>Eu aprendi com o guia explicando e a professora falando mais um pouco, eu prestei bastante atenção em tudo.</p>	<p>Eu já aprendi quase tudo da minha cidade e acho que isso tudo foi importante de aprender.</p>
<p>SILVIO – Eu aprendi coisas boas com a folhinha que eu escrevi, sobre Bagé, Uruguai e outras coisas.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 –Hoje eu aprendi sobre um livro que na capa dizia assim: Carlos Urbim. O livro era muito interessante, falava de paisagem, falava do Uruguai e muitas coisas boas.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Aprendi sobre mapas, tipo Brasil e Uruguai. Tipo também sobre desenhar, pintar e outras coisas boas.</p> <p>----</p> <p>Dia 28/06 – Há eu aprendi melhor as coisas, escrever é muito hoje eu aprendi bastante coisa. Sobre a história de Bagé e como se formou e outras coisas legais que eu aprendi com a professora Daniela, ela é a melhor professora que eu tenho no mundo. Por hoje é só.</p> <p>----</p> <p>Dia 05/07 – Hoje eu aprendi a história de um menino que se chamava Vítor. Falava sobre o Uruguai e falava também sobre o Brasil. O menino só fazia coisas boas para os outros, tipo dava comida e roupas para as pessoas pobres que não tinham dinheiro.</p> <p>-----</p> <p>Dia 13/07 – Bá o passeio foi muito bom pramim, eu prestei muita atenção, aprendi as coisas do Uruguai e Brasil. O professor Ricardo foi explicando muitas coisas legais sobre a bandeira do Uruguai</p>	<p>Aprendi que no Uruguai não tem moeda igual em Bagé, em vez de ser em reais, é em pesos. O Uruguai tem muitas coisas, tipo tem pessoas que falam em espanhol.</p> <p>-----</p> <p>Eu ouvi, mas na hora que a professora estava explicando eu estava dormindo, mas igual eu aprendi que o livro falava de férias, como a cenoura falou com a vassoura.</p> <p>-----</p> <p>Desenhando tipo a casa que a gente fez, além de coisas, a gente fez o jardim, o campo, mas ainda falta um bom detalhe.</p> <p>----</p> <p>Aprendi a escrever sobre a história de Bagé e tantas outras coisas legais, tipo do Uruguai e do Brasil inteiro.</p> <p>----</p> <p>Aprendi que é bom ajudar os outros, tipo aqueles que não tem coisas, nem comida, nem um centavo, é muito triste.</p> <p>----</p> <p>Quando olhamos o vídeo que mostrava pessoas que moravam em Aceguá, também mostrava toda a cidade de Aceguá, como também a gente primeiro</p>	<p>Aprender mais sobre essas coisas do Uruguai.</p> <p>-----</p> <p>A ler direitinho e também não ter vergonha na hora de ler as coisas.</p> <p>-----</p> <p>Já aprendi.</p> <p>----</p> <p>Já aprendi tudo. Há tomara que eu passe de ano para me sentir melhor e fortalecer a minha vida.</p> <p>----</p> <p>Já aprendi</p> <p>----</p> <p>Gostaria de aprender mais sobre o Uruguai e coisas de lá.</p>

e do Brasil.	estava no brasil depois passamos para Uruguai.	
<p>GABRIEL – Dia 08/06 não veio a aula.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 – Que toda história tem seu valor sentimental ou material, que toda história deve ser vivida com amor, carinho e dedicação.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Aprendi a desenhar.</p>	<p>-----</p> <p>Lendo, ouvindo e com os colegas.</p> <p>-----</p> <p>Fazendo os exercícios, desenhando com os colegas da sala de aula.</p>	<p>-----</p> <p>O que aconteceu com eles depois de eles voltarem para Rivera.</p> <p>-----</p> <p>Aprender como a região era, sua localização e características.</p>
<p>CARLOS – Eu aprendi que no Uruguai a moeda é chamada de peso, que o Uruguai é vizinho de Bagé, que as pessoas no Uruguai falam em outra língua, mas eles tomam chimarrão igual a gente no Brasil. A cidade do Uruguai é boa porque tem coisas que em Bagé não tem. Bagé tem bastante floresta e foi isto que eu aprendi na aula da hoje com a professora Daniela.</p> <p>-----</p> <p>Dia 14/06 - Eu aprendi uma história bem legal, a história é chamada Lata de Tesouros, esta história foi bem legal porque a professor leu um pouco e um pouco alguns colegas leram também. Então foi isso que eu aprendi.</p> <p>-----</p> <p>Dia 21/06 – Eu aprendi que na aula passada a professora leu um livro e na aula de hoje os alunos trouxeram uma caixa das coisas que a gente gostava e depois a gente ia fazer um trabalho sobre esta história.</p> <p>-----</p> <p>Dia 28/06 – Eu aprendi na aula de hoje sobre a história da escritora Juana de Irbarbourou e uma história antiga de muitos muitos anos atrás.</p> <p>-----</p> <p>Dia 05/07 – Eu aprendi sobre o Uruguai que é um país vizinho ao nosso lado, lá eles tem vários costumes.</p> <p>-----</p> <p>Dia 13/07 – Eu aprendi alguns lugares legais que tem lá, várias coisas sobre a lenda do nome Aceguá, que guá disse que</p>	<p>Eu aprendi com a professora Daniela, ela explicou para nós como se falava, a moeda de lá, que é diferente da de Bagé e os colegas deram sugestões do que tinha mais neste país do Uruguai, que é legal, bonito e é vizinho da nossa cidade Bagé.</p> <p>-----</p> <p>Como eu aprendi, a professora explicou algumas coisas e os alunos leram um pouco também e foi como eu aprendi.</p> <p>-----</p> <p>Eu aprendi que a professora leu este livro para nós e a gente estava fazendo o trabalho.</p> <p>-----</p> <p>Eu aprendi que a professora Daniela deu um papel vermelho e fizemos uma votação para o blog de hoje.</p> <p>-----</p> <p>Eu aprendi quando a professora entregou a folha e nós fizemos sobre o Uruguai.</p> <p>-----</p> <p>Com o homem Ricardo que é secretário de Turismo.</p>	<p>Eu gostaria de aprender.</p> <p>-----</p> <p>Eu gostaria de aprender como são as cidades da história, como e o que eles brincavam.</p> <p>-----</p> <p>Eu gostaria de saber e conhecer estas cidades que tinha que localizar.</p> <p>-----</p> <p>Eu aprendi com a ajuda da professora e com a ajuda dos colegas.</p> <p>-----</p> <p>Eu gostaria de aprender mais coisas que tem no Uruguai.</p> <p>-----</p> <p>Eu gostaria de aprender sobre alguns mais costumes como e as</p>

<p>era um cachorro que latiu guá e ficou assim o nome Aceguá.</p>		<p>escolas são no Uruguai.</p>
<p>JANDIR – Eu aprendi o que significa fronteira e também aprendi que Bagé é bem pequena em área urbana, ela é maior me área rural. Não veio dia 14/06</p>	<p>Li um texto, nós discutimos sobre o assunto e a professora explicou.</p>	<p>A história sobre o nosso país vizinho, o Uruguai.</p>
<p>BEATRIZ – Dia 06/06 não veio a aula. ---- Dia 14/06 – Sobre a fronteira com a história de Carlos, que era apelidado de Chica Carlo, ele vivia em Santana do Livramento mas durante as férias se mudou para Rivera, ele encontra Dona Juana, que era dona da chácara e ele gosta muito dela. Dia 21/06 – Hoje nós fizemos um mapa com os personagens e cidades da história, também nós trouxemos caixas com fotos, objetos do que eram importantes para nós. Foi bem lúdico.</p>	<p>----- Lendo o livro Lata de Tesouro. ----- Desenhando e escutando.</p>	<p>----- Não sei. ----- Um pouco mais sobre a história do Uruguai.</p>